



Patrimônio invisível: as cercas dos conventos
franciscanos do
Nordeste brasileiro

Náia de Alves
Maria Angélica da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

Náíade Alves

**PATRIMÔNIO INVISÍVEL: AS CERCAS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO
NORDESTE BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado

Maceió
2017

Náíade Alves

**PATRIMÔNIO INVISÍVEL: AS CERCAS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO
NORDESTE BRASILEIRO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a Defesa da Dissertação de Mestrado, como requisito final para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Angélica da Silva

Maceió
2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- A474p Alves, Náide.
Patrimônio invisível: as cercas dos conventos franciscanos do nordeste brasileiro / Náide Alves. – 2017.
194 f.: il.
- Orientadora: Maria Angélica da Silva.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2017.
- Bibliografia: f. 190-194.
Anexos: f. 147-153.
1. Arquitetura religiosa - Conventos – Nordeste, Brasil. 2. Cerca conventual. 3. Conventos – Patrimônio histórico. 4. Franciscanos. I. Título.

CDU: 726.71(812/813)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

Náide Alves

**PATRIMÔNIO INVISÍVEL: AS CERCAS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO
NORDESTE BRASILEIRO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a Defesa da Dissertação de Mestrado, como requisito final para obtenção de grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 03/10/2017

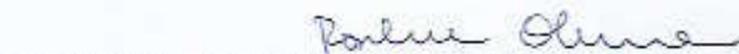


Prof.^a Dra. Maria Angélica da Silva - Universidade Federal de Alagoas – UFAL
(Orientadora)

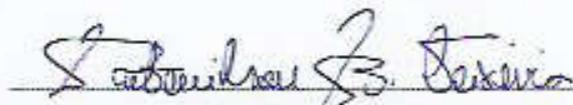
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Josemaria Omena Passos Ferrare - Universidade Federal de Alagoas –
UFAL (Examinadora Interna)



Prof.^a Dra. Roseline Vanessa Oliveira Machado - Universidade Federal de Alagoas –
UFAL (Examinadora Interna)



Prof. Dr. Rubenilson Brazão Teixeira – Universidade Federal do Rio Grande do
Norte – UFRN (Examinador Externo)

A minha mãe, Rosangela.

E aos queridos frades franciscanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus por ser presença constante em minha vida e em tudo que eu faço, abençoando-me e inspirando-me.

A minha orientadora e incentivadora, Angélica. Não tenho palavras para agradecer o trabalho incrível que ela exerce. Obrigada por me ajudar a trilhar essa longa caminhada desde a iniciação científica, ainda como graduanda.

Ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, do qual tenho orgulho em fazer parte, e, em especial, a três integrantes: Érica Aprígio, que me foi exemplo enquanto pesquisadora, e cuja dissertação de mestrado, realizada com maestria, foi-me guia; Taciana Santiago, por estar sempre disponível em ajudar, mesmo quando extremamente atarefada. A ela agradeço a realização do *abstract* deste trabalho; e Louise Cerqueira, por compartilhar experiências acadêmicas e da vida, fortalecendo-me com a sua amizade.

Aos professores Josemary Ferrare (FAU/UFAL), Roseline de Oliveira (FAU/UFAL) e Rubenilson Teixeira (FAU/UFRN) que compuseram minha banca examinadora. Obrigada pelos desafios lançados, foram eles que ajudaram a construir uma dissertação mais densa e rica.

Ao professor Geraldo Majela e ao Grupo de Pesquisa Morfologia dos Espaços Públicos (FAU/UFAL), por terem me acolhido e me incentivado a enveredar no mundo da pesquisa.

Ao professor Virgolino Jorge, da Universidade de Évora, cujos trabalhos voltados à arquitetura conventual foram compartilhados com muita generosidade. A ele também agradeço por ter me sido guia na viagem empreendida a Portugal, quando tive a oportunidade de conhecer diversos conventos, bebendo de sua experiência e sabedoria. Obrigada, sobretudo, pela sua amizade.

A todos os frades franciscanos que me doaram precioso tempo, recebendo-me durante as viagens realizadas. Agradeço ao Frei Bruno Fábio que sempre se mostrou muito disposto a contribuir com o que fosse necessário para a realização deste trabalho, recebendo-me no convento de Olinda, cedendo-me horas de conversa, e também compartilhando seus estudos sobre a cerca olindense. Ao Frei

Roberto Soares por ter apresentado o Arquivo da Província de Santo Antônio ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, mesmo antes do acervo estar aberto a visitação. E aos diversos frades que se fizeram acessíveis, mesmo com os afazeres do cotidiano. Dentre estes: Frei Leônidas Inácio, Frei Cristóvão e Frei Cassimiro, entrevistados durante estadia no Convento de São Francisco, em Salvador/BA; e Frei Hilton Freitas, entrevistado no convento de Cairu/BA.

À Irmã Palmira por ter possibilitado o acesso ao antigo convento franciscano de São Cristóvão/SE, que hoje funciona como casa das irmãs carmelitas.

Aos funcionários dos conventos pelas contribuições. Ao Seu Adriano Barbosa, que gentilmente me acompanhou durante a visita à cerca do Convento de João Pessoa/PB, mesmo com a intensa chuva que se apresentava; a Dona Jucimar Lima, por ter cedido informações sobre a cerca do Convento de São Francisco do Conde/BA; e ao Seu Antônio por ter possibilitado o acesso às ruínas do Convento de São Francisco de Paraguaçu e sua antiga cerca e, também, por ter compartilhado as informações que possuía sobre os mesmos.

A todas as pessoas que durante as visitas de campo se mostraram solidárias, tais como Dona Maria Luiza Evangelista, que cedeu entrevista e auxiliou no reconhecimento do antigo sítio pertencente ao convento de São Cristóvão/SE e Seu Ricardo Grisi, arquivista da Arquidiocese da Paraíba, que funciona atualmente no antigo convento franciscano, por ter auxiliado durante a pesquisa no acervo eclesiástico.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL) pela bolsa de mestrado fornecida, possibilitando o desenvolvimento do estudo aqui apresentado.

Intimamente, agradeço aos meus queridos amigos, pela torcida e pelas longas conversas. Em especial ao Carlos Jacinto, que trilhou o mestrado junto a mim, compartilhando os desafios que apareceram; e a Manu, companheira da vida. Obrigada por terem tornado o percurso mais leve.

Por fim, agradeço profundamente a toda minha família. A minha mãe, Rosângela, que se alegrou e sofreu junto a mim em cada passo dado. Além do amor incondicional, a ela agradeço por ter sido meus olhos e revisado meu texto, nas tantas vezes em que o cansaço e a intimidade com o mesmo já não me permitiam

fazê-lo. A minha gêmea, Inaê, por ser a pessoa que melhor me compreende e que se fez e faz presente em cada momento da minha vida. A ela agradeço também pelo auxílio na formatação desta dissertação. Ao meu padrasto, Carlos, por não ter medido esforços para me ajudar na caminhada. Obrigada pelo incentivo e pela torcida. Aos meus queridos avós, Cícero e Lucimar; aos meus tios, Rosilda e Jairo; ao meu tio-irmão, Gabriel; minhas primas, Carol, Gabi e Larissa. Obrigada pelas infinitas orações. E ao meu namorado, Blim, que é meu companheiro e melhor amigo há mais de 12 anos. E que, durante o mestrado, compreendeu com paciência e amor todas as minhas ausências.

Sou só gratidão.

RESUMO

Este estudo versa sobre edificações patrimoniais tombadas nacionalmente, mas que hoje sofrem grandes dificuldades de manutenção porque perderam, total ou parcialmente, sua função na vida urbana; panorama verificado nos complexos conventuais franciscanos do período colonial. A presença seráfica no Brasil passou a ser exprimida na forma de edificações a partir do século XVI, sua maioria implantada na porção litorânea da região Nordeste. Era essencial a estas casas a presença das cercas, grandes áreas vegetadas geralmente localizadas nos fundos e/ou nas laterais dos conventos. Estas apresentavam importante papel no cotidiano seráfico, seja para a sua automanutenção (provendo a casa de alimento, água, lenha, dentre outros), seja como complemento espacial para a vida na clausura. Elas se configuravam como um lugar íntimo, de contemplação e oração, onde dominava a presença da natureza. Com o adensamento urbano, estes terrenos passaram a se destacar no meio citadino e a perder extensão para a urbe, paulatinamente, tornando-se uma das áreas mais ameaçadas desses monumentos. Como exemplo, pode-se citar o convento franciscano de Penedo, que foi desapropriado de mais de 80% de seu terreno, e o de Recife, totalmente despojado de sua cerca. Seria este o destino adequado para espaços dotados de significação? As grandes reduções das cercas podem estar relacionadas ao fato de que, por não serem construídas, as mesmas não são percebidas enquanto patrimônio, usualmente ligado à pedra e à cal, tornando-se invisíveis. Neste sentido, o estudo destes terrenos, ainda pouco explorado, tornou-se emergencial. Optou-se por trabalhar com as cercas de todos os 15 conventos franciscanos coloniais implantados no Nordeste do Brasil. Isto, para buscar uma melhor caracterização do espaço, abordando os seus aspectos tipológicos e intangíveis, bem como para levantar o panorama geral da região no que se refere à área conventual em estudo. Com esta escolha, consegue-se enfatizar também que as cercas são, muitas vezes, desvalorizadas pelos próprios institutos de preservação aos monumentos, uma vez que estes conventos foram total ou parcialmente tombados pelo IPHAN entre os anos de 1938 e 1974. Adota-se, para tanto, uma pauta metodológica baseada, principalmente, na exploração de fontes primárias, no trabalho com iconografias, na extração de informações por meio de visitas de campo e na adoção de uma postura comparativa diante das informações alcançadas. Destaca-se que a carência e a descontinuidade dos documentos escritos tornam emergentes as demais práticas citadas. Busca-se com este trabalho contribuir com o reconhecimento patrimonial das cercas seráficas, almejando que no futuro elas sejam agraciadas com uma inserção mais plena na vida urbana das cidades em que se situam. De maneira mais ampla, pretende-se contribuir com reflexões voltadas à atual postura adotada em relação às áreas não edificadas de valor patrimonial.

Palavras-chave: Arquitetura Conventual. Cerca Conventual. Patrimônio.

ABSTRACT

This study regards historical buildings that are listed as National Heritage, nevertheless, in the present time, they face great maintenance problems, since they have lost, totally or partially, their function inside the urban life of the cities they are settled; this scenario can be seen when we analyze the Franciscan friaries in Brazil which were built during the colonial times. The construction of the seraphic houses in Brazil was carried out from the 16th century, most of them settled on the coast of the Northeastern part of the country. It was essential to these houses the presence of the “enclosures”, a large greenery usually located in the back and/or in the sides of the friaries. These areas had an important role in the seraphic daily life, either helping the self-maintenance of the friary (providing the house food, water, wood, among others), or acting as a spatial support for the life in the enclosure. They were kind of an innermost place for contemplation and prayer, where the presence of nature was strong. Due to the urban growth, this part of the friary began to stand out in the middle of the urban center and to lose area to the city, becoming one of the most threatened parts of these heritage complexes. As an example, it can be mentioned the Franciscan friary of Penedo which lost 80% of its original area, and the friary of Recife that was totally stripped of its enclosure. Would it be this fact the proper destiny for spaces that have so many important meanings? The great reductions of the enclosures can be related to the fact that, since they are not built areas, they are not perceived as heritage – which is usually linked to the stone and lime – and consequently, they become invisible. For this reason, the study of these areas, that are still not commonly subjects of researches, is urgent. The research involved all the 15 Franciscan colonial friaries settled in the Northeastern Brazil, in order to provide a better analysis of this space, concerning its typological and intangible aspects, and also to raise the general scenario of this region regarding the enclosures. With this choice, it is also possible to emphasize that the enclosures are usually even devalued by the heritage preserving institutes, since these friaries were totally or partially listed as National Heritage by IPHAN between the years of 1938 and 1974. It was adopted as methodological approach the work with the primary sources and iconography, the information collected during the visits to the friaries and the comparative studies based on the collected data. It is important to stress that, due to the lack of written sources, the other methodological approaches were even more crucial to the development of this study. One of the aims of this work is to support the recognition as heritage of the seraphic enclosures, hoping that in the future they can have a more vivid insertion in the urban life of the cities which they are settled. In general, this study seeks to discuss the current approach adopted concerning the non-built areas that have a heritage value.

Keywords: Franciscan Architecture. Enclosure. Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Brasil e da região Nordeste, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.	36
Figura 2. Os 15 conventos franciscanos do Nordeste do Brasil.	37
Figura 3. Vista aérea do convento de Marechal Deodoro/AL (A).	38
Figura 4. Vista do adro e do seu cruzeiro em relação à cidade, nos conventos de Penedo (a), Igarassu (b), Ipojuca (c) e Olinda (d).	39
Figura 5. Adros dos conventos de João Pessoa, enfatizando a igreja (a); de Marechal Deodoro, enfatizando a igreja e a capela da Ordem Terceira (b); e de São Cristóvão, enfatizando toda a fachada principal do complexo (c).	41
Figura 6. Claustro do convento de Penedo.	42
Figura 7. Claustros dos conventos de Penedo (a), Marechal Deodoro (b), Olinda (c) e Recife (d).	43
Figura 8. Centralidade dos claustros dos conventos de Salvador (a), São Francisco do Conde (b), São Francisco de Paraguaçu (c), Cairu (d), João Pessoa (e), São Cristóvão (f).	45
Figura 9. Centralidade dos claustros dos conventos de Marechal Deodoro (g), Penedo (h), Olinda (i), Recife (j), Sirinhaém (l), Igarassu (m), e Ipojuca (n).	46
Figura 10. Conformação dos adros dos conventos de Marechal Deodoro e Igarassu a partir das suas respectivas cercas conventuais.	47
Figura 11. Plano ideal do mosteiro suíço beneditino Saint Gall, do século IX.	49
Figura 12. Fachada principal do Convento de Santo Antônio do Varatojo.	55
Figura 13. Cerca do Convento de Santo Antônio no Varatojo – área de horta em primeiro plano e área de mata em segundo (a); área de jardim (b); tanque (c); fonte de água (d); área de jogos (e); pequena capela (f); área de permanência (g); caminho na mata (h).	55
Figura 14. Mapa do estado de Pernambuco, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.	60
Figura 15. Imagem aérea do convento de Olinda, com destaque para as ruas que levam até o complexo: Rua Bispo Coutinho (1), Travessa São Francisco (2) e Rua São Francisco (3).	61
Figura 16. Convento de Olinda, 2008.	62
Figura 17. Perfil de Olinda, com destaque para o convento franciscano e sua cerca, em gravura do período colonial.	63
Figura 18. Acima, imagens do jardim; abaixo, cerca conventual em sua forma mais densa.	64
Figura 19. Planta holandesa de Olinda, com destaque para o quadrilátero presente na cerca conventual, possivelmente representando a fonte de água.	65
Figura 20. Cisterna presente no convento de Olinda.	66
Figura 21. Fonte de água presente na cerca de Olinda e visitantes acessando a área.	67
Figura 22. Vista da porção posterior do convento de Olinda e da Rua do Sol, situada por trás do complexo.	68

Figura 23. Redução da cerca de Olinda.....	69
Figura 24. Atuais limites da cerca conventual de Olinda com fotografias de seus muros.....	70
Figura 25. Imagem aérea destacando o convento de Igarassu e as ruas e edificações religiosas próximas (a); vista das ruas chegando até o convento franciscano (b); vista das edificações religiosas mais visíveis àqueles que chegam à cidade (c).....	71
Figura 26. À esquerda, Capela de Nossa Senhora do Livramento; à direita, Capela de São Sebastião.....	72
Figura 27. Representação esquemática do desenho da vila de Igarassu nos séculos XVI e XVIII.....	73
Figura 28. Convento de Igarassu.....	73
Figura 29. O convento de Igarassu e a presença da “porta do carro”, em representação do século XVII (a) e em fotografia do início do século XX (b); e a ausência da abertura em fotografia atual (c).....	76
Figura 30. Vista do muro lateral do convento de Igarassu e das residências instaladas no fim da via que o margeia.....	76
Figura 31. À esquerda, cisterna encontrada na cerca conventual; à direita, muro que separa a vegetação mais densa da porção mais próxima do edifício.....	78
Figura 32. Atuais limites da cerca conventual de Igarassu.....	78
Figura 33. Vista da porção do muro lateral que desmoronou em 2016.....	79
Figura 34. À esquerda, foto atual do convento de Recife e seu reduzido adro; à direita, foto atual do convento inserido no meio urbano.....	80
Figura 35. Planta geográfica de Recife, com destaque para a implantação do convento franciscano.....	80
Figura 36. À esquerda, localização do convento de Recife em relação ao rio; à direita, área atual do convento (A), com destaque para a Rua João Rêgo (B), o Palácio da Justiça (C) e a área aterrada (D).....	82
Figura 37. À esquerda, vista do convento de Recife, evidenciando a ligação direta do mesmo com o curso d’água; à direita, a perda desta ligação.....	82
Figura 38. À esquerda, Edifício Santo Antônio, situado em antiga área de cerca; à direita, Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em visita ao Arquivo Provincial Franciscano, localizado no prédio.....	83
Figura 39. À esquerda, implantação do convento de Ipojuca; à direita, vista da cidade a partir do adro.....	84
Figura 40. Convento de Ipojuca.....	84
Figura 41. Atuais limites da cerca conventual de Ipojuca, em relação ao rio.....	87
Figura 42. Foto atual e foto antiga apresentando a abertura localizada na porção frontal do convento de Ipojuca.....	88
Figura 43. À esquerda, proximidade da vegetação da cerca em relação à porção construída do convento de Ipojuca; à direita, separação criada entre vegetação e edifício por meio de muros.....	88
Figura 44. Convento de Sirinhaém.....	89

Figura 45. Atuais limites da cerca conventual de Sirinhaém com fotografias de seus muros.	91
Figura 46. Muro separando a porção vegetada da edificada.	92
Figura 47. À esquerda, cisterna encontrada nas imediações do edifício seráfico; à direita, o mato crescendo próximo ao edifício.	92
Figura 48. Vistas frontal e lateral do mosteirinho de Paudalho.	93
Figura 49. Mapa do estado da Bahia, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.	94
Figura 50. Convento de Salvador, descortinado pelo adro.	95
Figura 51. Atuais limites da cerca conventual de Salvador.	98
Figura 52. Escada que conecta parte alta e parte baixa da cerca do convento de Salvador.	99
Figura 53. À esquerda, Casas Bahia; à direita, área compartilhada entre convento e estabelecimento comercial.	100
Figura 54. Fotos do jardim (a); do memorial (b); das plantações (c); da porção entre o jardim e o estabelecimento comercial (d) e do local onde os religiosos criam galinhas (e).	101
Figura 55. Adro do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.	102
Figura 56. Claustro do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.	102
Figura 57. Vista aérea do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.	102
Figura 58. Esquema evidenciando a redução da vegetação da cerca (a) e a edificação do galpão da galeota aproveitando o muro da mesma (b).	104
Figura 59. Imagem aérea do convento de São Francisco do Conde, com destaque para as ruas que levam até o complexo: Rua João Florêncio Gomes (1), Rua Vicente da Porciúncula (2) e Rua Mario Augusto Teixeira de Freitas (3).	105
Figura 60. Vista do convento de São Francisco do Conde, inserido no contexto urbano, com destaque para a vasta cerca voltada para a costa litorânea.	105
Figura 61. Convento de São Francisco do conde e base do que parece ter sido o cruzeiro do seu adro.	107
Figura 62. Claustro ajardinado do convento de São Francisco do Conde, com destaque para o “parapeito” que acompanha o seu perímetro.	108
Figura 63. Oferenda típica de religiões afrodescendentes encontrada na cerca do convento de São Francisco do Conde.	109
Figura 64. Atual situação da cerca de São Francisco do Conde: os restos construtivos e as marcas de queimadas (a), a estrutura mecânica (b) e a residência na área de cerca (c).	110
Figura 65. Atuais limites da cerca conventual de São Francisco do Conde, com fotografias de seus muros e da fonte de água (ou pocinho) localizada próxima ao convento.	111
Figura 66. O convento de São Francisco de Paraguaçu, vista do rio.	113
Figura 67. O convento de São Francisco de Paraguaçu e sua cerca.	114
Figura 68. À esquerda, cruzeiro do adro conventual de São Francisco de Paraguaçu; à direita, detalhe de sua base.	115
Figura 69. Resquícios dos muros do convento de São Francisco de Paraguaçu. ...	116

Figura 70. Porta do carro da cerca do convento de São Francisco de Paraguaçu.	117
Figura 71. Atuais limites da cerca conventual de São Francisco de Paraguaçu.	118
Figura 72. Poço e aqueduto presentes na cerca conventual de São Francisco de Paraguaçu.	118
Figura 73. Possível cais natural.	119
Figura 74. Nascente próxima ao convento de São Francisco de Paraguaçu.	120
Figura 75. Convento franciscano (A) e Igreja Matriz (B) de Cairu, vista a partir do rio.	122
Figura 76. Ruas que fazem parte do percurso até o convento de Cairu.	123
Figura 77. Acima, convento franciscano de Cairu; abaixo, comunicação do mesmo com a Igreja Matriz.	123
Figura 78. Pintura do forro da igreja conventual de Cairu.	124
Figura 79. Claustro do convento de Cairu e a presença de pássaros.	124
Figura 80. Porta do carro e as distintas porções do muro que se seguem depois dela.	125
Figura 81. Atuais limites da cerca conventual de Cairu.	126
Figura 82. Córrego localizado na porção posterior do complexo (a); abrigo do “tanque dos frades”, com destaque para o cercado que o separa do atual terreno franciscano (b); convento visto a partir do abrigo do tanque (c); tanque dos frades (d).	127
Figura 83. Mapa do estado da Paraíba, localizando a cidade onde se encontra convento franciscano do período colonial.	128
Figura 84. Imagem aérea do convento de João Pessoa, com destaque para a Avenida Duque de Caxias (1) e a antiga Catedral (A).	129
Figura 85. O imponente cruzeiro do convento de João Pessoa e seus detalhes.	131
Figura 86. Frontispício do convento de João Pessoa, seu adro trapezoidal e os muros compartilhados entre este e a cerca seráfica.	132
Figura 87. Os seis nichos presentes nos muros do adro conventual de João Pessoa.	132
Figura 88. “Frederyce Stadt”, com destaque para o complexo franciscano, seus muros e a proximidade com o rio.	134
Figura 89. Esquema apresentando o terreno vinculado à Faculdade de Ciências Médicas dentro do contexto da cerca do convento de João Pessoa, com fotos dos muros em pedra calcária oriundos do complexo seráfico.	135
Figura 90. Fonte de Santo Antônio.	136
Figura 91. Recortes da Fonte de Santo Antônio: nicho e golfinho que a compõem.	137
Figura 92. De cima para baixo: primeira, segunda e terceira inscrições localizadas na Fonte de Santo Antônio.	139
Figura 93. Recorte da “Frederyce Stadt”, destacando, em amarelo, o aglomerado de água e o quadrilátero presente na cerca conventual de João Pessoa.	140
Figura 94. Acima, lago em frente à Fonte de Santo Antônio; abaixo, a presença de encanação de características recentes desaguando no lago e de encanação mais antiga, situada mais próxima ao prédio conventual.	141

Figura 95. Porções da cerca conventual de João Pessoa.	142
Figura 96. Vista da cerca a partir do prédio conventual, apresentando o Rio Paraíba ao fundo.	142
Figura 97. Relógio do sol situado na cerca conventual de João Pessoa.	143
Figura 98. Atuais limites da cerca conventual de João Pessoa.....	144
Figura 99. Mapa do estado de Sergipe, localizando a cidade onde se encontra convento franciscano do período colonial.	145
Figura 100. Igreja Matriz despontando na paisagem. Acima, vista a partir do centro da cidade; e, abaixo, a partir do Rio Paramopama.	146
Figura 101. Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória.....	146
Figura 102. Acima, fachada principal do convento franciscano e o seu vasto adro com cruzeiro; abaixo, o adro visto a partir do convento, com destaque para a Santa Casa de Misericórdia e sua Igreja (A), o antigo Palácio Provincial (B); e o antigo casario (C).....	147
Figura 103. Claustro do convento de São Cristóvão.	148
Figura 104. Porção da cerca mais próxima do conjunto edificado.	149
Figura 105. Porção da cerca mais afastada do conjunto edificado.	150
Figura 106. Porção do muro mais antigo da cerca conventual de São Cristóvão. ..	150
Figura 107. À esquerda, muros de características recentes da cerca conventual de São Cristóvão; à direita, poço localizado em terreno disposto por trás do complexo franciscano.....	151
Figura 108. Fonte dos Padres.....	151
Figura 109. Poço referente à Fonte dos Padres.....	152
Figura 110. Atuais limites da cerca conventual de São Cristóvão.....	153
Figura 111. Mapa do estado de Alagoas, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.....	154
Figura 112. Arruados que convergem em direção ao convento de Marechal Deodoro (A).	155
Figura 113. Entorno do convento de Marechal Deodoro.....	155
Figura 114. Abertura da possível porta do carro mais antiga do convento de Marechal Deodoro.....	157
Figura 115. Queda de trecho do muro de pedra da cerca conventual de Marechal Deodoro.....	158
Figura 116. Córrego localizado por trás do convento de Marechal Deodoro.	159
Figura 117. Vistas aéreas da extensão da cerca conventual na década de 70 e em 2012.	161
Figura 118. Atuais limites da cerca conventual de Marechal Deodoro.....	162
Figura 119. Imagem aérea do convento de Penedo e do seu entorno.....	163
Figura 120. Muro frontal e muro lateral direito, os mais antigos da cinta amuralhada.	166
Figura 121. Muro lateral esquerdo, em tijolo batido; e muro posterior, em pedra e tijolo.....	166
Figura 122. Esquema apresentando os muros conventuais e a localização do Mercado Municipal.	167

Figura 123. Implantação do estacionamento na área da cerca conventual de Penedo.....	168
Figura 124. Foto destacando o muro que divide a área do estacionamento da área restrita ao convento (A) e o elemento em concreto voltado ao escoamento da água da chuva (B); e foto da lavanderia em construção.	168
Figura 125. Escavações arqueológicas na cerca conventual de Penedo e amostras dos materiais encontrados.	169
Figura 126. Atuais limites da cerca conventual de Penedo e os elementos que a caracterizam.....	170
Figura 127. Frades franciscanos jogando voleibol em área de cerca de convento não identificado (século XX).....	177
Figura 128. Trave de futebol presente na cerca conventual de Olinda.	177
Figura 129. Esquema das primitivas cercas dos conventos de Pernambuco.	181
Figura 130. Esquema das primitivas cercas dos conventos da Bahia.....	182
Figura 131. Esquema das primitivas cercas dos conventos da Paraíba, de Sergipe e de Alagoas.	183
Figura 132. Estudo de massa das cercas dos conventos de Pernambuco.	184
Figura 133. Estudo de massa das cercas dos conventos da Bahia.	185
Figura 134. Estudo de massa das cercas dos conventos da Paraíba, de Sergipe e de Alagoas.	186
Figura 135. Igreja do antigo Convento de Santo Antônio dos Capuchos – Viseu/Portugal.....	190
Figura 136. Carvalho com mais de 200 anos que passou por estudos recentes e que se encontra guarnido de uma estrutura artificial para mantê-lo.....	190
Figura 137. Parque Aquilino Ribeiro localizado na antiga cerca do Convento de Santo Antônio dos Capuchos – Viseu/Portugal.....	191
Figura 138. Jardim da Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro/Brasil.....	192

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Data de implantação dos 15 conventos franciscanos do Nordeste do Brasil.....	35
Tabela 2. Síntese dos cursos d'água e implantação topográfica dos conventos franciscanos do Nordeste.....	180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 01: OS FRANCISCANOS EM TERRAS BRASÍLICAS: SEUS ESPAÇOS E SEUS SILÊNCIOS	30
1.1. A Ordem Franciscana no Brasil e o estabelecimento dos conventos na região Nordeste	31
1.2. Os conventos e seus espaços	38
CAPÍTULO 02: AS 15 CERCAS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO NORDESTE	58
2.1. As cercas conventuais do estado de Pernambuco	60
2.1.1. A cerca do convento de Olinda	60
2.1.2. A cerca do convento de Igarassu	70
2.1.3. A cerca do convento de Recife	79
2.1.4. A cerca do convento de Ipojuca	83
2.1.5. A cerca do convento de Sirinhaém	89
2.1.6. A cerca do convento de Paudalho	92
2.2. As cercas conventuais do estado da Bahia	94
2.2.1. A cerca do convento de Salvador	94
2.2.2. A cerca do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem	101
2.2.3. A cerca do convento de São Francisco do Conde	104
2.2.4. A cerca do convento de São Francisco de Paraguaçu	112
2.2.5. A cerca do convento de Cairu	121
2.3. A cerca conventual do estado da Paraíba	128
2.3.1. A cerca do convento de João Pessoa	129
2.4. A cerca conventual do estado de Sergipe	145
2.4.1. A cerca do convento de São Cristóvão	145
2.5. As cercas conventuais do estado de Alagoas	154
2.5.1. A cerca do convento de Marechal Deodoro	154
2.5.2. A cerca do convento de Penedo	162
2.6. Características gerais das 15 cercas franciscanas do Nordeste	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
REFERÊNCIAS	194

O Senhor te dê a paz¹

¹ Saudação franciscana.

INTRODUÇÃO

O “invisível” também comunica. O tema desenvolvido nesta dissertação versa sobre edificações patrimoniais tombadas nacionalmente, mas que hoje sofrem grandes dificuldades de manutenção porque perderam, total ou parcialmente, sua função na vida urbana. Este é o panorama verificado nos complexos conventuais franciscanos edificados no período colonial.

A presença seráfica no Brasil passou a ser expressada na forma de edificações a partir do século XVI, implantada majoritariamente na porção litorânea do Nordeste brasileiro. A sua principal expressão construtiva – os conventos – iniciava pequena, na forma de eremitérios, até atingirem sua fisionomia final, composta por edifícios, mas também por largos espaços livres², como as cercas. Estas eram essenciais às casas franciscanas, já que se configuravam como áreas vegetadas de dimensões generosas, com importante papel no cotidiano conventual, seja para a sua automanutenção, seja como complemento espacial para a vida na clausura. Além disso, com o adensamento urbano, estes grandes terrenos passaram a se destacar no meio citadino, enquanto área verde e de impacto paisagístico. No entanto, diante deste adensamento e do notável declínio da Ordem religiosa, as cercas tornaram-se invisíveis enquanto patrimônio, passando a perder área para o meio urbano, paulatinamente.

O contato com o tema do franciscanismo me ocorreu ao ingressar no Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem da Universidade Federal de Alagoas, em meados de 2012, quando tive a oportunidade de ser bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por dois anos. Neste período, tive o prazer de fazer parte do estudo que vem sendo desenvolvido há 15 anos, sob orientação da professora Maria Angélica da Silva. Os trabalhos realizados foram intitulados “Os franciscanos e a cidade: cartografia das evidências materiais na vida

² Chama-se aqui de “espaços livres” as áreas conventuais vinculadas aos edifícios seráficos, os quais, juntos, conformam os complexos franciscanos. Trata-se especificamente do adro (espaço livre compartilhado com a cidade), do claustro e da cerca (espaços livres originalmente exclusivos aos frades) que, apesar de possuírem elementos construídos (tais como calçamento e/ou muros, dentre outros) não se configuram como prédios, mas se apresentam unidos a eles em correspondência. No caso da cerca, foco deste trabalho, fala-se de uma área preenchida por vegetação. Os espaços livres dos conventos, por serem abertos, apresentam uma relação particular com o exterior, seja esta abertura caracterizada pela ausência de cobertura (claustro e cerca), seja pelo acesso direto a partir do meio externo (adro).

urbana em Penedo, Alagoas”, que consistia na ramificação do projeto de pesquisa “Itinerâncias franciscanas e o desenho das vilas e cidades nos séculos coloniais no Nordeste do Brasil” (desenvolvido entre agosto de 2012 e julho de 2013); e “O convento desenha a cidade: cartografias de Penedo”, que correspondia ao projeto “Biblioteca cartográfica: representações urbanas na produção e no uso social da informação através do *design*” (desenvolvido entre agosto de 2013 e julho de 2014).

Ao trabalhar com o convento franciscano Nossa Senhora dos Anjos, localizado na cidade de Penedo - Alagoas, estudou-se a obra de Gemain Bazin, antigo curador do Louvre, que faz referência aos conventos franciscanos do Nordeste brasileiro como uma família. E, neste sentido, afirma que havia uma verdadeira escola de construtores da Ordem (BAZIN, 1983, p. 137). Trata-se de 15 conventos masculinos edificadas nas vilas e cidades da região, entre os séculos XVI e XVII. Atualmente, estas localidades correspondem aos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Uma das criações mais originais da arquitetura religiosa no Brasil foi o grupo de conventos construídos pelos franciscanos no Nordeste, entre Salvador e Paraíba (atualmente João Pessoa). Mais do que a obra dos jesuítas, que propagava na Colônia de Santa Cruz os tipos de templos e formas arquitetônicas em uso na Metrópole, os conventos franciscanos desta região apresentam soluções inéditas, cujo desenvolvimento lógico, que tem como ponto de partida tipos formados na segunda metade do século XVII, pressupõe uma verdadeira escola de construtores pertencentes à ordem (BAZIN, 1983, p. 137).

Diante dessa afirmativa, foi crucial ao Grupo o esforço de visitar essas edificações, uma vez que o mesmo estuda o processo de formação das paisagens nordestinas e, assim, a influência do braço religioso neste processo. Com ênfase na maior compreensão da relação entre a formação da cidade de Penedo e a implantação do seu convento, tive a oportunidade de visitar e examinar, em conjunto com a equipe, as casas seráficas de Marechal Deodoro, em Alagoas; de Recife e Olinda, em Pernambuco; e, ainda, rompendo as fronteiras nordestinas, os conventos de Vitória e Vila Velha, no Espírito Santo.

Ao observar a implantação dessas casas, notou-se, de fato, a presença de similitudes: todas apresentam os espaços de adro³, acompanhado por seu cruzeiro, e de cerca (com exceção do convento de Recife, já totalmente despojado da sua

³ Os adros consistem em amplos espaços livres e abertos à frente dos templos religiosos, comportando-se como uma espécie de porta de entrada e área de transição entre o espaço da cidade e o da igreja (ALBUQUERQUE, 2008, p. 12).

porção verde). Este exercício também evidenciou a expressividade da segunda que, enquanto grande área vegetada que circunda o convento, apresenta-se como espaço de interface com a cidade, a partir do impacto paisagístico que as mesmas causam em meio a núcleos urbanos já bem adensados.

Ainda para o trabalho de iniciação científica, almejando compreender a relação estabelecida entre o convento franciscano de Penedo e sua cidade, busquei reunir dados que me possibilitassem recuperar as dimensões originais do terreno seráfico. Para tanto, me apropriei de trabalhos que já vinham sendo realizados sobre o tema, por integrantes do Grupo de Pesquisa do qual faço parte, bem como me debrucei sobre os Livros de Crônicas do Penedo I, II e III⁴ (1903-1974), que consistem em um conjunto de manuscritos elaborados pelos próprios frades, os quais apresentaram informações fundamentais para o estudo realizado. Foi indispensável também me colocar em campo procurando por marcas/indícios que pudessem revelar outras informações ausentes nas crônicas, bem como confirmações referentes às suas afirmações. Ao final, o estudo revelou uma perda alarmante da área conventual em mais de 80%.

Realizei também, embevecida pela mesma temática, o Trabalho Final de Graduação (TFG), tendo novamente como objetos de estudo o convento de Penedo e sua cidade. Mas, desta vez, o trabalho consistiu na exploração sensível da paisagem urbana através das janelas seráficas, de dentro para fora da edificação. O interesse pelas aberturas surgiu em visita ao convento, quando a partir da prática da “deriva”, ou seja, da apropriação do espaço a partir do andar sem rumo (JACQUES, 2003, p. 22), me peguei, muitas vezes, seguindo até estas aberturas, ora motivada pelo visual, ora pela brisa e pelos sons. Aos poucos, pude perceber que convento e cidade se comunicavam. Este novo olhar colocou em evidência a expressividade da cerca enquanto espaço interno, já que a maioria das aberturas conventuais se volta para a área vegetada, enfatizando sua presença e trazendo-a de muitas maneiras para dentro da edificação.

Assim, os estudos que realizei enquanto estudante de iniciação científica e o que produzi para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo me

⁴ Os Livros das Crônicas de Penedo são de acesso restrito aos frades. No entanto, o material foi cedido ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem pelos freis José Teixeira Rodrigues e Francisco Alexandre de Lima, após longo período de contato entre o Grupo e a comunidade religiosa.

apresentaram duas características atuais e contraditórias da cerca, as quais me inquietaram e me levaram a realizar esta dissertação de mestrado: os primeiros estudos evidenciaram a invisibilidade da área enquanto patrimônio, mediante as consecutivas amputações sofridas pela área de cerca do convento de Penedo, podendo-se falar, inclusive, em uma verdadeira tendência ao desaparecimento; enquanto o segundo destacou a expressividade da mesma, que parece, a princípio, arquitetonicamente falando, primordial à casa conventual. Dessa maneira, a dissertação desenvolvida se debruça na análise tipológica e intangível das cercas das casas franciscanas implantadas no Nordeste do Brasil colonial, bem como adentra no questionamento quanto ao futuro destes espaços. Trata-se de um assunto pouco explorado e emergencial, uma vez que estas áreas se encontram em uma situação generalizada de degradação.

Da essencialidade desses espaços, enfatiza-se o entrelaçamento do construído com o não construído. A materialidade evoca a imaterialidade. Foi percorrendo os espaços edificados do convento de Penedo, num exercício de observação das paisagens, que se atentou para ela de uma maneira diferente. Atentou-se para ela enquanto área que compõe o cenóbio⁵ e que dialoga com o todo, à medida que participa do todo. Seus cheiros, seus sons, adentram os prédios conventuais constantemente, bem como a massa verde em si, muitas vezes, parece saltar para o interior da casa seráfica. Quando mais distantes, os próprios frades buscavam aproximar esta natureza, por meio da vegetação disposta em pequenos vasos, compondo as janelas⁶. Conjectura-se, então, que as cercas apresentam dois importantes significados: ela é alimento, mas também é a floresta do convento. Aquela que, provavelmente, evoca a mística franciscana de apego ao mundo natural.

É principalmente nessa esfera interna que se pretende submergir, (sem, contanto, excluir a relação indissociável da cerca com o meio urbano⁷), explorando

⁵ Mosteiro ou convento de cenobitas – aqueles que levam vida austera, retirada do mundo, mas em comunidade com interesses em comum (MICHAELIS, dicionário *online*).

⁶ Muitas janelas seráficas apresentam “cachorros”, elemento arquitetônico onde os religiosos apoiavam tabuas e sobre estas dispunham vasos de plantas.

⁷ Os complexos conventuais do período colonial foram implantados em pequenas vilas e cidades, comportando-se como elementos definidores das estruturas urbanas ainda em desenvolvimento.

suas características dentro da lógica espacial dos conventos que compõem a “Escola Franciscana do Nordeste”, por compreendê-los como responsáveis por parte considerável da história e da cultura das suas respectivas cidades. Trata-se, por estas razões, de exemplares que foram total ou parcialmente tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), entre os anos de 1938 e 1974. Com essa escolha, consegue-se enfatizar também que suas áreas de cerca são, muitas vezes, desvalorizadas pelas próprias instituições de preservação aos monumentos.

Dentro desse conjunto, optou-se, inicialmente, por trabalhar com as cercas dos conventos alagoanos de Nossa Senhora dos Anjos, em Penedo, e o de Santa Maria Madalena, em Marechal Deodoro. Ambas estão correndo sérios riscos de desaparecimento, sobretudo no caso da primeira, que vem sofrendo reduções consecutivas em seu terreno. Mais tarde, entretanto, resolveu-se acatar a proposta desafiadora de abarcar todos os 15 conventos franciscanos da mencionada Escola. Isto, para buscar uma melhor caracterização do espaço de cerca, partindo da ideia de que aspectos encobertos em alguns conventos podem se encontrar evidentes em outros, bem como para levantar o panorama geral da região no que se refere à área conventual em estudo.

Ora totalmente desprovidos de vida religiosa, ora apresentando número restrito de frades, os cenóbios vêm perdendo a função primeira, passando a assumir distinto uso. No primeiro caso, verificou-se que as casas franciscanas passaram a assumir função museográfica; já no segundo, os poucos frades, necessitando manter-se, passaram a dividir os seus espaços com visitantes e/ou turistas. Os ambientes de claustros⁸, antes referentes à clausura, a intimidade conventual, hoje se comportam também como pátio aberto a visitação.

A partir do conjunto franciscano do Nordeste, buscou-se analisar o envolvimento entre espaço natural e edificado, na perspectiva da cerca em relação ao seu edifício e à cidade na qual se insere, tentando identificar as múltiplas relações existentes entre eles, sejam estas permanentes ou ausentes, materiais ou imateriais; contribuir com os estudos relativos ao patrimônio material, vinculando-o

⁸ O claustro, como já mencionado, consiste em uma área descoberta interna ao convento, geralmente no formato quadrado, onde os frades se colocam em meditação e oração. A partir dele os cômodos seráficos são distribuídos.

ao patrimônio imaterial; assim como, de maneira mais ampla, cooperar com os trabalhos sobre a paisagem brasileira, que se relaciona com a presença da Ordem seráfica no Brasil, por meio do acréscimo de fontes e de novos métodos de estudos no campo da historiografia da paisagem.

O desafio, entretanto, consiste na dificuldade em acessar o “invisível”. Como lidar com o ausente? Fala-se aqui da ausência física, porque muitas vezes as cercas foram desmembradas; mas também da ausência de atribuições valorativas, evidenciada pela atual postura de abandono frente às mesmas. Como olhar o que não está posto, pelo menos não de forma clara, facilmente acessada pelos olhos? Como atentar para o que não está dito? O silêncio pode ser ouvido? Estes são alguns dos questionamentos que regem esta dissertação, ao mesmo tempo em que a inquietude e a tentativa de respondê-los também o fazem. Para tanto, buscou-se por detalhes, por indícios presentes nos documentos, sejam eles escritos ou imagéticos. Também se considerou os próprios monumentos como documentos, adotando uma postura investigativa diante dos espaços em estudo. Tais atitudes se inspiram na ideia de que “pistas infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível” (GINZBURG, 1989, p.150).

Adota-se, para tanto, uma pauta metodológica baseada, principalmente, na exploração de fontes primárias e secundárias; no trabalho com iconografias, através da produção de imagens e de infográficos⁹; na extração de informações por meio de visitas de campo, acessando os complexos como documentos; no contato com frades e pessoas vinculadas às instituições religiosas; e na adoção de uma postura comparativa diante dos dados alcançados (técnicas apreendidas pela mestrandia enquanto integrante do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem). Vale ressaltar que a carência e a descontinuidade dos documentos escritos tornam emergentes as demais práticas citadas.

Com relação à estrutura da dissertação, alguns pormenores devem ser explicitados. Como dito, planejava-se, inicialmente, tratar mais profundamente das cercas de dois conventos franciscanos, dentro do universo de 15 exemplares implantados no Nordeste do Brasil. Desta maneira, o trabalho se dividiria

⁹ A produção de infográficos consiste na manipulação e processamento das imagens (as produzidas ou obtidas pela proponente), visando a sintetização, o destaque ou a superposição de informações.

uniformemente em três capítulos. No entanto, como o recorte foi ampliado, abarcando todos os 15 conventos, o desenho da dissertação se tornou irregular, uma vez que o segundo capítulo, que abordou cada uma das cercas seráficas, acabou ganhando maior expressão e volume. Por este mesmo motivo, o trabalho passou a apresentar dois capítulos e, assim, o conteúdo que viria constituir sua terceira parte passou a compor, ainda que de maneira menos aprofundada, as considerações finais deste trabalho.

Sobre o conteúdo, o **primeiro capítulo** trata da presença franciscana no Brasil, abordando a chegada dos primeiros frades e o estabelecimento dos complexos conventuais; bem como busca caracterizar estes complexos, os quais, pode-se afirmar, são constituídos por porções edificadas, compreendidas enquanto patrimônio, e porções não edificadas (no sentido de não serem contidas em uma edificação), e que, por este motivo, são constantemente negligenciadas. Expõe-se, então, a problemática dos espaços vistos como “vazios” ou, utilizando outras palavras, espaços desvalorizados enquanto áreas significantes, caso das cercas seráficas. Isto, pois, geralmente, só à pedra e à cal são atribuídos valores patrimoniais.

Destacam-se dois trabalhos que foram fundamentais para a discussão acima apresentada. O primeiro consiste na dissertação intitulada “Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo – Al” (2012), desenvolvida por Érica Aprígio de Albuquerque para o Programa de Pós-graduação Dinâmicas do Espaço Habitado, da FAU/UFAL. Esta tratou as dualidades e as coexistências relativas às intervenções e apropriações no adro, seja por meio das atividades promovidas pela igreja, seja pelas práticas seculares realizadas no mesmo. A autora procurou reconstruir o percurso deste espaço no tempo (buscando pela relação do adro com a cidade), atentando tanto para sua lógica conformativa quanto para os seus aspectos simbólicos. O estudo foi importante, uma vez que este espaço, assim como a cerca, também corresponde a uma área livre conventual, sendo visto, muitas vezes, como vazio.

O segundo trabalho consiste no livro intitulado “O convento franciscano de Marechal Deodoro – Santa Maria Madalena” (2012), que teve como organizadoras Ana Cláudia Magalhães, Josemary Omena Passos Ferrare e Maria Angélica da

Silva¹⁰, esta última orientadora deste trabalho. O livro pretendeu registrar uma campanha de restauro no complexo seráfico que lhe deu nome. As autoras acompanharam a obra e a partir dela tiveram oportunidade de estudar de forma aprofundada diversos aspectos relacionados à casa, dentre os quais estão: sua relação com a cidade, sua relação com a natureza, as funções de cada um dos seus cômodos e, de maneira mais ampla, sua geometria conformativa, tornando-se, assim, essencial para o trabalho aqui desenvolvido.

No **segundo capítulo**, adentrou-se na área específica das cercas conventuais, buscando caracterizá-las. Que espaços são esses? Será que eles apresentam uma coerência conformativa? Quais os seus valores religiosos e simbólicos? Do mesmo modo, buscou-se dimensionar e apresentar suas “perdas” territoriais no decorrer do tempo, acessando, assim, passado e presente, e evidenciando a problemática da invisibilidade das cercas enquanto parte do complexo conventual.

Vale pontuar a dificuldade em buscar responder a estes questionamentos, uma vez que as cercas se colocam muito misteriosas, e as bibliografias sobre o assunto são muito escassas. Neste sentido, precisa-se destacar a essencialidade das fontes primárias. Além das já mencionadas crônicas específicas dos conventos de Penedo, nas quais os frades registravam os acontecimentos e atividades realizadas no cenóbio, faz-se imprescindível destacar a importância dos relatos de Frei Antônio de Santa Maria Jaboaão. Esta obra versa sobre a história da implantação da Ordem no Brasil, mas nela também é possível recortar uma série de dados sobre a arquitetura franciscana estabelecida, bem como sobre questões relativas à rotina dos religiosos. Trata-se de um extenso trabalho produzido no século XVIII, organizado em vários livros e disponibilizado em dois volumes com quase 1700 páginas, no total. Importante pontuar também que, apesar de hoje as crônicas de Jaboaão já serem conhecidas, a maioria não tem acesso à obra completa, ainda pouco veiculada. O contato com o volume menos conhecido só foi possível devido o esforço da orientadora deste trabalho, que pesquisou e a

¹⁰ O livro também contou com a contribuição de Alice Jardim, Érica Aprígio, Flora Paim, Louise Cerqueira, Luísa Estanislau, Madalena Zambi, Roseline Oliveira e Taciana Santiago, então integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

encontrou em arquivos situados em Portugal, durante o desenvolvimento do seu pós-doutorado.

Estritamente sobre a área das cercas, deve-se destacar o livro intitulado “Das cercas dos conventos capuchos¹¹” (2004), desenvolvido por António Manuel Xavier. Este é fruto de um estudo bem específico sobre as cercas dos conventos capuchos da Província da Piedade, em Portugal, no qual o autor procurou caracterizar esses espaços, buscando extrair dos mesmos a essência do seu conjunto (sua identidade tipológica, mas também o seu valor espiritual), bem como registrou o seu estado atual de utilização e de conservação. A partir desta obra, foi possível perceber semelhanças entre estas e as cercas franciscanas do Nordeste brasileiro, o que possibilitou o estabelecimento de analogias.

Também foi importante a dissertação intitulada “Frades, artistas, filósofos: o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza: ontem e hoje” (2005), desenvolvida por Ana Cláudia Magalhães Vasconcellos, mais uma vez para o Programa de Pós-graduação Dinâmicas do Espaço Habitado, da FAU/UFAL. Esta se propôs a investigar em quais sentidos e até que ponto a intenção de estabelecer um canal de comunicação com a natureza foi alcançada e materializada no antigo convento de Marechal Deodoro. Esta discussão foi interessante para se pensar a relação complexo seráfico e paisagem natural.

Por fim, como **conclusão** do trabalho, buscou-se estabelecer uma breve reflexão sobre a invisibilidade da cerca enquanto patrimônio, bem como levantar questionamentos sobre possíveis maneiras de tornar o invisível visível. Para tanto, citou-se diferentes propostas de reuso, tais como a realizada recentemente para o convento de Olinda, em Pernambuco. Este, assim como vários outros, apresenta número reduzido de frades, exercendo, hoje, função mista. Sua área de cerca passou por processo semelhante a dos demais conventos, ou seja, pela falta de uso; mas, atualmente, a postura verificada diante da mesma se difere: a significativa cerca pernambucana vem sendo, aos poucos, novamente apropriada. Atentou-se também para outras experiências que contemplaram diferentes tipos de área verde,

¹¹ Os Capuchos correspondem a uma das mais austeras e ascéticas reformas franciscanas, cujas regras eram levadas muitas vezes ao extremo da sua interpretação. Estes religiosos buscavam cumprir fiel e rigorosamente os estreitos princípios franciscanos baseados na pobreza e simplicidade (XAVIER, 2004, p. 32).

como, por exemplo, os projetos de parques e jardins históricos. Feito isto, apresentou-se a lista de referências utilizada, finalizando esta dissertação.

Com relação ao acesso aos complexos seráficos, este foi essencial para cada etapa do trabalho. A partir deste contato, iniciou-se as seguintes ações: a exploração das casas conventuais como um todo, considerando as relações entre espaços edificados e não edificados; a leitura da atmosfera das cercas (percepção particular); e o levantamento *in loco* das mesmas. Todos os conventos da Escola Franciscana do Nordeste foram visitados e/ou revisitados, com exceção do pequeno convento, em ruína, localizado em Paudalho/Pernambuco, devido à dificuldade para acessá-lo e o curto espaço de tempo para concretização de todas as viagens empreendidas. Ao todo, realizou-se quase 40 viagens¹². O intenso trabalho de campo foi essencial para a pesquisa, visto a dificuldade de encontrar informações por meio da bibliografia. A grande maioria das visitas foi realizada em conjunto com a orientadora deste trabalho e com outros integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, o que possibilitou diversas discussões, mediante os diversos olhares, enriquecendo o trabalho.

Neste processo de estudo, contou-se também com a importante consultoria do Professor Virgolino Ferreira Jorge, da Universidade de Évora/Portugal. Estudioso da arquitetura e da hidráulica monásticas, o professor foi ao convento de Penedo em 2014 para analisar, junto ao Grupo, os achados arqueológicos lá encontrados, sobretudo porque áreas relativas à hidráulica do convento estavam à mostra.

Busca-se com esta dissertação contribuir com o reconhecimento patrimonial das cercas seráficas, almejando que no futuro elas sejam agraciadas com uma inserção significativamente plena na vida urbana das cidades em que se situam. De maneira mais ampla, pretende-se contribuir com reflexões voltadas à atual postura adotada em relação às áreas de valor patrimonial não edificadas.

¹² Grande parte das visitas só foi possível mediante aprovação de projeto desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem pelo Edital PRONEM (Programa de Apoio a Núcleos Emergentes de Pesquisa), com financiamento da FAPEAL (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas) e do CNPq (2012-2014).

Os elementos Te louvem em fúria ou calma.
Diga eu sim ao Teu chamado,
venha Tua voz do trovão
ou de entre as flores do prado.

(O antigo e o novo testamento. Adélia Prado)

CAPÍTULO 01: OS FRANCISCANOS EM TERRAS BRASÍLICAS: SEUS ESPAÇOS E SEUS SILÊNCIOS

O que é um convento? Quando se chega a um exemplar, como se dá este contato? As casas são envolvidas em um enigma, não se sabe exatamente como elas se conformam. Geralmente, o visitante já se encontra em área conventual, mas ainda não se deu conta disto: trata-se do adro, amplo espaço aberto disposto à frente do templo religioso. É nesta área livre, de ligação direta com a cidade, que se pode vislumbrar a fachada, observar seus detalhes, sentir a força da edificação. Adentra-se o complexo, em geral, pela portaria. Ao fazê-lo, encontra-se de imediato um segundo espaço aberto: o claustro. Este, bem perceptível, carrega a força necessária para organizar o convento. Como núcleo gerador, é a partir dele que os cômodos vão se distribuindo. A casa ainda apresenta um terceiro espaço livre. Este é o mais enigmático, o mais escondido e quase inacessível: a cerca. Só é possível encontrá-la caso se explore o convento com maior profundidade.

Dessa maneira, os complexos franciscanos aqui estudados são conformados por uma grande massa edificada, mas também por uma porção generosa não edificada, não menos elemento constituinte desta arquitetura e também dotada de significados, porém constantemente negligenciada.

Como já posto, trata-se de casas seráficas que se encontram, em maioria, assumindo outras funções que não a conventual ou, quando a assumem, o fazem com número muito reduzido de frades. Uma das principais reutilizações adotadas é a de museu. Ressalte-se que aquelas que ainda apresentam uso religioso exercem função mista, de maneira que há a área restrita aos frades e a área de acesso aos visitantes. Nos circuitos, é comum a presença de placas explicativas e/ou o esforço do guia em apresentar e caracterizar os seus espaços, restringindo-se, todavia, às áreas edificadas (igreja e residência dos frades). No entanto, os complexos seráficos são constituídos pelos supracitados espaços livres, ou não edificadas, muitas vezes esquecidos. É sobre esta conformação arquitetônica e sobre a postura diante das mesmas que vamos tratar neste capítulo, apresentando, antes disto, uma rápida explanação sobre o estabelecimento da Ordem Franciscana no Brasil.

1.1. A Ordem Franciscana no Brasil e o estabelecimento dos conventos na região Nordeste

Silêncio. Nas matas úmidas, recortadas por canais e lagoas, atormentada pelo canto dos pássaros as folhas são abafadas pelo movimento de passos. Farfalhar de folhas sobre a pressão das sandálias. O quebrar da vegetação faz-se de maneira diferente, como que conduzidos por corpos estranhos ao lugar (SILVA, 2012, p. 15).

Para além-mar, os franciscanos, que caminhavam descalços ou com sandálias que deixavam os pés praticamente nus¹³, chegam a terras tupiniquins. Da corrente dos Observantes, estes religiosos alimentavam uma postura mais rigorosa em relação à Regra e à realização de atividades missionárias junto às comunidades¹⁴. Guiados pelo espírito itinerante, os primeiros frades vieram ainda em 1500, junto com a esquadra de Cabral (WILLEKE, 1973, p. 20; MERO, 1982, p. 5). A presença foi breve, mas anunciou o estabelecimento da Ordem no Brasil, como a cruz em madeira preparou o local onde foi realizada a primeira missa em terra firme¹⁵. A curta estadia, de 28 de abril a 01 de maio, deveu-se ao fato das caravelas, atendendo as ordens régias, terem seguido viagem com destino à Índia.

A segunda missão chegou a Porto Seguro por volta de 1516, enviada por D. Manuel o Venturoso. Apesar da intenção de se estabelecerem, os frades foram freados pela extinção precoce da catequese entre os tupiniquins (1518), devido à morte de dois religiosos – fato que esfriou a atuação dos franciscanos portugueses, que já estavam encarregados das missões na Índia. Até 1584, vieram mais sete grupos de franciscanos, mas sem que nenhum deles conseguisse instalar a Ordem definitivamente¹⁶ (WILLEKE, 1973, p. 22).

¹³ Sinal de pobreza evangélica.

¹⁴ Corrente que surgiu em oposição à Conventualista, esta caracterizada como menos rigorosa à observância da Regra.

¹⁵ “A presença da cruz é elemento indispensável à missão do povo português que, auto-afirmando-se como ‘alferes da fé’, tomava-a como ‘o principal objeto de devoção e de ligação com o sagrado’. A cruz, (...) assumira, ao longo da História, uma gama de mobilidades e significados específicos, deixando sobressair, em todos eles, a relação com o sentido de orientação, no aspecto tanto espacial quanto temporal ou, ainda, no amplo sentido místico que fazia dela uma grande via de comunicação, ‘o cordão umbilical jamais cortado, do cosmo ligado ao centro original’” (CARVALHO, 2006, p. 02 apud ALBUQUERQUE, 2012, p. 44).

¹⁶ Os nove grupos de missionários franciscanos que vieram ao Brasil, entre 1500 e 1584, foram:
1. Frei Henrique de Coimbra, 1550.
2. Os dois protomártires de Porto Seguro, 1516?
3. Franciscanos na Bahia, e sob a chefia de Frei Diogo de Borba? 1534.

Foi, então, com a obra missionária de Frei Melchior de Santa Catarina Vasconcelos que se estabeleceu de forma estável a religião de São Francisco em terras brasílicas, “obtendo ademais inauditos sucessos na catequese dos indígenas”. Mediante florescimento da Ordem no local e o interesse da Coroa em proteger as terras conquistadas, “porque piratas franceses e holandeses invadiam o país, instigando os índios contra Portugal e ameaçando a existência da colônia”, a construção de casas conventuais, sobretudo na região Nordeste do Brasil, foi incentivada (WILLEKE, 1973, p. 22).

Enquanto os portugueses residentes no Brasil convidavam as ordens religiosas da pátria para fundarem conventos na colônia, visando antes de mais nada à assistência espiritual das irmandades religiosas e à celebração das festas litúrgicas, o governo colonial reclamava os frades para ‘dilatam a fé e o império’. Principalmente o sul de Pernambuco, *habitat* dos Caetés, e o Rio Grande do Norte, terra dos Potiguares, pediam a ação missionária, visto que o exército colonial não conseguia manter a paz às tribos em parte vencidas (WILLEKE, 1973, p. 22).

Esse foi o contexto no qual se estabelece a “Custódia¹⁷ de Santo Antônio”, a partir da qual será erigido, em 1585, o primeiro convento franciscano do Brasil: a casa seráfica de Olinda. Esta deveria ser uma obra duradoura, “após nove tentativas esporádicas e efêmeras, empreendidas desde 1500” (WILLEKE, 1973, 23). Depois da casa mãe dedicada a Nossa Senhora das Neves, outras mais foram se estabelecendo, tendo como principal região aquela que se estende entre Salvador e Paraíba, “foi aí o foco da ordem, resplandecendo ao redor da igreja-matriz, em Olinda” (BAZIN, 1983, p. 138).

Vale pontuar que, lá do outro lado do mar e quase 200 anos antes, por volta do século XIII, à época de São Francisco, a questão da moradia estável foi um dos aspectos mais problemáticos dentro do movimento franciscano, até mesmo para seu inspirador. São Francisco de Assis, a princípio, rejeitou completamente a ideia da edificação de conventos, sendo regido pela “Senhora Pobreza”, a qual tanto apreciava e defendia. O conflito se estabeleceu mais profundamente com o

4. Frei Bernardo de Armenta e Frei Alonso, em Sta Catarina, em 1538. Tratava-se de frades espanhóis.

5. Frades italianos em Porto Seguro. O Rio de Frade, 1548.

6. Frei Pedro Palácios, irmão espanhol, na Bahia e no Espírito Santo 1558-1570. Existe ainda a capela fundada sob o título da penha, como capela franciscana mais antiga do Brasil.

7. Ordem terceira regular fundada em Olinda por um frade? c. 1574.

8. Frei Álvaro da Purificação, em Olinda, 1577.

9. Franciscanos espanhóis na Bahia e em São Paulo 1583-1585 (MERO, 1983, p. 21).

¹⁷ O termo Custódia se refere ao conjunto de conventos que usufruem de relativa autonomia, tendo como superior o Custódio (WILLEKE, 1978, p. 8).

crescimento acelerado do movimento, que ganhou grande número de adeptos, transformando-se na Ordem religiosa que se espalharia pelo mundo almejando a salvação de almas. As mudanças geraram novas necessidades, dentre estas, a conformação de espaços, ainda que inicialmente provisórios. Assim, mesmo com conflito, o aparato material existiu: num primeiro momento, Francisco e seus seguidores utilizavam abrigos naturais, como as grutas e cavernas; mais tarde, passaram a aceitar o convite de homens que por caridade lhes abrigavam; depois, começaram a se estabelecer em modestas casas; quando, por fim, fizeram dos conventos morada (MELO, 2004, p. 52-54).

Apesar de reconhecer a necessidade das construções, o *Poverello* de Assis ainda nutriu certo dilema diante do desejo primeiro de se despojar totalmente das posses materiais. Assim, o assentimento ao uso do espaço edificado próprio não ocorre sem ressalvas, São Francisco estabelece uma série de condições que deveriam caracterizar a casa de um frade menor, estando sempre adequada à santa pobreza (MELO, 2004, p. 55).

Além-mar, dois séculos depois, a humildade franciscana foi rigorosamente observada por Frei Melchior na construção das casas seráficas. Claro que, com o passar do tempo, esses conventos, que inicialmente se caracterizavam como um pequeno recolhimento, foram se reformulando e se transformando nos complexos conformados por igreja, convento e Ordem Terceira¹⁸.

Com o tempo, resistências são vencidas, ideais antigos são superados e as antigas cabanas vão ganhando formas e expressões arquitetônicas de maior impacto. Proporcionalmente ao crescimento da ordem, houve o distanciamento dos valores propostos por Francisco de Assis. Os Frades Menores procuraram, no entanto, salvaguardar no franciscanismo algo da essência primitiva que permeava os primeiros membros da ordem, através de detalhes presentes na sua produção arquitetônica. À estrutura modesta primitiva, composta de celas individuais, refeitório, sala do capítulo e capela, foram incorporados outros espaços e a tradição conventual européia é absorvida, sendo a ela acrescentados novos programas, novos detalhes construtivos, de acordo com as inovações e estilos artísticos de cada época (MAGALHÃES, 2005, p. 23).

A partir da construção da casa matriz, visando a “conversão e salvação de almas” e também “o estabelecimento da paz entre os gentios e os brancos”, seguiram-se as edificações dos cenóbios nas atuais cidades de Salvador/Bahia, com o Convento de São Francisco (1587); Igarassu/Pernambuco, com o Convento de

¹⁸ Criada pelos franciscanos em 1221, a Ordem Terceira visava aproximar os leigos da instituição religiosa, permitindo a ampla participação destes, sem a necessidade do voto de castidade (MAGALHÃES, 2005, p. 27).

Santo Antônio (1588); João Pessoa/Paraíba, com o Convento de Santo Antônio (1589); e em Vitória/Espírito Santo, com o Convento de São Francisco (1595). Em seguida, houve um regime de 15 anos para que novas casas fossem edificadas. Dentre os possíveis motivos, Willeke aponta que “Parece ter prevalecido a dificuldade de manter, com as esmolas dos poucos habitantes abastados, as comunidades de mendicantes já estabelecidos na colônia lusa”. Dessa maneira, somente no final de 1606, já sobre comando do quinto custódio, Frei Leonardo de Jesus, deu-se início a construção de mais três conventos, nas atuais cidades do Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Ipojuca/Pernambuco e Recife/Pernambuco, ambos dedicados a Santo Antônio (1973, p. 35-36).

Depois da fundação desses três conventos, houve mais um intervalo para que as próximas casas fossem fundadas, agora de 23 anos. Isto ocorreu, em um primeiro momento, devido à proibição por parte do Governo Metropolitano. O decreto foi assinado em 16 de outubro de 1609 e só deixou de existir em 28 de novembro de 1624, quando um novo alvará régio autorizou as novas fundações, agora sem a necessidade de requisição de licença da Câmara e do Governador Geral. Mas, em um segundo momento, o entrave ocorreu devido a Invasão Holandesa, primeiramente na Bahia, durante o período de 10 de maio de 1624 a 01 de maio de 1625; e, posteriormente, em Pernambuco, durante o período de 16 de fevereiro de 1630 a 26 de janeiro de 1654, quando, então, os holandeses assinaram o Tratado de Rendição.

Foi nesse período conturbado que a Custódia de Santo Antônio, em Olinda, empenhou-se em conseguir se estabelecer enquanto Província¹⁹ independente da de Portugal²⁰, alcançando o objetivo, finalmente, em 1657. Mais tarde, desdobrar-se-ia desta a da Imaculada Conceição²¹, a qual abrangeria os conventos do Sul e

¹⁹ O termo Província se refere ao conjunto de conventos que constituem uma unidade com governo autônomo, tendo como superior o Provincial (WILLEKE, 1978, p. 8).

²⁰ As razões expostas para a independência almejada foram: os custódios, quase exclusivamente portugueses, não compreendiam bem a situação da custódia; as viagens dos custódios para Portugal pesava muito à custódia; as comunicações eram por demais demoradas entre reino e colônia; e a custódia já dispunha de elementos para qualquer cargo (WILLEKE, 1973, 41-42).

²¹ O desdobramento ocorreu em 1675. Com oito conventos, a Província da Imaculada Conceição se estabeleceu na faixa litorânea do Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro, tendo sede neste último.

Sudeste, enquanto que a primeira responderia pelos conventos da região Nordeste (WILLEKE, 1973, p. 41).

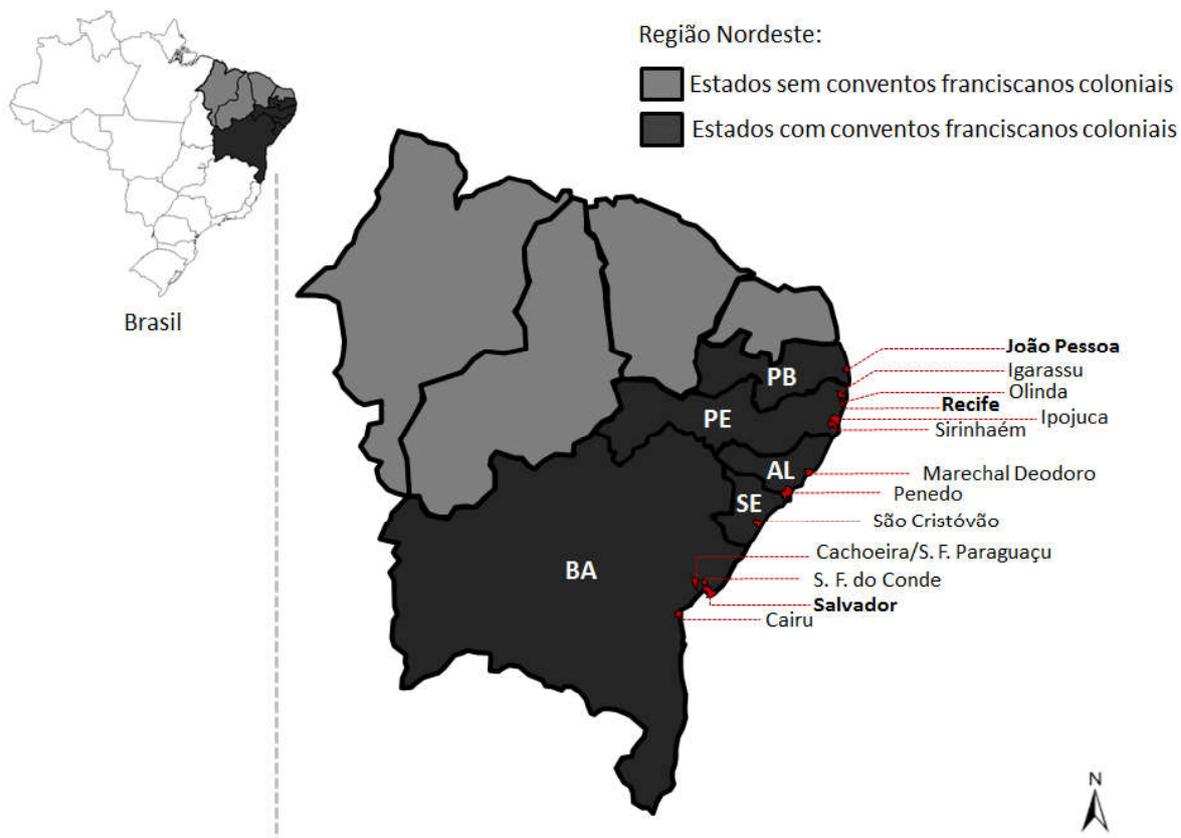
Neste novo contexto, são erguidos na parte Sul da Capitania de Pernambuco, hoje Alagoas, os conventos franciscanos de Santa Maria Madalena, na então cidade de Marechal Deodoro; e de Nossa Senhora dos Anjos, atual Penedo. Tratam-se dos últimos dois conventos do conjunto de 14 que compõem a Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, distribuídos nos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. É a este conjunto que Bazin se refere enquanto família. Somou-se a esta lista, o Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem, por compreender que o pequeno convento apresenta todos os elementos que o enquadraria na citada Escola, contabilizando 15 cenóbios franciscanos.

Tabela 1. Data de implantação dos 15 conventos franciscanos do Nordeste do Brasil.

Lugar	Denominação do convento	Fundação do convento
Olinda (PE)	Nossa Senhora das Neves	1585
Salvador (BA)	São Francisco	1587
Igarassu (PE)	Santo Antônio	1588
João Pessoa (PB)	Santo Antônio	1589
Recife (PE)	Santo Antônio	1606
Ipojuca (PE)	Santo Antônio	1606
São Francisco do Conde (BA)	Santo Antônio	1618
Sirinhaém (PE)	São Francisco	1630
Paudalho (PE)	São Francisco	1635
Paraguaçu (BA)	Santo Antônio	1649
Cairú (BA)	Santo Antônio	1651
São Cristóvão (SE)	Bom Jesus	1657
Marechal Deodoro (AL)	Santa Maria Madalena	1659
Penedo (AL)	Nossa Senhora dos Anjos	1659
Salvador (BA)	Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem	1712

Fonte: Produzida pela autora, 2016.

Figura 1. Mapa do Brasil e da região Nordeste, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/157>>. Acesso em: ago. 2017.

Figura 2. Os 15 conventos franciscanos do Nordeste do Brasil.



LEGENDA: Conventos de Cairu/BA (01), Igarassu/PE (02), João Pessoa/PB (03), Olinda/PE (04), São Francisco de Paraguaçu/BA (05), Recife/PE (06), São Francisco do Conde/BA (07), Penedo/AL (08), Ipojuca/PE (09), Marechal Deodoro/AL (10), Paudalho/PE (11), Salvador/BA (12), São Cristóvão/SE (13), Sirinhaém/PE (14) e o Hospício de N^a S^a da Boa Viagem, também em Salvador/BA (15).

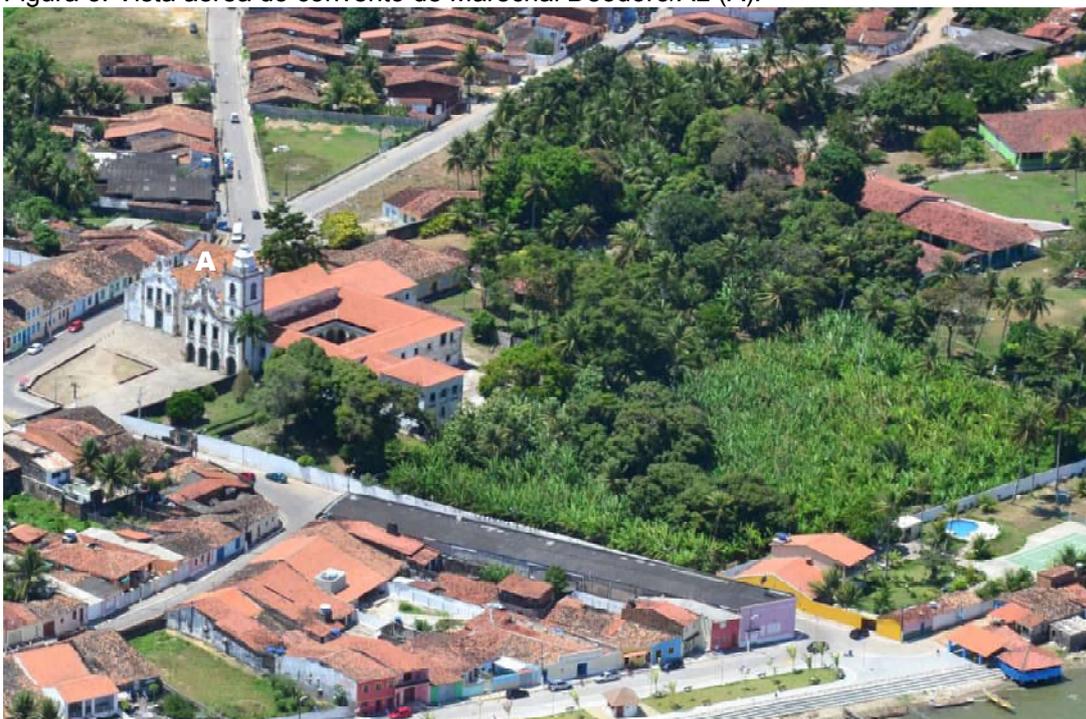
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Esquema da autora, 2017.

1.2. Os conventos e seus espaços

Se deixarmos a história antiga e nos voltarmos para os conventos hoje, o que encontraremos? Como visto, o Nordeste do Brasil é berço de antigas casas franciscanas que podem ser irmanadas, mas que casas são essas? Como elas se conformam? Quando caminhamos de encontro a estes exemplares e, em seguida, adentramos os seus espaços, vamos descobrindo suas porções conformativas, bem como o jogo de volume que as mesmas apresentam, como já mencionado no início deste capítulo. Ao observá-los do alto, pode-se perceber, por outro ângulo, que este jogo se reafirma: os complexos parecem ser constituídos por quadrados que vão sendo recortados, gerando espaços fechados e espaços abertos.

O prédio do convento é um **jogo geométrico em fachada ou em planta**. Quando seu construtor o afasta da mata e dos homens, realiza um primeiro polígono englobando prédios e cerca. É o abraço conformado pela linha do muro que se rompe pela galilé, com o acesso à igreja, pela porta do carro ou porta de serviço, e pela portaria, onde se recebem as visitas e os pobres, as esmolas (SILVA, 2012, p. 57).

Figura 3. Vista aérea do convento de Marechal Deodoro/AL (A).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Anunciando os complexos seráficos, encontra-se o primeiro espaço livre do convento: o adro. Este, limite entre o ambiente público e o sacro, consiste em uma área de transição entre o meio urbano e a igreja, aproximando-os, mas também os distinguindo entre si. O adro se comportava como “ponto de partida para o

desdobramento das atividades, que saindo da igreja, tomavam a vila e mais tarde a cidade” (ALBUQUERQUE, 2012, p. 23).

Às funções religiosas eram aí agregadas às sociais, geralmente funcionando como uma extensão dos interiores dos templos. Neles eram desenvolvidas atividades variadas e, apesar delas serem, em sua maioria, de caráter pio, havia uma série de outras que ocorriam associadas às celebrações religiosas (ALBUQUERQUE, 2012, p. 26).

De um lado a cidade, de outro o complexo seráfico. Como espaço conventual, mas também diretamente ligado à urbe, o adro é demarcado como religioso por meio do tema cruz. Todos eles apresentam um cruzeiro, significando-o. Lá se reúnem/reuniam os cidadãos para, a partir daquele espaço, principiar atividades consagradas pela igreja, como as procissões religiosas e os autos-de-fé; mas também atividades consideradas mundanas, “como as de recreação, de mercado, de caráter político e militar” (MARX, 2001, p. 31).

O culto franciscano pela Paixão levou-os a colocar, diante do frontispício, uma grande cruz [de madeira] que servia às procissões de via-sacra especialmente durante a Semana Santa. [...] A partir da segunda metade do século XVII, serão cruzes de pedra colocadas sobre socos (BAZIN, 1983, p. 151).

Figura 4. Vista do adro e do seu cruzeiro em relação à cidade, nos conventos de Penedo (a), Igarassu (b), Ipojuca (c) e Olinda (d).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014 (a) e 2016 (b,c,d). Esquema da autora, 2016.

Quem acessa os conventos, mesmo que apenas para observar as fachadas de suas igrejas, o fazem a partir do adro. Os grandes espaços livres postos à frente das casas possibilitam ampla visibilidade²². Ainda se valendo de um modesto modelo construtivo, há todo um sábio proceder arquitetônico em inserir o convento na vila ou cidade e na forma de desenvolver a edificação.

O adro surge como um vazio com a característica rusticidade do chão em terra batida e amplitude excepcional, atributos que permanecem até meados do século XX. Especialmente, abre-se para a cidade e conduz o olhar para uma visualização perspectivada e completa dos frontispícios dos seus templos religiosos. De maneira geral, comporta-se como uma espécie de porta de entrada e área de transição entre o espaço da cidade, o exterior, e o espaço da Igreja, o interior (ALBUQUERQUE, 2012, p. 44).

Enquanto anfitrião do complexo seráfico, o adro direciona o olhar para a grande arquitetura posta frente ao lugar urbano, a fachada conventual. Em geral, o foco de visão pousa sobre a igreja, mas, em alguns casos, também o faz sobre a capela da Ordem Terceira (caso do convento de Marechal Deodoro/AL) ou sobre o complexo como um todo (incluindo a residência dos frades) (caso do convento de São Cristóvão/SE). A capela nasce, geralmente, perpendicular ao templo ou se coloca em paralelo ao mesmo, com frontispício próprio voltado ao exterior (caso visto em Marechal Deodoro e em Salvador/BA, no convento de São Francisco)²³. Do outro lado da igreja, e ligado a esta, encontra-se a morada.

²² Hoje, em Recife, é preciso atravessar a rua, encostar completamente nas construções que ficam a margem, para, assim, com dificuldade, se ter uma visão mais ampla do complexo. Por outro lado, nada se vê da cerca, totalmente tomada pelo construído.

²³ “O aparecimento das Ordens Terceiras de São Francisco [...] desencadeiam, gradativamente, mais espaço construído e imponência para os conventos. Em alguns deles, as capelas dos terceiros aparecem apenas como um elemento perpendicular à nave da igreja e, em outros, constituem um edifício separado, com capela, sacristia, consistórios e muitos outros ambientes, alguns incluindo até um claustro particular” (MAGALHÃES, 2005, p. 27).

Figura 5. Adros dos conventos de João Pessoa, enfatizando a igreja (a); de Marechal Deodoro, enfatizando a igreja e a capela da Ordem Terceira (b); e de São Cristóvão, enfatizando toda a fachada principal do complexo (c).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d. Esquema da autora, 2017.

Voltando a observar os complexos religiosos do alto, percebe-se a presença de uma área aberta central e norteadora: o claustro. Inserido no interior da massa edificada, todas as casas conventuais nordestinas parecem girar em torno desse espaço, o que já assinala a imprescindibilidade do mesmo em relação às construções seráficas da região.

O claustro também é metáfora do coração e do homem interior; ele constitui uma parte da ideologia cristã que valoriza a paz interior face às agitações do mundo – e que está em contraste também com as peregrinações do homo viator, do homem itinerante (LE GOFF, 2009, p.139).

Como grandes janelas que se abrem ao céu e, assim, claros receptores de luz solar, os claustros, ao mesmo tempo em que se apropriam da iluminação natural, alimentam uma mística ligada ao jogo de luz e sombra: “os raios de encontro com a colunata desenham a parede. Há intensa claridade oriunda desta mesma luz” (ALVES, 2014, p. 15).

Figura 6. Claustro do convento de Penedo.



Fonte: Foto da autora, 2013.

Há uma rotina a ser seguida dentro do convento. A disciplina necessária para tal já é anunciada por esses espaços que, ao apresentarem uma ordem baseada na geometria, a partir dos apoios distribuídos de maneira ordenada, indicam uma vida religiosa regrada. O ambiente estabelece uma lição disciplinar.

O claustro espelha ordem: colunas enfileiradas, espaçamento regrado, dita a lição da geometria. O convento é casa de moradia, mas também de aprendizado do frade. Lugar que se destaca por diversas particularidades. Uma delas, a disciplina. Há o entendimento de que sem regras a vida comunitária não é possível. Espera-se que num convento tempo e espaço estejam rigorosamente organizados (SILVA, 2012, p. 42).

Figura 7. Claustros dos conventos de Penedo (a), Marechal Deodoro (b), Olinda (c) e Recife (d).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d. Esquema da autora, 2016.

Diante do caráter norteador, o claustro faz com que a organização conventual se dê em sua volta, tecendo uma trama entre a abertura claustral e os cômodos, que podem ser compreendidos enquanto “cheios” ou espaços fechados, por apresentarem todas as suas faces cerradas pelo edificado²⁴. Esta distribuição se dá em galerias que ladeiam o claustro. No térreo, há uma ala litúrgica, onde se encontram a igreja e, geralmente, a sacristia²⁵. Já nas três outras alas se distribuem ambientes como a portaria, a sala capitular²⁶, a cozinha, o *De Profundis*²⁷, o refeitório²⁸, dentre outros.

²⁴ Nesse sentido, as janelas podem ser compreendidas enquanto elementos que permitem trocas entre o interior e o exterior.

²⁵ A sacristia consiste no local onde se guardam os paramentos e outros objetos voltados ao cerimonial religioso ocorrido na igreja, explicando, assim, a proximidade entre estes ambientes.

²⁶ Na sala do capítulo liam-se os capítulos da regra. Esta, depois da escritura sagrada, é o livro mais importante para as ordens monásticas. O cômodo também era o local onde se realizavam as reuniões da comunidade: quando se tomavam decisões sobre a vida conventual; quando se

Com relação ao pavimento superior, a ala litúrgica se preserva. A igreja apresenta pé direito alto, garantindo a sua verticalidade em relação ao complexo seráfico, bem como a localização do coro em seu interior²⁹, cujo acesso se dá pelo primeiro pavimento. Nas outras três alas distribuem-se os ambientes individuais do convento, as celas³⁰ dos frades. O pavimento geralmente conta também com áreas de biblioteca e varanda.

Segundo Bazin, a disposição dos cômodos centralizada no claustro, a localização da portaria próxima à igreja e a presença de áreas de varanda no programa arquitetônico fazem parte de uma lógica organizacional que definem os conventos nordestinos. Em outras palavras, a solução em planta reforça a ideia destes complexos enquanto família.

Os riscos [ou plantas] desses conventos são do mesmo tipo, porém mais ou menos avançados e com variações na colocação de algumas peças. Todo o prédio do convento está reunido em volta do claustro, de um lado a igreja, geralmente à esquerda (Olinda, João Pessoa, Serinhaém, Igarapu, Penedo, Marechal Deodoro, Salvador), mas às vezes à direita (Ipojuca, Paraguaçu). [...] No andar térreo, em volta do claustro, estão localizadas diversas salas, sala de estudo, sala capitular, que possui bancos de pedra e um altar, e refeitório perpendicular ou paralelo. [...] Cada cela tem uma janela que, na parte externa, possui dois cachorros, destinados a apoiar uma tabuinha de madeira ou mesinha de pedra sobre a qual os monges, guiados pelo espírito poético de sua Ordem, gostavam de colocar flores (BAZIN, 1983, p. 141).

entregava o hábito dos noviciados; quando se velava corpos, em caso de sepultamento; e quando se reviam faltas e negligências cotidianas, bem como, mediante as mesmas, resolviam-se as disciplinas (BORGES, 2006, p. 82; SILVA, 2012, p. 43-44).

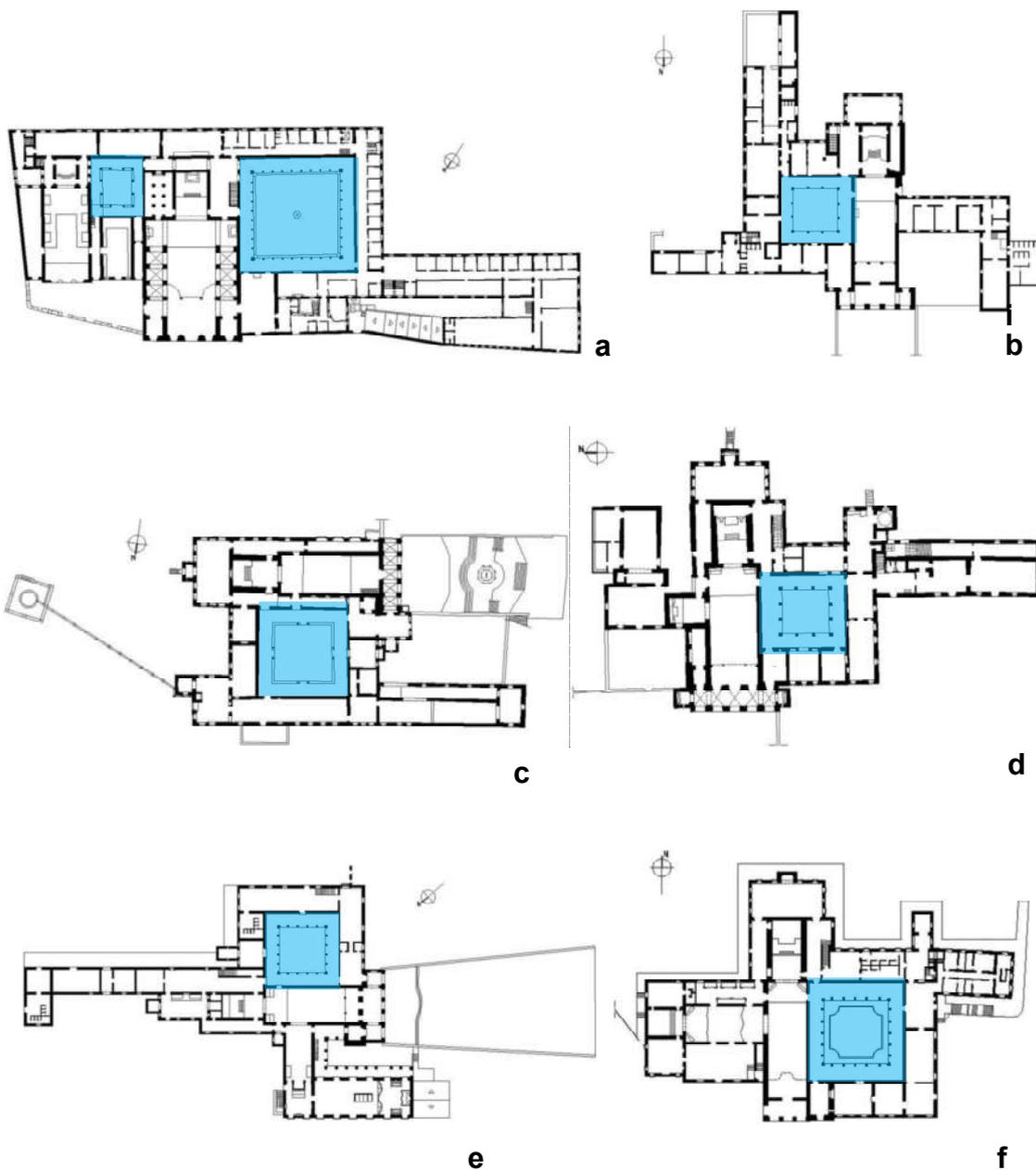
²⁷ O *De Profundis*, situado entre o refeitório e a cozinha, é o local onde se iniciavam os rituais que antecediam as refeições realizadas no refeitório. A expressão, que significa “das profundezas”, faz referência ao salmo 129, mas também se relaciona às orações entoadas aos defuntos: “antes do acesso ao alimento, responsável pela manutenção da vida terrena, rezava-se pelos que já a haviam deixado” (SILVA, 2012, p. 45). Segue os dizeres do Salmo: “Do fundo do abismo, clamo a vós, Senhor; Senhor, ouvi minha oração. Que vossos ouvidos estejam atentos à voz de minha súplica. Se tiverdes em conta nossos pecados, Senhor, Senhor, quem poderá subsistir diante de vós? Mas em vós se encontra o perdão dos pecados, para que, reverentes, vos sirvamos. Ponho a minha esperança no Senhor. Minha alma tem confiança em sua palavra. Minha alma espera pelo Senhor, mais ansiosa do que os vigias pela manhã. Mais do que os vigias que aguardam a manhã, espere Israel pelo Senhor, porque junto ao Senhor se acha a misericórdia; encontra-se nele copiosa redenção. E ele mesmo há de remir Israel de todas as suas iniquidades” (Bíblia Sagrada, Salmo 129).

²⁸ “A função de alimentar é muito importante no convento, na medida em que o alimento do corpo é recorrentemente vinculado ao alimento da alma”. Por esta razão, “o comer envolve uma série de cerimônias, recruta o trabalho de vários religiosos e demanda espaços específicos”, como o supracitado *De Profundis* (SILVA, 2012, p. 44).

²⁹ No coro “se cumpre a pauta de orações, que por sua vez demarca as atividades do cotidiano dos frades” (SILVA, 2012, p. 33).

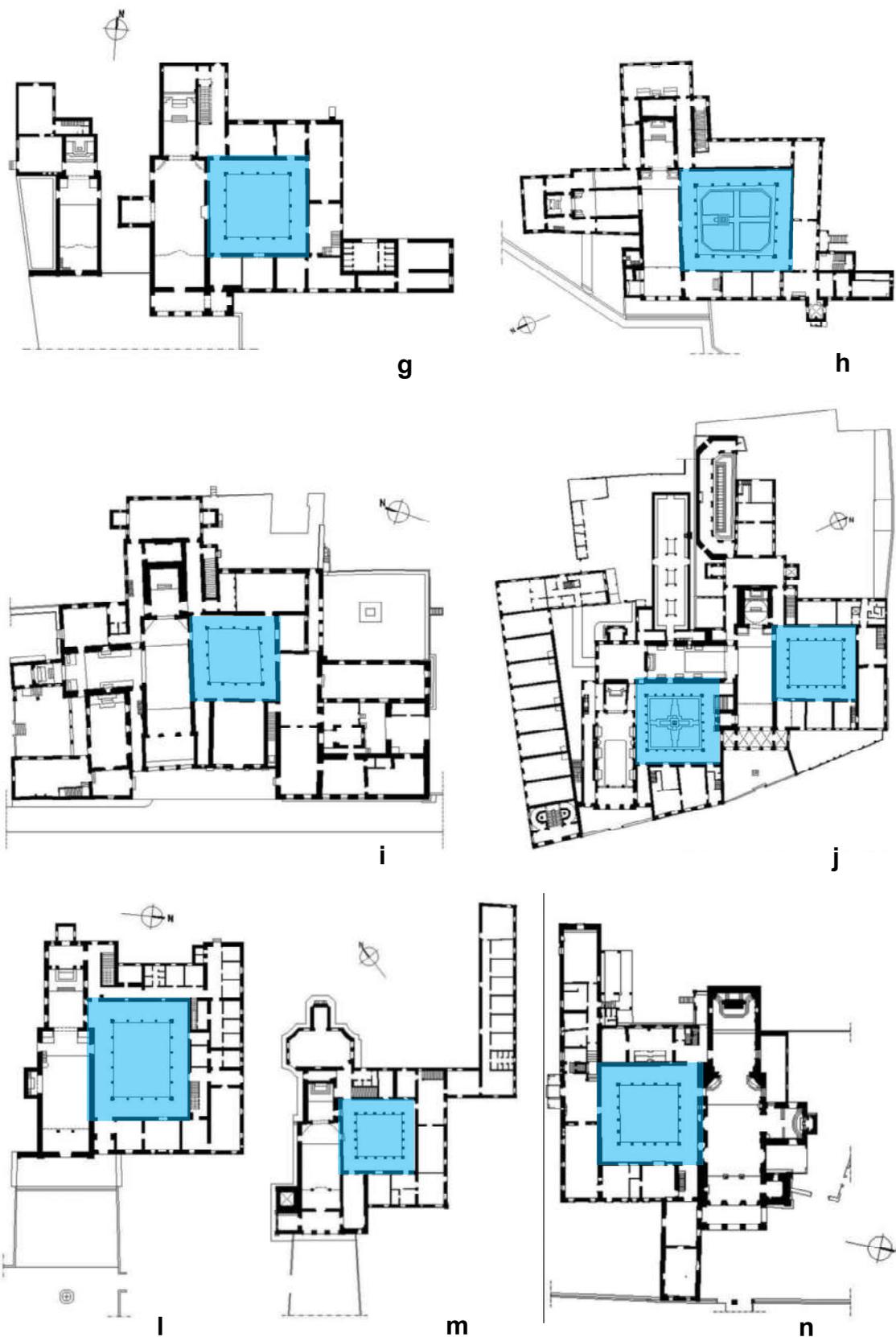
³⁰ A cela consiste em um pequeno dormitório individual que tanto serve para o descanso do corpo quanto para a oração privada.

Figura 8. Centralidade dos claustros dos conventos de Salvador (a), São Francisco do Conde (b), São Francisco de Paraguaçu (c), Cairu (d), João Pessoa (e), São Cristóvão (f).



Fonte: Plantas baixas do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d. Intervenção da autora, 2016.

Figura 9. Centralidade dos claustros dos conventos de Marechal Deodoro (g), Penedo (h), Olinda (i), Recife (j), Sirinhaém (l), Igarassu (m), e Ipojuca (n).



Fonte: Plantas baixas do Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d. Intervenção da autora, 2016.

Continuando a leitura dos espaços livres, após examinar os claustros, cabe chegar, finalmente, ao maior deles. Além de maior, talvez o menos estudado e o que mais sofre dilapidações com o passar do tempo: as cercas. Assim como o adro, a cerca pode se configurar como importante espaço de interface com a cidade. No primeiro caso, esta se dá de maneira mais concreta, já que, no adro, a população interage diretamente. No segundo caso, a área é circundada por muros, sendo restrita ao convento, de maneira que a interface ocorre à medida que o espaço doa elementos naturais à urbe, comportando-se enquanto verdadeiro pulmão, em especial na atualidade, em meio a núcleos já bem adensados. Então, à medida que o adro destaca os complexos seráficos em uma escala mais aproximada, conferindo-lhe ampla visibilidade; a cerca o faz ao longe, enfaticamente em relação à vasta área que abrange, mas sutilmente em relação às possibilidades de visão.

A ligação entre cerca e adro se estabelece também de forma física: os muros da primeira, em vários casos, ajudam a desenhar ou definir o espaço do segundo (ALBUQUERQUE, 2012, p. 79), como se vê nos conventos de Marechal Deodoro/AL e Igarassu/PE, dentre outros. Além disto, as duas áreas apresentam expressivo valor simbólico e religioso, muito embora sejam comumente desvalorizadas. O que se nota é que, apesar de fazerem parte dos complexos conventuais, os espaços livres, por vezes, em si mesmos, passam despercebidos. O claustro ainda vem abraçado pela morada franciscana, enquanto adro e cerca, juntos, envolvem a casa, como que em proteção. Mas o que ou quem os resguarda?

Figura 10. Conformação dos adros dos conventos de Marechal Deodoro e Igarassu a partir das suas respectivas cercas conventuais.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d. Esquema da autora, 2016.

Adros e cercas vêm sofrendo drásticas modificações ou reduções em seus terrenos. Mas, no caso das cercas, a situação é ainda mais dramática. Isto, pois

apesar das grandes modificações dos adros, muitas vezes, estes são transformados em praças³¹, sustentando-se na contemporaneidade³². As cercas, por outro lado, vêm correndo sérios riscos de desaparecimento, como já ocorreu com toda a porção verde do convento de Recife. Parece que a compreensão que se tem é que a natureza não precisa ser preservada. Mas que áreas são essas? Como elas podem ser caracterizadas?

As cercas colocam-se misteriosas para quem as estuda. Tratam-se originalmente de grandes terrenos preenchidos por natureza, proporcionalmente muito maiores que a porção edificada dos conventos. Suas dimensões já pressupõem um caráter importante ao espaço, no entanto, nos documentos, pouco se fala sobre elas. O que se constata, a princípio, é que elas, além de amplas, são muradas e vegetadas.

Diante da densa massa verde que brotou desses espaços, pode-se compreendê-los enquanto terrenos férteis. Esta característica é logo atribuída àquela que parece ser a principal função das cercas conventuais, a provisão do sustento. Outra característica que é logo atribuída à cerca, é a responsabilidade de aproximar os frades da natureza. Certamente a maior parte das religiões almejavam espaços que promovessem a contemplação, a introspecção, sendo ainda mais fácil pensar neste laço quando se fala na Ordem Franciscana. Esta atribuição se vincula à mística de apego ao mundo natural, personalizada na figura de São Francisco de Assis, que ficou conhecido por sua dedicação ao mundo natural³³.

Faz-se importante colocar que, assim como adro e claustro, a cerca não é exclusividade dos complexos franciscanos, mostrando-se, na verdade, elemento comum aos conventos de distintas Ordens religiosas, sobretudo àquelas que se estabelecem em regiões afastadas das cidades e, por isto, precisam assegurar os

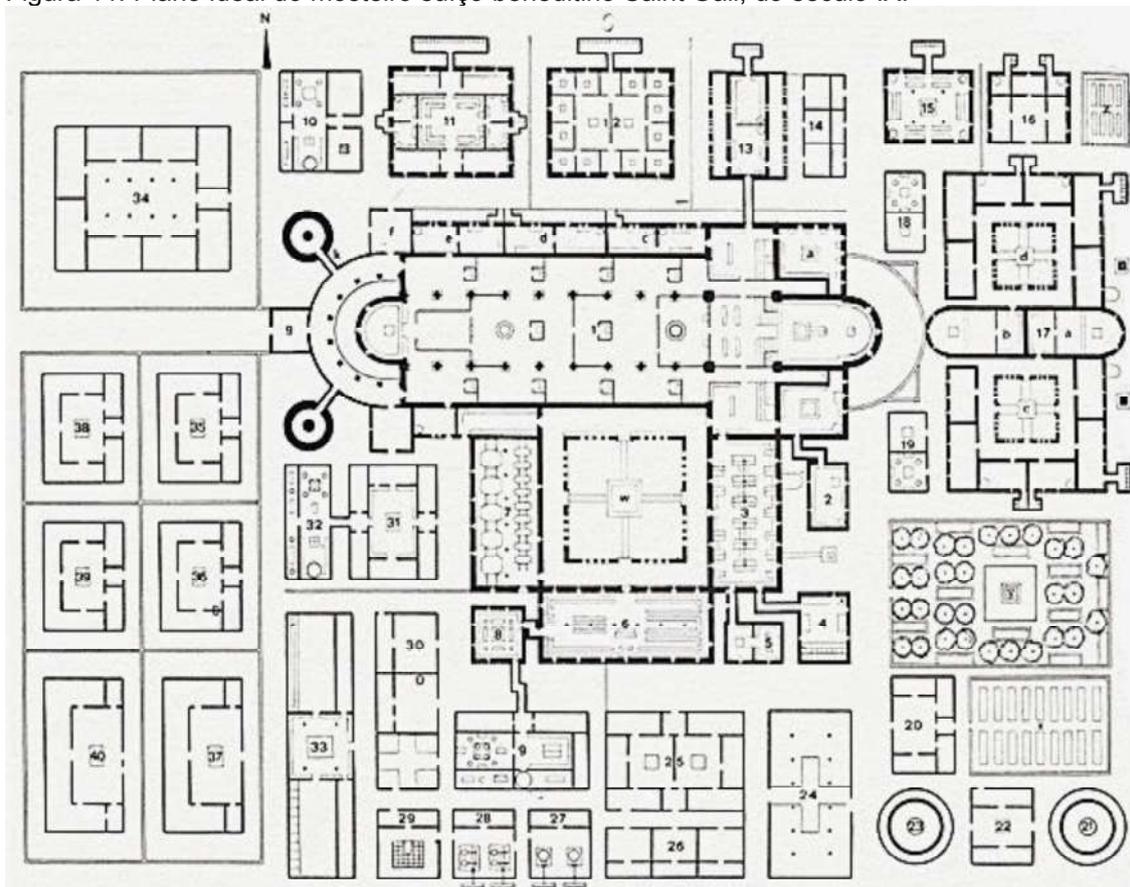
³¹ Sobre o assunto, ver dissertação “Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo – Al” (2012), desenvolvida por Érica A. de Albuquerque.

³² Esta afirmação não cabe ao convento franciscano de Recife, o qual já foi despojado não só de sua cerca, mas de praticamente toda a área de adro.

³³ Por este motivo, São Francisco de Assis foi nomeado Patrono da Ecologia pelo Papa João Paulo II, em 1979.

elementos necessários para a manutenção da casa³⁴, os quais advêm da cerca. Se observarmos, por exemplo, o plano ideal do mosteiro suíço beneditino *Saint Gall*, ainda do século IX, anterior ao movimento franciscano, já se verifica no projeto a presença de áreas que demandam cerca. Mas o que, de fato, são esses espaços?

Figura 11. Plano ideal do mosteiro suíço beneditino Saint Gall, do século IX.



LEGENDA: 1. Igreja: a) Sala de escrever no piso térreo; biblioteca no piso superior; b) Sacristia no piso térreo; guarda-roupa das vestes litúrgicas no piso superior; c) Celas para irmãos da ordem que estiverem de passagem; d) Residência do reitor da escola externa; e) Residência do guardião; f) Sala de recepção de hóspedes importantes e para a escola externa; g) Sala de recepção para todos os visitantes do mosteiro; h) Sala de recepção para a Casa do Peregrino, o Hospício e os edifícios administrativos; i) Residência do administrador da Casa do Peregrino e do Hospício; j) Locutório dos monges; k) Torre de São Miguel; l) Torre de São Gabriel; 2. Sacristia; 3. Dormitório de monges no piso superior; caldeira auxiliar no piso térreo; 4. Banhos dos monges; 5. Lavatórios dos monges; 6. Refeitório dos monges no piso térreo; guarda roupas no piso superior; 7. Adega de vinho e cerveja dos monges no piso térreo; dispensas no piso superior; 8. Cozinha dos monges; 9. Padaria e cervejaria dos monges; 10. Cozinha, padaria e cervejaria dos hóspedes importantes; 11. Casa para hóspedes importantes; 12. Escola externa; 13. Casa do abade; 14. Cozinha, despensa e banho do abade; 15. Casa para sangrias; 16. Casa do médico; 17. Noviciado e hospital; 18. Cozinha do noviciado; 19. Banho do noviciado; 20. Casa do jardineiro; 21. Galinheiro; 22. Frangos e gansos; 23. Cercado para gansos; 24. Ganadaria; 25. Atelier de artesãos; 26. Anexo do atelier de artesãos; 27. Moinhos; 28. Fornos; 29. Forno da cal; 30. Silo de cereais para cerveja; 31. Casa do Peregrino e Hospício; 32. Cozinha, padaria e cervejaria para peregrinos; **33. Estábulo para cavalos e bois, alojamento do estabuladeiro;** 34. Alojamentos para o exército do imperador (a identificação não é segura); **35. Curral das ovelhas e alojamento do pastor;** **36. Curral para as cabras e alojamento do cabreiro;** **37. Estábulo para as vacas e alojamento do vaqueiro;** 38. Alojamento para os serventes das propriedades externas e para os serventes pertencentes ao exército do imperador; **39. Pocilga e alojamento do porqueiro;** **40. Estábulo de águas prenhas e de potros e alojamento do cuidador;** W. Claustro; X. Jardim de ervas medicinais; Y. Sementeira e horto; Z. Jardim de ervas medicinais.

Fonte: Planta disponível em <<http://www.ipv.pt/millennium/Millennium27/20.htm>>. Acesso em: ago. 2017.

³⁴ Não se adentrará, neste estudo, sobre a existência ou não de particularidades das cercas franciscanas em relação às cercas de distintas Ordens, mas acredita-se que este pode consistir em um estudo interessante a ser desenvolvido.

Com o intuito de tentar apreender o que se entende por cerca, buscou-se acessar os estudos referentes a outros exemplares – alternativa interessante e enriquecedora, sobretudo diante da escassez de análises específicas. Xavier, ao tratar do conjunto das cercas dos conventos capuchos da Província da Piedade, em Portugal, observou que a sua estrutura e organização espacial é o resultado da conjugação de cinco fatores: a religiosidade do espaço, a morfologia do terreno, a necessidade de rega, o tipo de vegetação e a definição de percursos (2004, p. 51).

Para ele, o termo “cerca” está intimamente relacionado com a **religiosidade da área**, “que apela ao seu segredo, que motiva a sua contemplação”, e coloca os muros que a delimita enquanto expressão material deste isolamento: “aquele que primeiro regula as suas relações – físicas e visuais – com o mundo exterior, aquele que primeiro sugere a sua intimidade, que cresce e palpita no seu interior” (XAVIER, 2004, p. 52). “Ao erguer-se o muro da cerca demarcava-se um espaço da paisagem envolvente. Ocupando-o e, sobretudo, trabalhando-o, os frades tornavam-no qualitativamente diferente, isto é, num espaço sagrado” (XAVIER, 2004, p. 51).

Desta maneira, esse mundo interior só seria conhecido e desfrutado, profundamente, por aquele que enveredasse, sem descanso, pela via da santidade, da condenação e da penitência, ou seja, tornando-se, pelo menos, monge também. “Entre o mundo interior e o mundo exterior existia, assim, uma divisória estanke que procurava proteger os frades da livre circulação e, conseqüentemente, da profanação do seu espaço” (XAVIER, 2004, p. 52).

Para Dias, monge da Ordem de São Bento e estudioso de temas ligados à religião e às instituições religiosas e monásticas, a cerca é, ao mesmo tempo, “um espaço útil para cultivo, mas também adequado e preparado para recreação e meditação dos que lá habitam” (DIAS, s/d, p. 1). O autor coloca que, idealmente, “a cerca funciona por assim dizer, como o ‘Jardim fechado’ do Cântico dos Cânticos (*hortus conclusus*), o desejado e nunca esquecido paraíso perdido da Bíblia” (DIAS, s/d, p. 2).

sempre os mosteiros e conventos de homens e mulheres se esforçaram por criar espaços reservados aos seus religiosos, resguardando-os da curiosidade dos olhares profanos e indiscretos, concedendo-lhes, ao mesmo tempo, lugar tranquilo para o trabalho, recreio e contemplação (DIAS, s/d, p. 2).

Neste sentido, os termos “cerca” e “clausura” se aproximam, no momento em que conferem intimidade ao espaço interno. A clausura também implica o ato de fechar, e, por isso, a proibição de sair (DIAS, s/d, p. 1). Cabe ponderar aqui que, no caso franciscano, esta se dá de maneira menos rigorosa: os frades têm o indispensável momento do recolhimento, mas, visando a missionação, têm também constante acesso ao exterior, já que é a cidade seu local de atuação.

Por outro lado, para o leigo, o sentido de clausura está na proibição de entrar no espaço de um mosteiro ou de um convento. E a cerca, por sua vez, é a extensão desta clausura (DIAS, p. 1), ou seja, um espaço da mesma maneira impenetrável e desconhecido. O olhar estrangeiro só consegue enxergar o que os muros permitem transparecer, no caso, a vegetação saltante.

Dando sequência aos demais elementos compositivos das cercas capuchas, tem-se, no que tange à **morfologia do terreno**, algumas características que se diferem das encontradas nos conventos franciscanos do Nordeste do Brasil. À medida que as primeiras “integram-se, quase sempre, em zonas de características planas ou onduladas, de encostas pouco extensas e declives suaves” (XAVIER, 2004, p. 55), as nossas, em grande maioria, situam-se em terrenos de características acentuadamente íngremes. No entanto, tanto nas cercas capuchas quanto nas nossas franciscanas, os prédios seráficos tendem a se localizar nas cotas mais elevadas do terreno, das quais se obtém vistas privilegiadas da paisagem que os envolve e de onde se aproveita a atuação da gravidade para captação e armazenamento de água, bem como para o escoamento das águas servidas.

Xavier vincula a organização interna da cerca conventual à topografia do sítio: a porção mais ou menos acentuada vai determinar a maior ou menor regularidade de composição. “Assim, as zonas mais planas e menos declivosas, onde se localizam os pomares e as hortas, presenciamos ao esboço de uma estrutura ortogonal bem definida por socalcos, caminhos e caleiras, polarizada por tanques e fontes”; enquanto que, nas zonas menos planas e mais declivosas, onde se situa a mata, “assistimos à definição de uma estrutura irregular, de certa forma mais orgânica e espontânea, traduzida quer na disposição da vegetação, quer no traçado

dos caminhos e das caleiras que, por vezes, se lhes associam” (XAVIER, 2004, p. 57).

Com relação à organização interna dos nossos espaços, veremos que pouco se consegue acessar; não obstante, o que é possível identificar, relaciona-se, em muito, com o **tipo de vegetação** encontrada. Quanto mais próxima dos prédios, mais contida é a massa verde, e, à medida que há o afastamento, há a intensificação da mesma. A “mata” encontra-se mais apartada dos prédios, enquanto os jardins se aproximam deles. Apesar da ausência de exemplos de setorização bem definidos, mediante o abandono das cercas aqui estudadas, identificou-se em alguns casos muros intermediários, internos à cinta amuralhada, que sugerem uma organização setorial.

Sobre a mata, Xavier destaca que ela “cumpria uma dupla função de proteção: na retenção e infiltração da água no solo, da qual dependia a sobrevivência das nascentes e, conseqüentemente, de todo o sistema de produção; e na cobertura e defesa do solo contra a erosão, facto que as próprias condições topográficas aconselhavam” (2004, p. 61). Para ele, “A Mata desempenhava, ao mesmo tempo, uma função de produção, pois dela os frades colhiam alguns frutos silvestres e dela obtinham, provavelmente, alguma da lenha e da madeira, para abastecimento do convento” (2004, p. 61). As crônicas de Jaboaão comprovam a extração destes elementos da cerca conventual, como será explicitado no próximo capítulo.

Por outro lado, Xavier enfatiza aspectos intangíveis da mata, que concentra em si a evocação do refúgio ascético, “onde se perpetua o estado natural do ambiente impenetrável e selvagem”, cenário ideal para o ato de se recolher, materializado na construção de pequenas capelas voltadas à oração e meditação (XAVIER, 2004, p. 65).

Similares quanto à dupla função de provimento material e espiritual das matas, o pomar e a horta consistem em espaços produtivos das cercas, responsáveis pela autossuficiência do complexo; e, em paralelo, manifestavam pressupostos estéticos. “As funções lúdicas e de recreio que se associavam ao

Pomar, determinavam que ele se localizasse preferencialmente na envoltória do edifício, donde seria possível desfrutá-lo e contemplá-lo” (XAVIER, 2004, p. 67).

Com relação à água, Xavier destaca a imprescindível presença da mesma diante da **necessidade da rega**. Na verdade, ele coloca que todo o sistema hidráulico do convento estava vinculado à área de cerca. Na maioria dos casos, a captação era feita através de fontes, de poços com engenho ou de cisternas, podendo estas últimas localizar-se sob o claustro, sob um pátio (o chamado Pátio da Cisterna), ou simultaneamente nos dois locais (XAVIER, 2004, p. 57). Mediante a ideia de autossuficiência do convento, assim como a necessidade da provisão do alimento, havia também a necessidade de captação e armazenamento de água para os distintos usos relacionados ao cotidiano humano³⁵.

Da mesma maneira que a vegetação, Xavier destaca que a água revela aspectos que vão além da sua componente utilitária: “as fontes e tanques protagonizavam uma função estética e lúdica, arquitectando lugares de estadia e emoção, de encontros essenciais e refrescantes, gerando elos de ligação entre recreio e a produção” (2004, p. 59).

Essa dimensão simbólica pode ter sido materializada na ornamentação das fontes de água, como se verá nas cercas dos conventos de Olinda e João Pessoa. No primeiro convento, também se observou um exemplo claro de pátio da cisterna, onde se conjugou o sentido puramente funcional àquele voltado, usando o termo escolhido por Xavier, ao “recreio”, à medida que o espaço se encontra próximo à área outrora de produção, mas também se oferece à estadia, guarnecido por bancos de permanência, vento fresco e vista para o mar.

Por fim, para Xavier, a **definição dos percursos** estava totalmente vinculada aos demais elementos mencionados, como uma trama que ia se tecendo. Estes percursos, segundo o autor, “estabelecem as relações formais, funcionais e visuais entre as partes e a totalidade da cerca, entre esta e a sua envoltória” (2004, p. 62).

³⁵ Para aprofundar os estudos sobre a água e a hidráulica dos conventos, é muito importante acessar os diversos trabalhos desenvolvidos pelo Professor Virgolino Jorge, os quais, em boa parte, encontram-se disponibilizados em meio *online*: <https://universityofevora.academia.edu/VirgolinoJorge>.

Após atentar para todos estes pontos, um exemplo interessante a ser mencionado, por ser franciscano e apresentar a área de cerca bastante rica, consiste no Convento de Santo Antônio do Varatojo, situado na cidade de Torres Vedras, distrito de Lisboa. Ao deslocar-se além-mar³⁶, verificou-se que muitos dos complexos religiosos já não se apresentam mais completos. Parte deles, inclusive, possui, hoje, apenas a igreja conventual. Como uma das exceções, encontrou-se a supracitada casa franciscana. Provido de todo o programa arquitetônico³⁷, o cenóbio proporciona para os interessados na área de cerca um momento de êxtase. Perde-se nela, no sentido de não se perceber o tempo passar. Isto, pois se trata de um espaço que ainda expõe toda a dinâmica apontada por Xavier.

Na cerca do convento de Varatojo, pôde-se ver de forma bem definida a área de jardim e de horta, isto no contexto mais próximo do edifício; mais a frente, encontrou-se uma área voltada a jogos, destacada por traves de futebol; e, ao fundo, uma porção mais introspectiva, com vegetação mais densa, onde se contactou uma pequena capela e bancos de permanência entre a vegetação. Na cerca, conseguiu-se acessar também diversos elementos vinculados ao sistema hidráulico do complexo (mina, tanque, poço), voltados para o cultivo na cerca, para o abastecimento da casa, e para o escoamento das antigas latrinas³⁸.

³⁶ Ao buscar compreender melhor as cercas conventuais, mais um esforço foi realizado: empreendeu-se, junto com a orientadora deste trabalho e mais uma integrante do Grupo de Pesquisa Estudos Paisagem, uma viagem a Portugal entre junho e julho deste ano de 2017, quando se realizou visitas técnicas aos conventos localizados nas cidades de Estremoz, Évora, Lisboa, Torres Vedras, Santarém, Coimbra, Lamego, Porto e Guimarães. Estas foram acompanhadas e orientadas pelo Professor Virgolino Ferreira Jorge, cujas experiências e trabalhos voltados à arquitetura e hidráulica conventuais já foram citadas nesta dissertação.

Esta viagem, tão enriquecedora para os estudos, só foi possível mediante auxílio do Programa de Pós-graduação (DEHA) e da generosidade do professor Virgolino, que guiou-nos em Portugal compartilhando conosco seus conhecimentos. Registro aqui os meus mais sinceros agradecimentos.

³⁷ Apesar de já ter sofrido diversas alterações, sobretudo devido à ocorrência de terremotos na região.

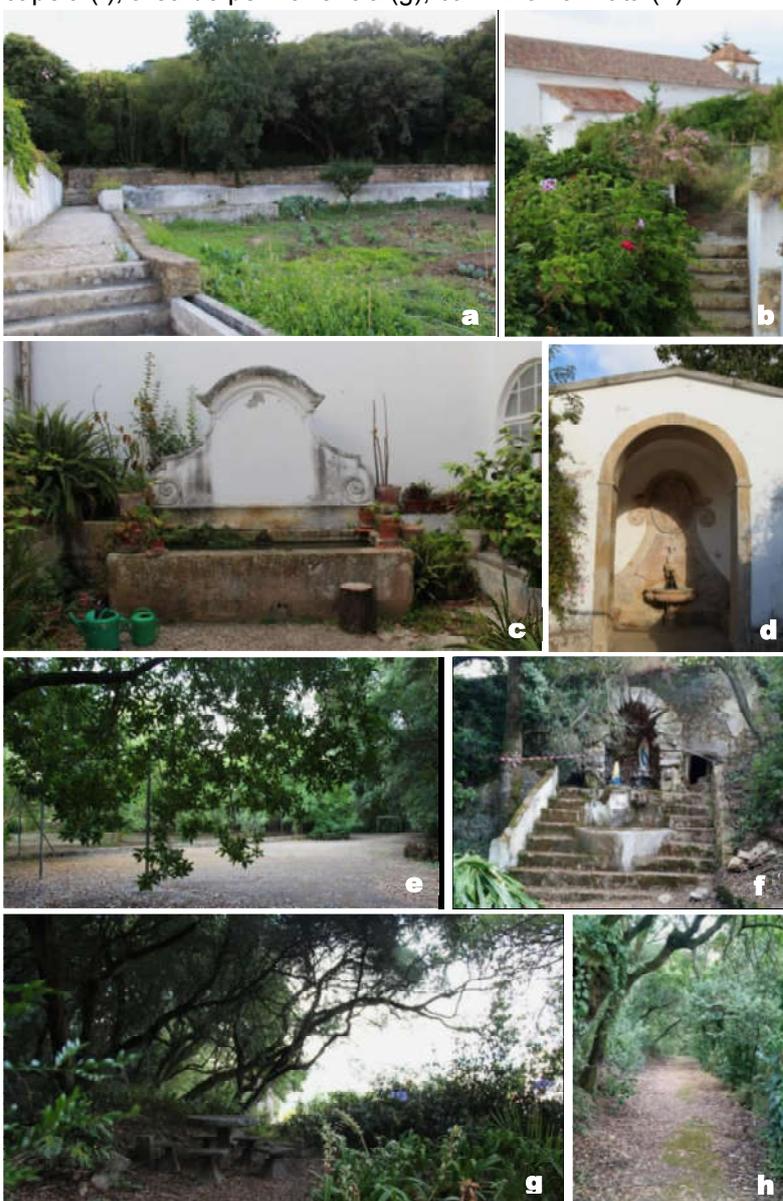
³⁸ Sobre a hidráulica do convento, consultar artigo “A exploração dos recursos hídricos no convento franciscano de Varatojo (Torres Vedras)” (MASCARENHAS et al., 2009).

Figura 12. Fachada principal do Convento de Santo Antônio do Varatojo.



Fonte: Foto disponível em: < <https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-convento-de-santo-antonio-do-varatojo-20375>>. Acesso em: ago. 2017.

Figura 13. Cerca do Convento de Santo Antônio no Varatojo – área de horta em primeiro plano e área de mata em segundo (a); área de jardim (b); tanque (c); fonte de água (d); área de jogos (e); pequena capela (f); área de permanência (g); caminho na mata (h).



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Voltando ao Brasil, será que todos estes elementos também caracterizavam as cercas da Província Franciscana de Santo Antônio? Buscando responder a esta pergunta, tratar-se-á, no capítulo que se segue, de cada uma das 15 cercas franciscanas implantadas na região.

“Louvado sejas, meu Senhor, *pela* irmã nossa, a
mãe terra, que nos sustenta e governa e produz
diversos *frutos* com coloridas flores e *ervas*”

(Louvores das criaturas. São Francisco de Assis).

CAPÍTULO 02: AS 15 CERCAS DOS CONVENTOS FRANCISCANOS DO NORDESTE

Inicia-se este capítulo apresentando a área vegetada do convento de Olinda, primeiro a ser estabelecido em terras brasílicas, dando prosseguimento com as demais casas pernambucanas; em seguida, expõe-se a cerca do convento de Salvador, segundo a ser implantado na região, dando continuidade com as demais casas baianas; e assim por diante, passando pelos estados da Paraíba, Sergipe e, por fim, por Alagoas. Ou seja, seguindo uma ordem cronológica dentro da disposição de cada estado, buscando situar o leitor também espacialmente. Como ferramenta auxiliar, utilizou-se mapas que apresentam a localização dos estados e cidades nos quais os exemplares franciscanos se encontram.

Essa caracterização particular das cercas seráficas ajudou a montar, no final deste capítulo, um verdadeiro quebra-cabeça sobre as características gerais destes espaços, alcançando um quadro ampliado sobre o papel que desempenharam, a conformação que assumem ou assumiram e também sobre o estado atual no qual as mesmas se encontram.

Para buscar compreendê-las, foi necessário mergulhar no mar de informações de uma das poucas fontes primárias que tratam do franciscanismo. Como já mencionado, as crônicas de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão consiste em um documento do século XVIII, de quase 1700 páginas, dedicadas à história da Ordem. Sua grande extensão foi percorrida buscando localizar os curtos trechos a respeito do tema em questão, as cercas. Outro desafio foi encarar a dificuldade de acessar um documento com escrita de época, que exige maiores esforços de leitura e interpretação.

Diante das poucas informações, coube, então, também observá-las. Utilizando as palavras de Orlandi, “Sempre se diz a partir do silêncio” (2007, p. 23). Assim, realizou-se um intenso trabalho de campo, explorando 14 das 15 cercas franciscanas implantadas no Nordeste do Brasil, o que proporcionou um cruzamento entre fonte escrita e empírica.

Vale colocar que foi necessário insistência para conseguir adentrar as cercas, o processo se deu de maneira lenta e gradual. Isto, pois, nas primeiras visitas, geralmente não era possível acessar todas as áreas do convento, dentre estas, a

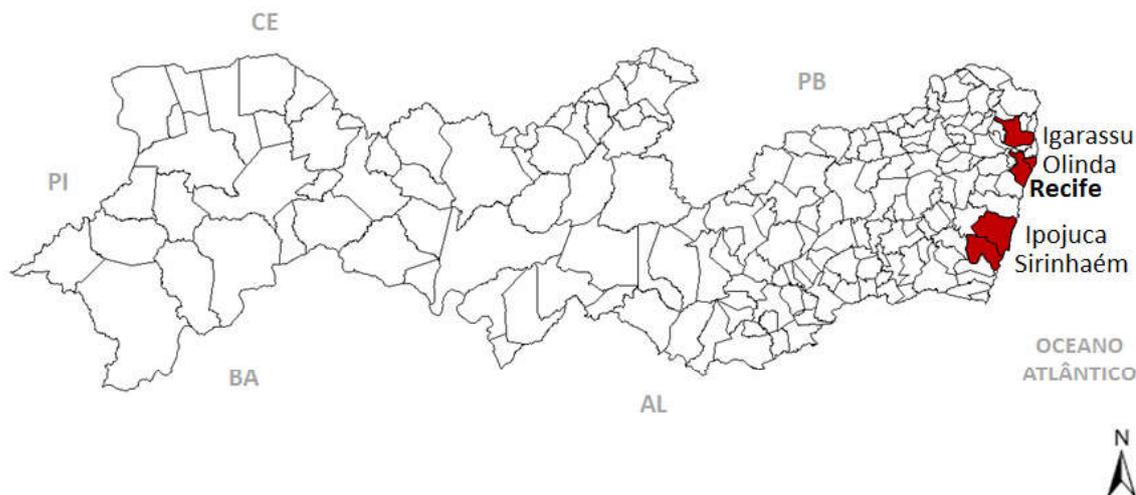
porção vegetada, ora pela resistência dos frades (ou dos responsáveis pelo complexo) em abrir os espaços não voltados à visitação, ora pela impossibilidade por causa da densa mata que havia crescido na área. Por este mesmo motivo, teve-se, muitas vezes, dificuldade de contatar os seus sinais edificados, encobertos pela vegetação. Diante dessas barreiras, mas também do interesse em desvendar estes espaços, realizou-se, no total, aproximadamente 40 viagens para as casas seráficas em estudo.

Em paralelo à exploração dos complexos conventuais enquanto documentos, também se adentrou um pouco na oralidade. Alguns contatos realizados em campo, com frades e pessoas ligadas à instituição religiosa, auxiliaram na busca por compreender estes espaços, que, sem dúvida, estão totalmente interligados ao cotidiano conventual. Inspirou-se na ideia de que “As comunidades costumam apropriar-se de informações passadas através da fala dos [...] mais antigos, mantendo assim a transmissão de conhecimento e de valores” (ROMÃO, 2011, p. 186-187). Considerou-se também que “A memória não aparece apenas como uma instância voltada para o passado. Devemos imaginá-la como uma relação dinâmica entre passado e presente. A memória é um elemento muito enraizado no presente” (BOLLE, 1994, p. 13). Ela não reconstrói o tempo, nem, tampouco, o anula, mas “Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado, lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do Sol” (BOSI, 1994, p. 89). Neste aspecto, pensou-se na memória enquanto elo temporal, que pode auxiliar na compreensão dos significados inerentes às cercas conventuais.

Unindo as investigações nas raríssimas fontes primárias, as consultas através da exploração das cercas em campo e o contato com frades e pessoas ligadas aos conventos, conseguiu-se encontrar informações importantes, que permitiram caracterizar, individualmente, estes espaços livres conventuais.

2.1. As cercas conventuais do estado de Pernambuco

Figura 14. Mapa do estado de Pernambuco, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/>>. Acesso em: ago. 2017.

Pernambuco corresponde ao estado nordestino com maior número de conventos franciscanos do período colonial. Considerando seus atuais limites, trata-se de seis exemplares, distribuídos nas cidades de Olinda, Igarassu, Recife, Ipojuca, Sirinhaém e Paudalho.

2.1.1. A cerca do convento de Olinda

Olinda é um pedaço especial da história. “A antiga capital de Pernambuco, antes a ‘pérola da Colônia’, de fato foi a mais importante vila da Capitania de Pernambuco, teve uma história de glórias, perdas e sofrimentos e se fez bonita, opulenta e disputada” (NASCIMENTO, 2008, p. 77).

taõ aprazível á vista, e agradável aos olhos, que o alegre, e delicioso da sua perspectiva lhe grangeou o peregrino, e especioso nome de Olinda, que a admiraçã gostosa do seu primeiro descobridor, e a lizongeira affabilidade de seus companheiros lhe apropriou, quando com a vista deste empinado, verde, e frondozo monte, exclamou dizendo: *Oh que linda situação para huma Villa!* e daquela interjeiçã admirativa, e do lindo que lhe pareceo para huma povoaçã o lugar, lhe deraõ o nome de Olinda á Villa que alli fundaraõ [...].

Tãõ alegremente vistosa a sua eminencia, que della para o Nascente se descobrem as agoas do mar até o mais alto dos Orizontes com o esprayado de suas cóstas, dilatando-se estas até onde alcança a vista, tanto ao Leste, como Norte, e Sul (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 139).

Com mais de 400 anos, Olinda conseguiu conservar, no seu centro histórico, um expressivo acervo arquitetônico também responsável pela sua formosura, além das características naturais que despertaram encantos desde sua fundação. Os casarios, as diversas edificações religiosas, bem como as íngremes ladeiras, são elementos com os quais nos deparamos até encontrar o convento franciscano de Nossa Senhora das Neves. Três vias levam diretamente a ele, a Rua Bispo Coutinho, a Travessa São Francisco e a Rua São Francisco³⁹. No entanto, sua visibilidade encontra-se prejudicada devido ao adensamento urbano ocorrido na área e ao comprometimento do papel perspectivo desenvolvido pelo adro, que hoje aparece deslocado da igreja, apresentando-se separado por uma rua. A diferença de nível entre o complexo seráfico e seu adro também acentua esta desvinculação⁴⁰.

Figura 15. Imagem aérea do convento de Olinda, com destaque para as ruas que levam até o complexo: Rua Bispo Coutinho (1), Travessa São Francisco (2) e Rua São Francisco (3).



Fonte: Imagem aérea e fotos do Google Maps. Acesso em: mar. 2017. Intervenção da autora, 2017.

³⁹ Sobre o traçado que encaminha o transeunte até o complexo, ver dissertação de Albuquerque, 2012. A autora, ao comparar a cartografia antiga com a vista aérea atual de Olinda, constatou que a implantação da casa seráfica guarda muito das características seiscentistas.

⁴⁰ Sobre as características do adro, ver dissertação de Albuquerque, 2012. A autora faz uma análise ao comparar distintas fotografias, antigas e atuais.

Figura 16. Convento de Olinda, 2008.



Fonte: Foto disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/valdiney/2390348248/>>. Acesso em: ago. 2017.

A casa franciscana de Nossa Senhora das Neves foi a primeira a se estabelecer em terras tupiniquins. Segundo as fontes, os frades fundadores, ao aportarem em Olinda em 1585, foram recebidos com grande alegria, tendo guarida na casa de Filipe Cavalcanti e de sua esposa Dona Catharina de Albuquerque (prima do então capitão e governador Jorge de Albuquerque), onde permaneceram enquanto “se lhes preparava lugar conveniente para a sua habitação” (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 132). De lá, passaram a abrigar, ainda sem muita estrutura, casas vizinhas ao Hospital da Santa Misericórdia, onde se empenharam em realizar caridade para com os enfermos. “Por estas, e outras semelhantes obras, eraõ venerados do povo, estimados dos grandes, e todos se alegravaõ” (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 133).

Desse oratório, no qual permaneceram cinco meses, os religiosos passaram ao recolhimento doado por Dona Maria Roza, terciária⁴¹ que, após ficar viúva e não possuir herdeiros obrigatórios, uma vez que sua filha também havia falecido, cedeu a propriedade em devoção. Tratava-se de um desejo antigo, visto que a beata tinha

⁴¹ Os irmãos leigos ou terciários podem ser caracterizados como aqueles que “mantinham uma vida piedosa sem deixar totalmente as obrigações seculares” (SILVA, 2012, p. 32).

dado início a este recolhimento ainda em 1577⁴². A doação contava com uma igreja em homenagem a Nossa Senhora das Neves “e toda a mais terra necessaria para a cerca” (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 136). Sobre a área vegetada, encontrou-se uma citação muito interessante, onde Jaboatão já enfatiza a presença de muros e localiza o terreno, ao afirmar que **cerca** e **muro** seguiam “pela quebrada abaixo, até o salgado, que medeya entre o muro, e a pancada do mar, só com a distancia de hum combro⁴³ de area de algumas cincoenta braças⁴⁴ entre ambos” (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 145).

He o sitio, ainda que retirado, muy vistoso, participando mais do espaçoso do mar, que he o principal objecto da sua vista, e muy pouco da Cidade, por lhe ficar esta para o Meyo dia, e a mayor parte della encoberta com o empinado, que vay formando o monte em circuito, desde a Sé quasi ao Noroeste, até S. Bento ao Sul, que como muralha oposta tira ao nosso a mais vista da Cidade, que cahe toda para o Poente, por lhe ficar para o Nascente o da Senhora das Neves, de que fallamos (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 145).

Em iconografia do século XVII, é possível verificar a presença do convento franciscano e da sua cerca, que desce até bem próximo do mar, mostrando-se ampla. Como na descrição de Jaboatão, já havia o muro que cercundava a área vegetada e que a separava do curso d'água.

Figura 17. Perfil de Olinda, com destaque para o convento franciscano e sua cerca, em gravura do período colonial.



Fonte: Exemplar pertencente à Koninklijke Bibliotheek, Haia. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

⁴² “Ja fica dito, que vindo ter acaso pelos anos passados de 1577 o Padre Fr. Alvaro da Purificação á Villa de Olinda, pelos grandes dezejões que tinhaõ os seus moradores de ennobrecer a sua nova povoação com huma casa de Religiosos Seraficos, lha offerenciaõ fazer, sendo a principal neste empenho huma devota mulher, chamada Maria da Roza, que o brindava com huma, a que neste tempo dava principio, ou andava traçando para a offerecer, como fazia, aos Frades de S. Francisco, que aquelle Padre naõ acceitou por lhe faltar para isso o beneplacito da sua Provincia” (JABOATÃO, 1858, v. II, p. 135).

⁴³ Dunas.

⁴⁴ A braça equivale a 2,20m (BUENO, 2003, p. 52). Portanto, segundo Jaboatão, o muro se encontrava a cerca de 110 m do mar.

Ao explorar a cerca hoje, verifica-se uma área ainda vasta, porém separada do mar por meio de edificações. Internamente, esta se apresenta dividida: num primeiro momento, encontra-se um jardim provido de estruturas claramente atuais, (espelho d'água, bancos, banheiros, etc), o que não descarta a sua existência também antigamente. Num segundo momento, encontra-se a cerca em sua forma mais densa. Separadas por um muro de características recentes, o acesso a esta última é geralmente difícil, devido o volume da vegetação e especificamente do capim que cresce com facilidade (apesar dos frades se esforçarem em mantê-la limpa).

Figura 18. Acima, imagens do jardim; abaixo, cerca conventual em sua forma mais densa.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Percorrendo o terreno, verificou-se alguns elementos que o qualificam, expondo diferentes temporalidades, bem como diferentes formas de apropriação do espaço. Dentre estes, encontrou-se, inserido nos atuais limites da cerca, uma fonte de água. Ao observar a cartografia holandesa, que também consiste em uma ferramenta importante e eficaz para estudar o complexo conventual, constata-se um

quadrilátero por trás da casa seráfica, que pode ser a representação da supracitada fonte, o que sugere que a mesma já estava na cerca em data anterior à ocupação batava, ou seja, anterior a 1630 (provisto ou não da estrutura que a caracteriza atualmente). Vale colocar, no entanto, que as dimensões e a localização na representação cartográfica não conferem de forma precisa com as quais se verifica em campo, mas, como a mesma, em escala real, não apareceria na planta, é possível que tenha havido uma distorção proposital.

Figura 19. Planta holandesa de Olinda, com destaque para o quadrilátero presente na cerca conventual, possivelmente representando a fonte de água.



Fonte: Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia. Ca. 1630. p. 331 apud FILHO, 2000, p. 83. Esquema da autora, 2017.

Com relação à presença e utilidade desta fonte, consta nas crônicas de Jaboatão que o convento de Olinda sofria de “grande falta” de “agoa de fonte” potável, “pois apenas havia na cerca a de um pequeno **poço** para o gasto, indo-se buscar a de beber no arrabalde da Villa em pipas, e carros”. Por esta razão, ordenou-se que “se fabricasse huma **cisterna** com a agoa da qual se pudesse acudir a este inconveniente” (JABOATÃO, 1858, v. I, p. 232, grifo nosso).

De acordo com as informações, acredita-se que a fonte encontrada em campo corresponda ao poço mencionado por Jaboatão, de água imprópria para a ingestão. Com relação à cisterna, é muito provável que o cronista se refira àquela que se encontra no pátio que antecede o jardim (“pátio da cisterna”), onde também

se encontra um relógio do sol, uma vez que, segundo os escritos, “plantaraõ-na da parte de fóra, que olha para o mar, entre o canto, que faz o corredor, que fórma a claustra de Nascente a Poente” (JABOATÃO, 1858, v. I, p. 232-233).

Figura 20. Cisterna presente no convento de Olinda.



. Fonte: Fotos da autora, 2016.

É possível que o local, “no arrabalde da Villa”, para onde os franciscanos se deslocavam em busca de água potável, antes da construção da cisterna, corresponda ao Rio Capibaribe – fonte de água que abastecia a população e os mareantes antes da implantação da Ponte do Varadouro.

He a Ponte do Varadouro, da Cidade de Olinda, e foy sempre hum bom divertimento de seus moradores, e mais Colonios de outras partes, servindo tambem, assim aos da Cidade, como do Reciffe, de grandes conveniências. A estes, como tambem a todos os mareantes, por mandarem tomar de mais perto as agoas de beber, que lhes faltaõ alli, e as hiaõ buscar algumas quatro legoas pelo outro Rio Capebaribe acima ao Engenho dos Apeucos. Aos da Cidade, e seus vizinhos pela abundancia de pescados de bom gosto, e pouco custo, que cria, e dá o Rio em hum grande lagamar que fórma, quando represas as suas agoas (JABOATÃO, 1858, V.II, p. 141).

Com relação aos usos da fonte presente na cerca, por ter sido por muito tempo à única, certamente esta era utilizada para o banho dos religiosos e os afazeres da casa (limpeza e alimentação dos lavabos) e as atividades da cerca (irrigação), enquanto que a água para ingestão, como se viu, era buscada fora do complexo. Mais recentemente, mesmo com água encanada em todo o convento, a fonte, por vezes, continuou sendo utilizada para banho, como fica claro em entrevista cedida por Frei Milton ao *Jornal Commercio*⁴⁵ e pelos relatos dados por Frei Bruno, durante atividade de campo.

No verão de 1976, para economizar a água do prédio, frei Milton e os demais frades tomavam banho de cuia na fonte, que fica na parte baixa do terreno. ‘Tinha um banheiro ao lado da bica, usávamos só para o banho, pois não sabíamos se a água era poluída’, recorda (ALVES, Cleide, 2014, *online*).

⁴⁵ *Jornal online*, disponível em:

<<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/10/19/bosque-franciscano-aberto-ao-publico-em-olinda-151561.php>>. Acesso em: set. 2016.

“Então, antigamente os frades aqui era lugar de banho, nera. Então, Frei Zé Milton, que é o mais idoso aqui, pegou esse tempo, que os frades jogavam bola ali, lá na... e desciam por aqui pra tomar banho” (Frei Bruno, Convento de Olinda, abr. 2016).

Atualmente, a nascente se tornou atração turística, uma vez que a cerca do convento de Olinda foi aberta ao público em 2014, tornando-se a única do conjunto dos cenóbios nordestinos que considera e incorpora a área ao circuito de visitação. Trata-se de uma trilha que conduz os visitantes até a fonte e suas ruínas⁴⁶. O local também é utilizado para celebrações, dentre estas a procissão em nome de São Francisco, ocorrida no dia 04 de outubro, data da festa litúrgica do santo.

Figura 21. Fonte de água presente na cerca de Olinda e visitantes acessando a área.



Fonte: Fotos por Edmar Melo, 2014. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/10/19/bosque-franciscano-aberto-ao-publico-em-olinda-151561.php>>. Acesso em: mar. 2017.

Os visitantes, além de acessarem a fonte de água, ainda têm contato com a fauna e flora presentes na cerca conventual que, quando livres do capim, chamam atenção. Dentre a diversidade florística, estão: cajueiros, coqueiros, araçás, frutas-pão, seriguelas, trapiás, jenipapeiros, pitangueiras, abacateiros e bananeiras. E, no que tange a fauna, foram observados: Pica-paus, sabiás, sanhaços, carcarás,

⁴⁶ Houve um período em que a cerca do convento de João Pessoa também era aberta à visitação, apresentando, da mesma maneira que Olinda, a fonte de água lá presente como ponto de destaque. No entanto, as visitas foram suspensas há mais de uma década, sob a alegação de insegurança na área.

jandaias, formigas, cobras-verdes, abelhas, caramujos, rãs, sapos, jias, timbus e saguins⁴⁷.

Com relação às atuais dimensões da cerca, percebeu-se, ao comparar o que se constatou em campo com as informações extraídas das fontes textuais e imagéticas, uma considerável redução da área na porção posterior, que hoje apresenta edificações que a afastam do “principal objeto da sua vista”, o mar. O sítio, apesar das mudanças, continua “muy vistoso”, ainda usufruindo de paisagem exuberante, que, de fato, tem o curso d’água como protagonista. Mais que o visual, a ambiência do complexo traz a brisa, traz o som, carrega um clima distinto convento adentro.

Figura 22. Vista da porção posterior do convento de Olinda e da Rua do Sol, situada por trás do complexo.



Fonte: Imagem aérea e fotos do Google Maps. Acesso em: mar. 2017. Intervenção da autora, 2017.

Retornando ao material cartográfico histórico, conseguiu-se constatar, ainda, perdas de área na lateral direita do complexo franciscano, onde hoje se encontra

⁴⁷ Levantamento realizado por Frei Bruno Fábio Santana, em conjunto com Rafael Campbell e Wallison Bezerra, enquanto estudantes do Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança (DASS) do Instituto Federal de Pernambuco – campus Recife.

assentadas edificações. O muro do convento que demarca o atual limite nesta direção é todo construído com material recente, o que corrobora com a informação extraída da cartografia.

Figura 23. Redução da cerca de Olinda.



Fonte: Esquema produzido a partir do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; e do recorte da Planta de Olinda, Original manuscrito do Algemeen Rijksarchief, Haia. Ca. 1630. p. 331 apud FILHO, 2000, p. 83. Esquema da autora, 2017.

Em uma nova visita a campo, detectou-se, na porção frontal dos muros, um pequeno trecho que parece ser mais antigo, apresentando colunas bastante espessas, onde se localiza a abertura que leva diretamente à cerca conventual. Não foi possível acessar os demais limites, devido à presença de densa vegetação. Apesar dos recortes, verifica-se que a cerca conventual olindense ainda é bastante ampla e expressiva, apresentando diversos elementos que a caracterizam desde tempos mais longínquos. Reitere-se que este convento é o único, dentre o conjunto dos 15, que integra a cerca ao percurso de visitação.

Figura 24. Atuais limites da cerca conventual de Olinda com fotografias de seus muros.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; e fotos da autora, 2016.

2.1.2. A cerca do convento de Igarassu

Um dos primeiros povoados estabelecidos em terras brasílicas⁴⁸, a atual cidade de Igarassu apresenta um pequeno centro histórico, bastante preservado, onde se destacam cinco edificações religiosas: a Capela Nossa Senhora do Livramento (1774); o Convento do Sagrado Coração de Jesus (1742); a Capela de São Sebastião (1735); a igreja católica considerada mais antiga do país (1535), erigida em nome dos santos Cosme e Damião; e o convento franciscano de Santo Antônio (1588).

⁴⁸ A ocupação de Igarassu se deu ainda em 1535, antes mesmo do assentamento de Olinda, em 1537 (LINZ, 2011, p. 71).

As duas principais vias da cidade, Rua Barbosa Lima (Fig. 25, 1) e Rua Vinte e Sete de Setembro (Fig. 25, 2), levam diretamente para a casa seráfica, a qual se localiza em posição perpendicular a estas, na Rua Dom Barreto. É na Barbosa Lima onde se encontra o Convento do Sagrado Coração de Jesus (B), bem próximo da matriz Cosme e Damião (A), estabelecida na Rua Frei Caneca. Já a Capela Nossa Senhora do Livramento (C) se situa também na Rua Dom Barreto e a Capela de São Sebastião (D) na Joaquim Nabuco.

Figura 25. Imagem aérea destacando o convento de Igarassu e as ruas e edificações religiosas próximas (a); vista das ruas chegando até o convento franciscano (b); vista das edificações religiosas mais visíveis àqueles que chegam à cidade (c).



Fonte: Imagem aérea e fotos do Google Maps. Acesso em: mar. 2017. Intervenção da autora, 2017.

Figura 26. À esquerda, Capela de Nossa Senhora do Livramento; à direita, Capela de São Sebastião.



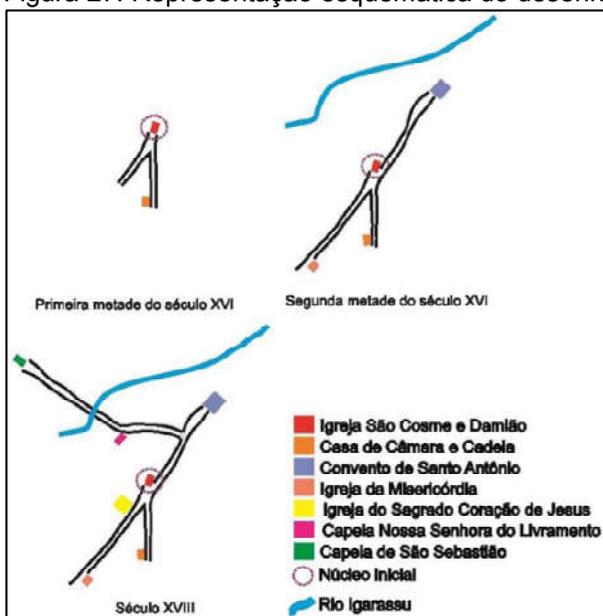
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

A este contexto se somam as ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia (1594), edificada próxima à matriz. Havia ainda a Igreja de Santa Cruz (de finais do século XVI), de localização imprecisa. A presença destas muitas edificações sacras em um espaço consideravelmente pequeno sugere a influência religiosa na conformação desta urbe. Segundo Melo, “Igarassu é uma das poucas cidades brasileiras cujo desenho urbano e paisagem de seu núcleo inicial do século XVI ainda estão praticamente intocados, existindo permanências naturais, arquitetônicas e em seu traço”⁴⁹ (2011, p. 15-16).

o desenho da vila de Igarassu se comporta de maneira linear, apresentando pequenos alargamentos nos espaços que correspondem aos adros dos dois principais edifícios religiosos do local [igreja matriz e convento franciscano]. A partir do eixo inicial, que tem como centro a Igreja de São Cosme e Damião, outras vias vão se ramificando, processo que continuou após o século XVIII com o crescimento da cidade. Porém, o eixo central e inicial pouco sofreu alteração e permanece como um traço colonial na cidade contemporânea (MELO, 2011, p. 14).

⁴⁹ Sobre o assunto, consultar o artigo de Melo, 2011. A autora estabelece comparações entre a atual cidade de Igarassu e as vistas de Frans Post, evidenciando as mudanças e permanências na paisagem.

Figura 27. Representação esquemática do desenho da vila de Igarassu nos séculos XVI e XVIII.



Fonte: MELO, 2011, p. 15.

Inserido no espaço urbano colonial, destaca-se o Convento de Santo Antônio de Igarassu. Fundado em 1588, a casa franciscana foi a terceira a ser estabelecida no Brasil e a primeira em honra a Santo Antônio⁵⁰.

Figura 28. Convento de Igarassu.



Fonte: Foto disponível em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/ba/Igreja_e_Convento_de_Santo_Ant%C3%B4nio%2C_Igarassu.jpg>. Acesso em: ago. 2017.

⁵⁰ “E ainda que acazo disposto assim, não deixou de parecer com hua bem ajustada ordem; pois sendo a Senhora a primeira, e especial mãy dos frades menores, devia ter, como teve o primeyro lugar, e a caza primeyra de Olinda; e o Serafico Patriarcha, como aquelle, que á sombra de Maria foi o segundo, se lhe devia o segundo lugar, como se lhe deo na caza da Bahya, segunda da custodia; e por cousequencia a S. Antonio o terceyro, como o que depois de Francisco e Maria, havia de ser o Padroeyro de toda a Provincia” (JABOATÃO, 1861, p. 323).

Sobre sua fundação, Jaboaão coloca que as informações do cartório se restringiram a mencionar que, mediante solicitação da Câmara e de personalidades da vila, o padre custódio Frei Melchior enviou religiosos para escolherem o sítio de implantação do convento, os quais, construindo recolhimento, deram início às obras conventuais (JABOATÃO, 1861, p. 323)⁵¹.

Com relação às características do complexo, ficou registrado no livro deste convento que, “com a boa vontade, devoção, e esmollas do povo em poucos anos se pôz em perfeição”, foi erigido “muy pequeno, e capucho, e sobre tudo devoto” (JABOATÃO, 1861, p. 324). Tais descrições deixam claro que a edificação religiosa passou, posteriormente, por reforma, tomando as feições e proporções que apresenta hoje: mais alto e decorado, quando se olha a igreja, e mais volumoso e imponente, visto enquanto conjunto⁵².

A igreja era - e ainda é - descortinada por um adro de características bem interessantes, que se conserva em terra batida e apresenta um cruzeiro de dimensões generosas. Falar deste espaço é também falar da cerca conventual. Como vimos, há uma relação intrínseca entre eles, sobretudo no caso desta casa, onde ambos compartilham elementos em comum: tanto na conformação mais primitiva quanto na mais atual, o adro é desenhado por muros que, ao mesmo tempo, delimitam a área verde do convento.

Em passagem que fala da localização do complexo, fica claro que a cerca seguia até o Rio Igarassu, ou pelo menos parte dela, o que dá pistas em relação às suas dimensões primitivas. Os escritos mencionam à ligação convento e rio na porção posterior, hoje parcialmente obstruída pela presença de edificações. A parte situada à direita do edifício religioso apresenta a ligação ainda hoje. A dúvida, então, só diz respeito à área locada à esquerda do complexo (que se limita com a Rua Migodônio Pio da Fonseca), já bem adensada nas margens do curso d'água.

⁵¹ Jaboaão também menciona as informações contidas em Lisboa, que apresentam uma pequena diferença no relato. Segundo elas, foi o Padre Custódio em pessoa até a vila, escolhendo o sítio mais conveniente para implantação do convento, quando então deixou religiosos para cuidarem da obra (JABOATÃO, 1861, p. 323).

⁵² Com a invasão holandesa, os conventos foram desapropriados, ficando por muito tempo desertos e/ou utilizados pelos holandeses em prol da guerra. Tal acontecimento resultou no desgaste dos complexos, tornando necessário o investimento em reformas após a expulsão batava.

[O convento] Está situado no fim da rua principal da villa⁵³, em huma meya quebrada, e razo, que faz logo abayxo da sua Matriz, ficando-lhe **o muro da parte debayxo, sobre as margens do rio**, que ja em seo lugar se disse correndo athe-li sem nome, como pequeno ribeiro, antes de chegar á ponte, que do fim da villa dá passagem para o arrebalde de Saõ Sebastiaõ e caminho para Goayana, vindo do Reciffe, com as agoas salgadas, que de maré chea se encontraõ com as suas cresce a rio, e toma o nome de Iguaraçú (JABOATÃO, 1861, p. 324, grifo nosso).

As crônicas mencionam também a presença de duas **portas** na cinta amuralhada: uma “que tem o **muro** pela parte fronteira á rua, que atravessa pelo frontispicio da igreja”, e outra “no fim da quadra do muro, que desce para o rio pela parte do nascente” (à esquerda do convento). Ambas apresentavam funções específicas: a primeira recebia os **carros e bestas**, que conduziam “as **esmollas** dos arrebaldes”; enquanto a segunda recebia as **lenhas**, que se mandava cortar dos mangues “para o gasto da cozinha” (JABOATÃO, 1861, p. 325, grifo nosso).

A abertura frontal se manteria dos primórdios do convento, quando o mesmo apresentava ainda suas primeiras feições, até, pelo menos, o início do século XX, como se pode observar por meio de antigas iconografias. Hoje, no entanto, esta não existe mais. Com relação à segunda porta citada, nenhum registro foi encontrado. O muro lateral esquerdo é constituído por material recente, não deixando evidências da supracitada passagem. A reconstrução pode ter sido resultado de desabamentos ou da redução do terreno – é possível que o antigo limite se aproximasse ainda mais do rio. De qualquer maneira, é certo que a cerca perdeu boa parte da área localizada aos fundos do convento, onde se instalaram diversas residências.

⁵³ O cronista se refere à Rua Barbosa Lima, onde também se situa a Igreja Matriz.

Figura 29. O convento de Igarassu e a presença da “porta do carro”, em representação do século XVII (a) e em fotografia do início do século XX (b); e a ausência da abertura em fotografia atual (c).



Fonte: Gravura de Frans Post do livro de Barléu (1647) apud FILHO, 2000 (a); fotografia disponível em <http://www.ibamendes.com/2011/05/blog-post_912.html>. Acesso em: mar. 2017 (b); e fotografia do Google Maps. Acesso em: mar. 2017 (c).

Figura 30. Vista do muro lateral do convento de Igarassu e das residências instaladas no fim da via que o margeia.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, s/d.

Além das duas portas visíveis à cidade, havia ainda mais uma abertura, de caráter sigiloso. Esta é citada quando o cronista relata a invasão holandesa, ocorrida em Igarassu e, especificamente, no convento de Santo Antônio, em abril de 1632 (JABOATÃO, 1861, p. 326) – característica que nos leva a pensar mais uma vez no papel da cerca conventual.

E que os mais se retirassem saindo á pressa do Convento o podiaõ fazer livres do Inimigo pela **porta do carro debayxo**, e em alguã canoa das que o Convento costumava ter, e ainda hoje tem no **porto**, iriaõ ter com o susto á Ilha de Tamaracá sem poderem ser vistos pelo inimigo, por ficar esta **porta** no fim do **muro** á margem do rio, e ser este coberto dos mangaes grandes, e serrados que tem, e não haver em muita distancia das suas margens, desde a ponte da villa athe á ilha moradores, nem povoado algum, como ainda ao prezente o não tem, e dalli passado este alvoroço se tornariaõ a recolher ao Convento, que ainda entãõ não ficou de todo desertado (JABOATÃO, 1861, p. 328, grifo nosso).

Com a invasão holandesa, os últimos religiosos se retiraram do convento em 1639, o qual permaneceu desabitado até 1654, quando se iniciou a Restauração⁵⁴. Passados estes 15 anos, os frades voltaram a habitar o complexo, que apresentava algumas partes em ruínas, tais como o desmoronamento parcial dos muros. Executaram, então, pequenas reformas e permaneceram nele como estava até 1662, quando se iniciou sua reconstrução - primeiramente pela igreja, seguindo pelos corredores, até a conclusão de toda a obra, em 1693 (JABOATÃO, 1861, p. 335-336).

Na área da cerca, edificaram, em 1689, uma casa de pedra e cal (JABOATÃO, 1861, p. 333), “que pela bayxa do Convento corre sobre a margem do rio”. Esta servia, a princípio, de **lavatório**, passando a funcionar, mais tarde, como local onde se recolhia sal, que se tirava de esmola para o convento na Ilha de Itamaracá. A estrutura apresentava uma porta que respondia ao complexo franciscano e outra, ao rio⁵⁵, “com alpendre cuberto sobre a margem deste, poyaes de assento, e no meyo huã escada com degraos de pedra lavrada, pela qual se desce, e entra para a agoa”. Segundo a fonte, o curso d’água era local de banho dos religiosos, “porque o rio he para isso excelente de maré vazia, ficando em agoa doce, clara, e corrente, de arêa limpa, e pouco fundo, sem que sejaõ os que nelle entraõ vistos dos moradores da villa” (JABOATÃO, 1861, p. 325-326).

Em campo, não foi possível chegar até o rio, de maneira que não se alcançou o local onde as fontes indicam a presença do antigo lavatório e do porto. Isto, pois, por fora do convento, há a barreira criada pelas edificações, e, por dentro, a criada

⁵⁴ Denomina-se Restauração o processo de reativação das duas Províncias Franciscanas do Brasil (Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil e Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil), realizado pelos franciscanos da Alemanha no final do século XIX.

⁵⁵ Conjectura-se que, ao construírem essa casa, originalmente lavatório, os religiosos podem ter tirado proveito da terceira porta do carro apresentada anteriormente, por onde os franciscanos fugiram dos holandeses. Isto, pois o cronista descreve as “duas” aberturas com as mesmas características: ambas se localizavam as margens do rio e protegiam os frades de olhares alheios (ora na fuga, ora no banho).

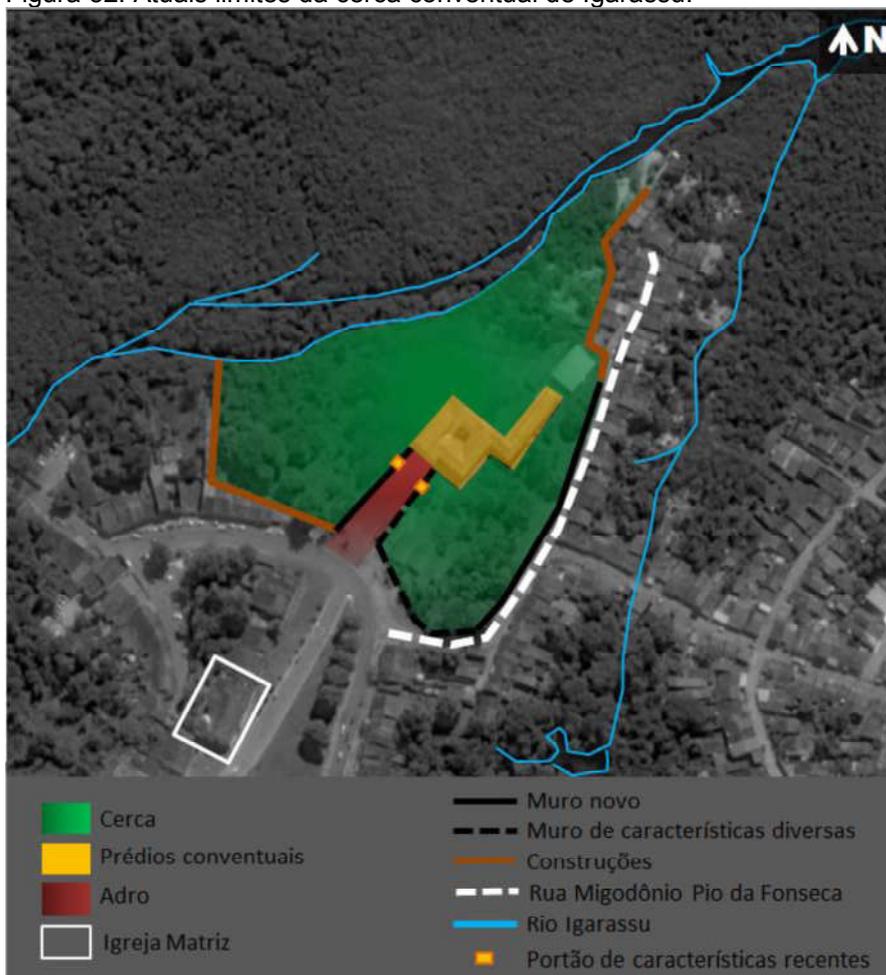
pela própria vegetação. Internamente, só se conseguiu acessar as imediações da porção edificada, onde se encontram uma cisterna e um muro que separa a parte mais densa da cerca, ambos de características recentes. Hoje o complexo ainda apresenta aberturas que levam diretamente para a cerca, mas estas estão dispostas nos muros perpendiculares à igreja e são de caráter recente.

Figura 31. À esquerda, cisterna encontrada na cerca conventual; à direita, muro que separa a vegetação mais densa da porção mais próxima do edifício.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Figura 32. Atuais limites da cerca conventual de Igarassu.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Ainda em relação à situação atual da área, em outubro de 2016, 15 metros do muro lateral vieram abaixo (primeiro cinco, depois mais dez). Para evitar acidentes, a prefeitura removeu o total de 50 metros. As dificuldades com a manutenção são evidentes (CONVENTO..., 2016). No que tange aos usos, o complexo seráfico assume hoje posto de casa de formação de sacerdotes e museu de arte sacra, enquanto a cerca fica abandonada.

Figura 33. Vista da porção do muro lateral que desmoronou em 2016.



Fonte: Foto por Diego Nigro, 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/12/02/convento-de-santo-antonio-de-igarassu-quer-ajuda-para-refazer-muro-262379.php>>. Acesso em: mar. 2017.

Apesar do atual estado, é manifesta nas crônicas a importância que a cerca conventual desempenhou para o complexo seráfico de Igarassu. Os relatos de Jaboaão expõem informações concretas e ricas ao falar sobre esta cerca. Como visto, ela se apresentava murada e possuía várias portas do carro, com empregos específicos; era o local vegetado que também funcionava como caminho para o recolhimento das esmolas e da lenha para prover a casa; era área de banho, equipado com lavatório; espaço de refúgio e de segredo, sendo até mesmo estratégico às fugas, às defesas, em conflitos bélicos.

2.1.3. A cerca do convento de Recife

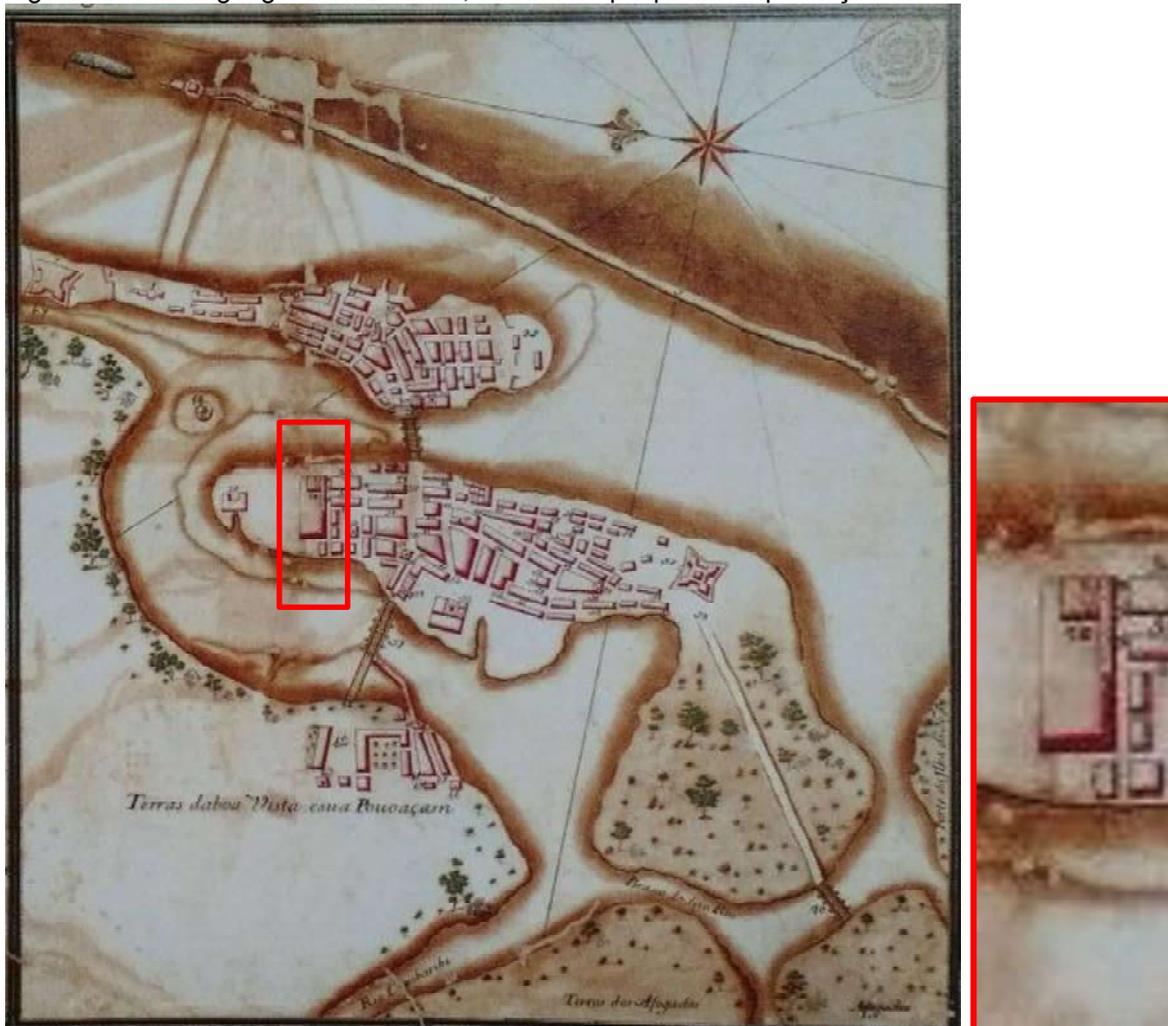
A grande e adensada Recife comporta o sétimo convento franciscano edificado no Brasil, sendo o quarto com o título de Santo Antônio. Este parece comprimido pela intensa ocupação urbana e, de fato, o foi: seu adro quase não existe mais e sua cerca já foi totalmente extinta. Localizado próximo à Praça da República, o complexo se encontra em um ambiente movimentado, com acelerado trânsito de veículos e de pessoas. No entanto, nem sempre foi assim.

Figura 34. À esquerda, foto atual do convento de Recife e seu reduzido adro; à direita, foto atual do convento inserido no meio urbano.



Fonte: Foto disponível em: <adensamenthttps://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65845?locale=pt_BR>. Acesso em: fev. 2017; e foto disponível em: <http://www.ofmsantoantonio.org/?page_id=1042>. Acesso em: fev. 2017, respectivamente.

Figura 35. Planta geográfica de Recife, com destaque para a implantação do convento franciscano.



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa. ca. 1763. p. 339 apud FILHO, 1999, p. 102. Intervenção da autora, 2017.

Fundado em 1606 nas imediações do porto, o convento foi erigido sobre terreno que alcançava o Rio Capibaribe, de um canto ao outro (JABOATÃO, 1861, p. 438). Por esta disposição, adro e cerca se comunicavam diretamente ao curso d'água.

Da terra para o sitio, que foraõ cincoenta e seis braças de testada⁵⁶, começando na ponta da Ilha, que chamavaõ dos Navios, e he a mesma, em que está o Convento, com **toda a largura de praya a praya**, fez a data Marcos André em quatorze de Dezembro deste mesmo anno de 1606. Para se dar principio á obra se fez primeyro huã caza com seo Oratorio junto onde se fundou o Convento para a parte da Barreta⁵⁷ (JABOATÃO, 1861, p. 438, grifo nosso).

Visando o aumento da cerca seráfica, para a parte da Barreta, compraram a Manoel Francisco e sua esposa Izabel Gomes, por escritura de 19 de dezembro de 1627, trinta braças de terra⁵⁸, que “ja antes desta compra com beneplacito de seos possuidores, estava incluza na mesma cerca, por não ser suficiente para ella a da primeyra data”. Ou seja, tratou-se de uma oficialização. Vale pontuar aqui que o acréscimo enfatiza a necessidade de áreas vegetadas amplas. Mais tarde, o terreno viria a crescer ainda mais, visando à execução de obras dos irmãos terceiros (JABOATÃO, 1861, p. 438).

Diante das informações contidas nas crônicas, fica evidente que a cerca do convento de Recife apresentava grandes dimensões, as quais, segundo a mesma fonte, foram adquiridas por lhe serem necessárias⁵⁹. No entanto, ao observar as antigas iconografias, a mesma não é representada de forma volumosa, possivelmente porque as subtrações de sua área começaram cedo.

Sabe de sciencia própria que o Convento de Sto. Antonio do Recife é o único senhor possuidor da igreja, convento, **hortas** e terrenos compreendidos entre os dois braços do rio, sendo que o mesmo convento cedeu apenas em época remota (1665) os terrenos em que se encontra edificada a Ordem Terceira e as casas desta, à rua de São Francisco, João do Rego e Bela (Autos de Dr. Vicente Ferrer, 1902, p. 44 - 45, apud MUELLER, 1984, p.90, grifo nosso).

⁵⁶ O que equivale a 123,20m de testada, ou seja, aproximadamente a medida da face ou lado de um quarteirão atual.

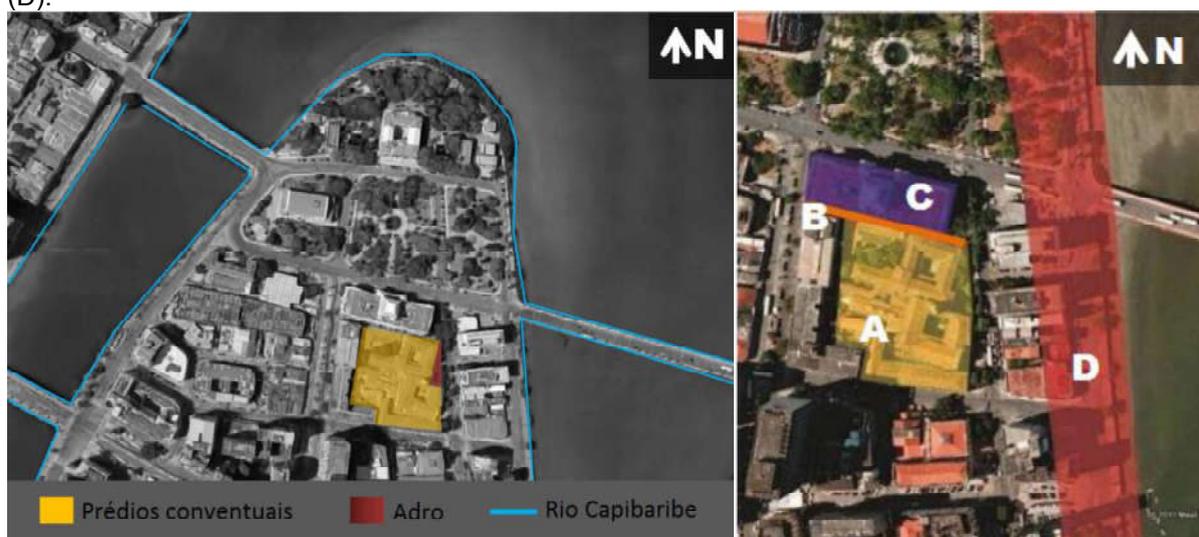
⁵⁷ O cronista deve se referir ao Passo da Barreta, que se situava entre os bairros de Boa Viagem e Pina.

⁵⁸ O que equivale a 66m de terra.

⁵⁹ No período da invasão holandesa, quando os religiosos foram obrigados a deixar o convento, os holandeses ocuparam a povoação e a casa de Santo Antônio, “por ser o seu terreno amplo”, transformando-no num quartel, que eles denominaram de Forte Ernesto (JABOATÃO, 1861, p. 455). Implantado em local privilegiado, a ocupação certamente estava relacionada com a visibilidade proporcionada pelo edifício religioso, do qual se alcança grande extensão, como fica claro quando Jaboatão descreve a paisagem vislumbrada do interior do sobredito convento (1861, p. 444-447).

No decorrer do tempo, as apropriações continuaram. Sabe-se que, no fim do século XIX, parte do terreno foi cedida para o alargamento da Rua João do Rêgo (Florentinas) e, em 1924, para a edificação do Palácio da Justiça (ALBUQUERQUE; SILVA, 2011, p. 11), processo que perdurou até a amputação total da cerca conventual.

Figura 36. À esquerda, localização do convento de Recife em relação ao rio; à direita, área atual do convento (A), com destaque para a Rua João Rêgo (B), o Palácio da Justiça (C) e a área aterrada (D).



Fonte: À esquerda, Intervenção da autora sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; à direita, intervenção da autora sobre esquema disponível em ALBUQUERQUE; SILVA, 2011, p. 11.

Figura 37. À esquerda, vista do convento de Recife, evidenciando a ligação direta do mesmo com o curso d'água; à direita, a perda desta ligação.



Fonte: Foto de detalhe de uma pintura localizada no convento de Recife, de autor desconhecido, s/d. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem; e foto de autor desconhecido, 1920. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, respectivamente.

Atualmente a casa seráfica apresenta uso misto, sendo ainda habitada por frades e funcionando como provincialado, mas também recebendo visitantes. Nos fundos do convento, também ocupando antiga área de cerca, encontra-se o Edifício Santo Antônio (de 1960), do arquiteto Acácio Gil Borsóí. Nele se localiza o Arquivo

Provincial Franciscano, que reúne documentos raros referentes à Ordem, aos seus religiosos e aos seus conventos, tais como livros, manuscritos, fotos, negativos em vidro, pinturas, fitas cassetes, coleções pessoais dos antigos frades, pergaminhos, dentre outros⁶⁰.

Figura 38. À esquerda, Edifício Santo Antônio, situado em antiga área de cerca; à direita, Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem em visita ao Arquivo Provincial Franciscano, localizado no prédio.



Fonte: Foto disponível em: <https://www.flickr.com/photos/a_leste/2512038837/>. Acesso em: ago. 2017; e foto do acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014, respectivamente.

2.1.4. A cerca do convento de Ipojuca

O convento franciscano de Ipojuca também foi erigido em nome de Santo Antônio. Chega-se até ele a partir da Rua Vicente de Salvador, continuação da Rua do Cemitério. Os casarios, amoldando-se ao terreno irregular, parecem estar sobrepostos, como se nota a paisagem a partir do adro do cenóbio. O entorno apresenta vastos terrenos voltados ao plantio de cana-de-açúcar, atividade presente no município desde a sua formação. Neste contexto, é o complexo franciscano que se destaca, sobretudo devido a sua área de cerca, ainda muito volumosa.

⁶⁰ Este material estava distribuído pelos conventos da Ordem Franciscana do Nordeste, concentrando-se agora no sobredito acervo, o qual foi submetido a processo de higienização, organização e catalogação, iniciado em 2014, a partir do projeto “Resgate documental da Província Franciscana de Santo Antônio do Nordeste do Brasil”, patrocinado pela Petrobrás. A segunda etapa consistirá na sua restauração, mas ainda não há definição de data, até porque a fonte de recursos ainda não está definida.

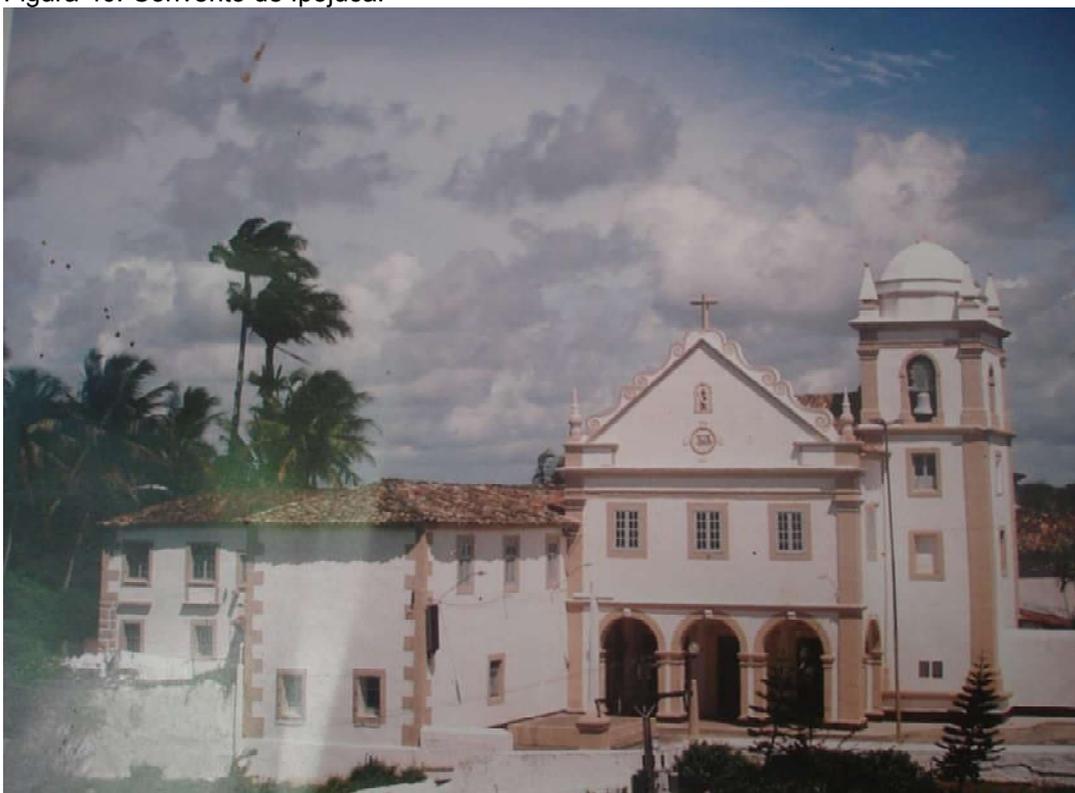
A autora, em conjunto com o Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, esteve em Recife por três vezes buscando o contato com estes documentos, no entanto, como os mesmos ainda estavam passando pelo processo explicitado, não foi possível explorá-los com profundidade.

Figura 39. À esquerda, implantação do convento de Ipojuca; à direita, vista da cidade a partir do adro.



Fonte: Foto disponível em: <<http://www.ipojucanoticias.com.br/noticias/2216/festa-de-santo-cristo-agita-fim-de-ano-em-ipojuca-e-contara-com-variios-servicos-municipais>>. Acesso em: mar. 2017; e foto da autora, 2016, respectivamente.

Figura 40. Convento de Ipojuca.



Fonte: Foto disponível em:< <http://freiosmardasilva.blogspot.com.br/2013/05/ipojuca-pe-comtemplem-as-belezas-do.html>>. Acesso em: ago. 2017.

Segundo Jaboatão, houve duas tentativas de implantação do convento, ambas mediante solicitação dos moradores da antiga Vila de São Miguel de Ipojuca. Da primeira, foram os franciscanos recebidos em casas cedidas por João Dias de

Lyra, na parte baixa da povoação, onde permaneceram por alguns meses, providenciando o que era necessário para a fundação. No entanto, diz o cartório que, “por certos respeitos”, que não foram registrados quais, abandonaram as casas e partiram de volta para o convento de Olinda, de onde haviam saído. De acordo com a mesma fonte, da segunda tentativa, após novas súplicas das mesmas personalidades da vila, os frades tornaram a aceitar a fundação em 28 de outubro de 1606. Desta vez com sucesso, os religiosos se instalaram no alto da povoação, em casas situadas junto ao local determinado para o convento. Nestas casas, edificaram uma igreja de taipa, em forma de recolhimento, onde assistiram até 6 de janeiro de 1608, dia de Reis, quando se lançou nos alicerces dos corredores a pedra fundamental (JABOATÃO, 1861, p. 478-479).

Com tal cuidado dos Religiozos, vontade, e adjutorio dos moradores se trabalhou nesta obra, que a pouco mais de dous annos, sendo custodio Fr. Francisco dos Santos, que chegou ao Brasil no de 1609, estava feita a Igreja, e duas quadras dos corredores, huã da sachristia ao poente, e outra do refeitório ao Sul; de sorte que no tempo deste sobredito custodio se passaraõ os Religiozos para o novo Convento (JABOATÃO, 1861, p. 480).

Sobre a cerca, algumas informações contidas nas crônicas revela surpresa. Esta, que ainda é extensa, parece ter sido ainda maior. Quando o cronista descreve o local, mencionando as qualidades do rio, aponta que, em período de grandes cheias, o mesmo alcançava o muro posterior do convento. Tal afirmativa expõe uma grande perda de área, uma vez que a atual localização da cerca em relação ao rio é demasiada distante.

Da bayxa do Convento caminho do poente, a pouca distancia, corre o **rio** com o mesmo nome da Povoação, e de largura de vinte braças⁶¹ com pouca differença. **As suas agoas são approvadas pelos médicos conforme as experiencias, que dellas tem feito, pelas mais salutiferas dos banhos em varias enfermidades.** Correm por arêas claras, ainda que em partes com poços fundos, em as mais se entra por ellas athe os joelhos, e cinta, conforme querem os que alli os vão tomar, ou por remédio, ou divertimento. **Pelo inverno he caudalozo, e violento, e com as suas cheas inunda todas as terras bayxas por onde corre, e não dá passagem nestes dilúvios sem embarcações de canoas, ou jangadas, e quando são maiores chegaõ ao muro da bayxa do Convento** (JABOATÃO, 1861, p. 481, grifo nosso).

Além da proximidade com o rio, a cerca conventual de Ipojuca também contava com uma “caza do poço”, que servia para variadas atividades do complexo, e uma levada, cuja água, junto à do poço, era utilizada para irrigação da horta cultivada na cerca. Para beber, os frades faziam uso da água do rio, como fica claro na passagem abaixo:

Nesta mesma bayxa da parte do interior do muro no principio do alto, que começa a subir para o Convento está a **caza do poço**, que dá a agoa para a serventia

⁶¹ O que equivale a 44m.

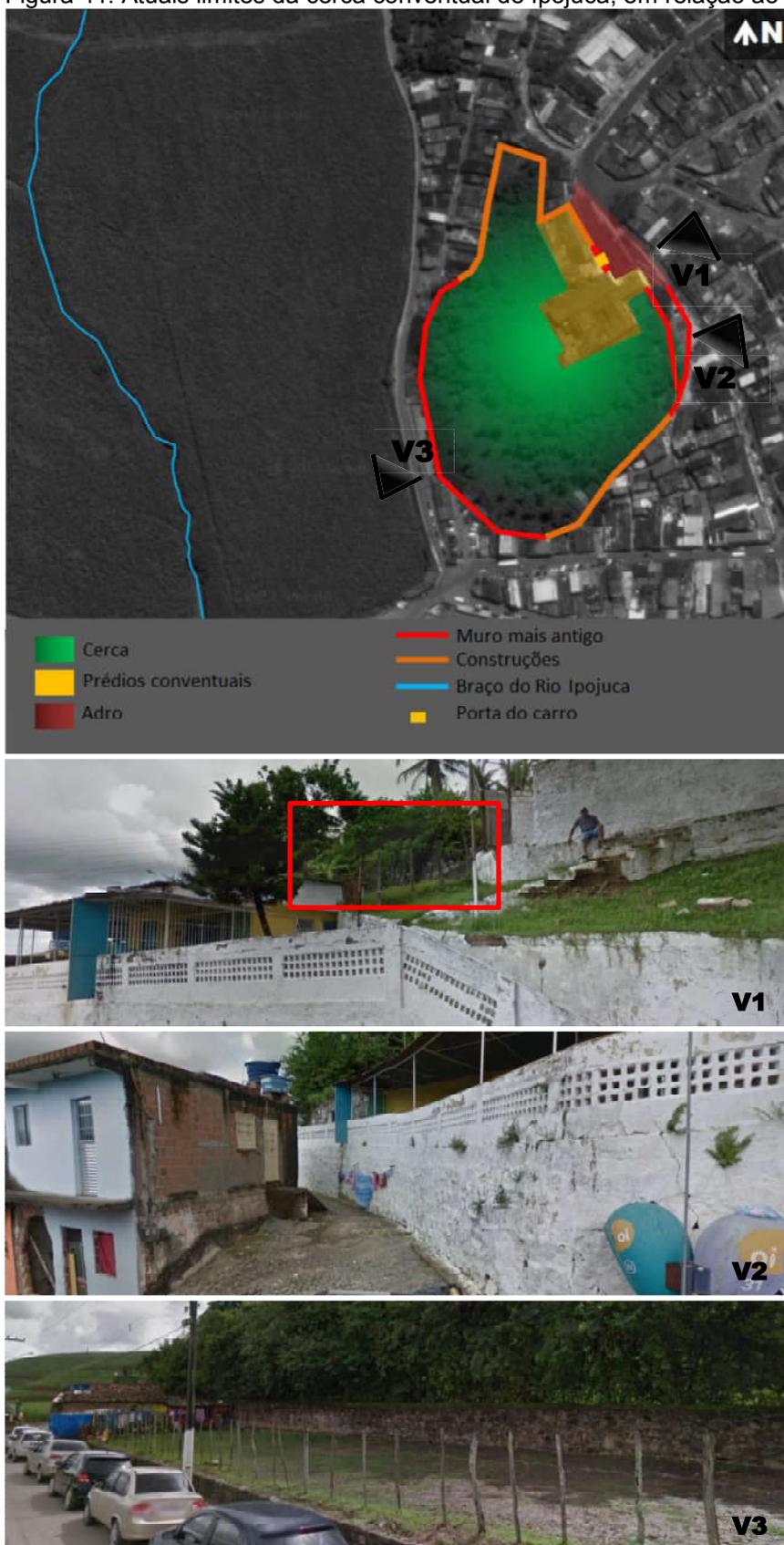
commua, e ao lado deste pela parte de cima corre por huã **levada**, que se abrio, outra agoa encaminhada e trazida da parte de fora de huã pouca, que nasce ao pé do monte da Povoação da parte do Poente, com a qual se rega a **horta** junto ao poço na mesma bayxa. Aque se hade beber se vai buscar ao rio (JABOATÃO, 1861, p. 481, grifo nosso).

Explorando a cerca hoje, buscou-se por seus atuais limites, localizando trechos de muro em pedra (com algumas intervenções recentes). Na porção frontal, identificou-se a presença de uma abertura que dá acesso direto à cerca, que também aparece em imagens antigas. Não há como afirmar, no entanto, tratar-se da primitiva porta do carro. Ainda na porção frontal, constatou-se a presença de dois muros, um mais abaixo e outro mais acima, devido à característica acentuadamente íngreme do relevo, assinalando que, por vezes, aparecem muros internos à cinta amuralhada.

Na porção posterior, repete-se, como se constatou, a presença de muro em pedra, que se encontra resguardado por um cercado construído de madeira e arame farpado. Considerando a afirmação de Jaboação, de que o rio, quando cheio, alcançava o “muro da bayxa do Convento”, acredita-se que havia, anteriormente, outros braços do Rio Ipojuca situados mais próximos do complexo e/ou, como já mencionado, que a cerca tenha apresentado outros limites, ainda mais amplos.

Evidentemente a área deve ter passado por várias transformações no decorrer dos séculos, dentre estas, a alteração das dimensões do rio. No entanto, parece certo afirmar que a extensão da cerca sofreu grande redução. Não é de se estranhar um terreno extenso e volumoso, uma vez que o povoado, na época, era conhecido pela fertilidade do solo em massapê, sendo local de vastas plantações de cana-de-açúcar e lavouras de subsistência.

Figura 41. Atuais limites da cerca conventual de Ipojuca, em relação ao rio.



Fonte: Imagem aérea e fotos do Google Maps. Acesso em: out. 2016. Intervenção da autora, 2017.

Figura 42. Foto atual e foto antiga apresentando a abertura localizada na porção frontal do convento de Ipojuca.



Fonte: Foto atual do Google Maps. Acesso em: ago. 2017; e foto antiga encontrada no Engenho Poço Comprido, em Vicência, PE, s/d. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Em visita recente, não foi possível explorar a cerca conventual internamente, uma vez que a mesma se apresenta muito densa, de maneira que a massa verde, em alguns trechos, quase toca o prédio. Em outros, é separada por meio de muros novos que afastam a vegetação selvagem das imediações do edifício – fator que inviabilizou a melhor identificação dos limites apresentados. Apesar da casa ainda ser habitada por frades, o número de religiosos é bem reduzido, o que impossibilita o cuidado e uma melhor manutenção da área.

Figura 43. À esquerda, proximidade da vegetação da cerca em relação à porção construída do convento de Ipojuca; à direita, separação criada entre vegetação e edifício por meio de muros.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

2.1.5. A cerca do convento de Sirinhaém

Sirinhaém apresenta relevo acidentado e terrenos férteis. Neste contexto, encontra-se o convento de São Francisco, implantado em uma das extremidades do núcleo urbano, sobre um morro e próximo a um curso d'água. A Rua São Francisco leva diretamente ao adro sirinhaense, de onde já se tem contato com a cerca, uma vez que ambos compartilham muros em comum. Num deles, encontra-se a porta do carro, de maneira que se adentra a cerca a partir do adro.

Figura 44. Convento de Sirinhaém.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Segundo Jaboatão, a fundação do convento ocorreu em 1630, em resposta às petições realizadas no início do mesmo ano. Para tanto, Dona Madalena Pinheira doou, em escritura datada de 7 de maio de 1630, o sítio localizado “nas bayxas do Outeyro, e fim da Povoação á beyra do Rio”. Lá, os religiosos edificaram recolhimento, “em um meio razo, que alli se forma antes da bayxa, e beyrada do Rio”. No entanto, notando que o local não era bem situado, os frades optaram por mudar a implantação do convento para um sítio novo, conseguido por concessão de Lopo Soares, filho de Dona Madalena⁶². Ao final, ficou de posse dos franciscanos

⁶² Utilizando as palavras de Jaboatão: “Destas Escripturas, e datas o que se colhe, he, que pela primeyra fizeraõ o seo Recolhillento aquelles Religiozos ao descer do alto donde agora está o Convento em hum meyo razo, que alli se forma antes da bayxa, e beyrada do Rio; mas vendo depois naõ ficar alli bem situado, se conseguiu a data das pretenções, que tinba Lopo Soares, como Erdeyro de Sua Mãy, tanto ao lugar do Sitio Velho, como ao novo para haver de se mudar para este o Convento; e com esta concessão, ou desistência do filho, fez a Mãy doadora a outra data incluindo nesta ambos os Silios” (JABOATÃO, 1861, p. 506).

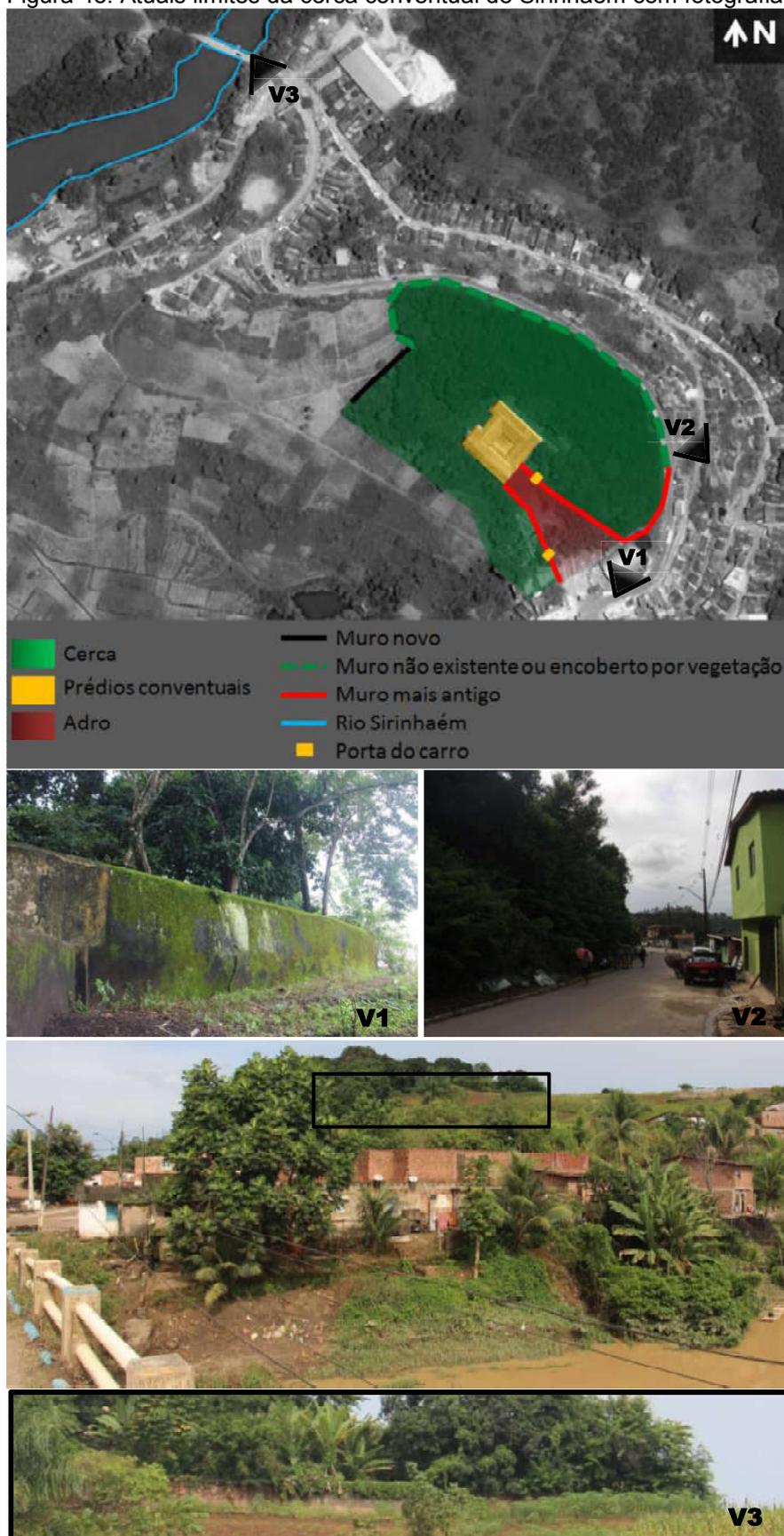
todo o terreno que compreende a atual área conventual até a beira do Rio Sirinhaém (JABOATÃO, 1861, p. 506).

Ao explorar o sítio hoje, verificou-se que a ligação cerca-rio foi rompida: há entre eles residências, ruas e descampados. Ao analisar o entorno da atual cerca, observou-se algumas características em relação a seus muros, que podem dar indícios das permanências e mudanças ocorridas na área. Percebeu-se que o muro frontal conserva qualidades antigas (conformado por pedra, apresenta-se espesso e dotado de acabamento chanfrado no topo), indicando que suas dimensões não foram alteradas (ver imagem v1 na Figura 45).

Na lateral esquerda do convento, que margeia a Rua São Francisco, ou o muro não existe mais ou ele foi encoberto pela vegetação, de maneira que não é possível acessá-lo (ver imagem v2 na Figura 45). Também não foi possível entrar em contato com o muro lateral direito, uma vez que a vegetação encontra-se bastante densa (e só se pode acessá-lo por dentro do complexo, já que não há rua que o margeie).

Por fim, a acessibilidade ao muro posterior é igualmente muito difícil (internamente por causa da vegetação, externamente por causa das transformações/apropriações que ocorreram na área e, ainda, pelo fato do convento estar situado no alto de um morro). No entanto, utilizando como artifício o *zoom* da câmera fotográfica, verificou-se trechos em tijolos (o que indica o caráter recente do mesmo) (ver imagem v3 na Figura 45), corroborando com as afirmativas das crônicas de que o limite da cerca seráfica estava próximo ao rio.

Figura 45. Atuais limites da cerca conventual de Sirinhaém com fotografias de seus muros.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; e fotos da autora, 2016.

Internamente, apenas se alcançou as imediações da porção edificada, onde se constatou as presenças de um muro de características recentes, separando a vegetação do prédio, e de uma grande cisterna no chão. Não foi possível averiguar a idade da mesma. Faz-se importante mencionar que a existência do muro não vem impedindo o crescimento de mato junto ao edifício. No caso deste convento, não só a cerca, mas todo o complexo se encontra em péssimo estado de conservação⁶³, mesmo ainda sendo habitado por frades.

Figura 46. Muro separando a porção vegetada da edificada.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Figura 47. À esquerda, cisterna encontrada nas imediações do edifício seráfico; à direita, o mato crescendo próximo ao edifício.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

2.1.6. A cerca do convento de Paudalho

Devido às dificuldades de acesso, o convento ou Mosteirinho de Paudalho foi o único dos 15 complexos franciscanos que não foi visitado individualmente por mim, mas foi estudado pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Localizado na

⁶³ Uma campanha de restauro no convento franciscano de Sirinhaém foi iniciada em 2010, no entanto a obra foi interrompida, permanecendo até então no aguardo pela continuação.

região central de Pernambuco, a casa religiosa se encontra implantada fora do perímetro urbano e, apesar de também ser patrimônio tombado pelo IPHAN, apresenta-se em ruínas. Pequeno, seu programa arquitetônico se resume à igreja com torres sineiras, provida de dois corredores dispostos lateralmente à nave⁶⁴, adro com cruzeiro, e cerca não delimitada por muros. Em 2008, o convento apresentava telhado provisório, muitas rachaduras e elementos compositivos e estruturais seriamente comprometidos (ALBUQUERQUE, 2012, p. 70).

Figura 48. Vistas frontal e lateral do mosteirinho de Paudalho.



Fonte: Fotos por Érica Albuquerque, 2008. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Trata-se de um convento misterioso. Além do difícil acesso, quase não há informações sobre o mesmo. Talvez isto se deva ao seu caráter provisório, por ter sido edificado e utilizado como refúgio de diversos religiosos na época da invasão holandesa de Pernambuco.

⁶⁴ É provável que se trate de uma igreja construída ao modo de “hospício”, ou seja, “com varandas aos lados do corpo”, como descreve Jabotão ao falar do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem (JABOATÃO, 1859, p. 297).

2.2. As cercas conventuais do estado da Bahia

Figura 49. Mapa do estado da Bahia, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/>>. Acesso em: ago. 2017.

A Bahia corresponde ao segundo estado nordestino com maior número de conventos franciscanos do período colonial. Trata-se de cinco exemplares distribuídos nas cidades de Salvador, São Francisco do Conde, Cairu e na Vila de São Francisco de Paraguaçu (Cachoeira). Estas apresentam características urbanas bem distintas, passando da agitada Salvador aos ares pacatos da mencionada vila.

2.2.1. A cerca do convento de Salvador

Em Salvador, encontram-se dois dos 15 conventos franciscanos compreendidos enquanto família: o de São Francisco, de maior porte em relação aos demais, e o Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem, o único desta categoria a ser visitado.

O primeiro situa-se no chamado Pelourinho, porção especial do centro histórico de Salvador. Com rico conjunto arquitetônico colonial, repleto de cor, assentado sobre chão de pedra, a área preservou ares únicos. O local se exhibe hoje

movimentado, palco de manifestações culturais efervescentes, evidenciando a diversidade cultural do seu povo. Neste contexto, no caminho para o complexo franciscano, está o conhecido Terreiro de Jesus, espaço aberto que descortina à Catedral Basílica e o Colégio dos Jesuítas, fundados ainda no século XVI, antes da casa seráfica.

Com distinto cruzeiro em pedra, o adro do convento, enquanto área religiosa de interface com a cidade, também é arena para muitas dessas manifestações. Este apresenta formato alongado⁶⁵, sendo margeado por sobrados coloridos que atualmente assumem função comercial. Sua conformação direciona o transeunte até a igreja conventual, que, internamente, é de um dourado exuberante e perturbador. Na morada seráfica, os ambientes são distribuídos nos três andares do prédio, organizados a partir de um claustro amplo e azulejado. A Ordem Terceira, por sua vez, possui um conjunto edificado próprio, situado lateralmente ao convento, destacando-se logo pela fachada, ricamente decorada. Por outro lado, sua visualização se encontra prejudicada, por estar encoberta pelas construções que ladeiam o adro do complexo seráfico.

Figura 50. Convento de Salvador, descortinado pelo adro.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Muito solicitado, o convento de São Francisco foi fundado em 1587 pelo padre custódio de Olinda (PE), Frei Melchior de Santa Catarina. As notícias referentes ao primeiro convento, implantado em terras olindenses, havia deixado a população de

⁶⁵ Sobre as características do adro, ver dissertação de Albuquerque, 2012.

Salvador ansiosa pela presença franciscana e pela edificação de casa seráfica também em seu território.

Logo que naquella Metropoli chegou a noticia que em Pernambuco se achavaõ Religiosos Menores a fundar conventos, e que já em Olinda tinhaõ hum, e da boa acceitação em que estavaõ de todo o Povo, despacharaõ os da Bahya seos Procuradores com cartas do Bispo e camera para o P. Custodio Fr. Melchior, convidando-o para que fosse ou mandasse Religiozos á sua parte todo o favor, ajuda e socorro que necessário fosse. Não recuzou o P. Custodio a offerta, e só se eximio de a poder executar com a brevidade que requeriaõ e elle desejava; mas que da sua parte promettia passar áquella cidade o mais depressa que o tempo lho permitisse, e a ccommodação da casa de Olinda que ainda estava muito nos seos principios, falta de obreiros suficientes para se repartirem por outras, e necessitada da sua assistencia (JABOATÃO, 1859, p. 42-43).

A área na qual se fundou o convento de Salvador corresponde, em parte, a terreno doado pela Câmara e, em outra, a terreno anteriormente pertencente a Antonio Fernandes. A compra da propriedade foi efetuada pelo Bispo D. Antonio Barreiros, que cedeu a aquisição aos franciscanos, em prol da edificação do complexo religioso. A escritura foi registrada no dia 8 de abril de 1587 (JABOATÃO, 1859, p. 47).

Sobre a cerca do convento, o relato de Jaboatão enfatiza a sua importância quando expõe que, mesmo com o terreno cedido para construção do edifício, os franciscanos precisavam de mais espaço para sua implantação. Para tanto, providenciaram a compra de mais terra, que foi registrada em 24 de outubro de 1589.

Supoposto tinhaõ ja os Religiozos pela data referida bastante lugar para o convento e Igreja, não era com tudo o de que se necessitava para a cerca e circunvalação dos **muros**, e assim se comprou mais a Christovaõ Albermaz huãs casas com seo terreno por settenta mil réis, os quaes pagou o Ill.mo e devoto Prelado, de que fez escriptura aos vinte e quatro de outubro do anno de mil e quinhentos e oitenta e nove (JABOATÃO, 1859, p. 47-48).

O livro aponta ainda que, mais tarde, para aumento da sobredita área “se compraraõ outros chaõs e casas a Martim Affonso Moreyra por preço de trezentos e sincoenta mil réis, os quaes pagou o syndico, das esmollas do convento”, fazendo-se escritura em 5 de dezembro de 1622 (JABOATÃO, 1859, p. 48). De acordo com o mesmo autor, a cerca apresentava qualidades hídricas importantes, contando com um terreno alagadiço devido à presença de um riacho. Ao descrevê-la, denuncia também as suas antigas dimensões, assinalando que ela se estendia até o convento de Santa Clara do Desterro⁶⁶.

sobre o despenhadeiro que faz o alto da cidade para a Praya, e Bahya, e o nosso para o campo, e aonde começa a fazer outra descida, ainda que não precipitada para o que chamaõ **Brejo**. Corre este entre o nosso convento e o de Santa Clara do

⁶⁶ Fundada em 1677, a casa das clarissas corresponde ao convento feminino mais antigo do Brasil.

Desterro ao mesmo leste, e em frente hum do outro, e só os divide este Brejo e as meas subidas para huã e outra parte. Corre o tal Brejo por dentro do nosso **muro**, e a parte deste, que sobe para o Desterro a devide de hum e outro a estrada ou Rua somente que atravessa por entre ambos, a saber entre o nosso muro e a muralha que cerca o pateo e frontispicio do Desterro (JABOATÃO, 1859, p. 48, grifo nosso).

Destaca-se aqui a importância que os frades davam à presença da água. De acordo com o cartório da Custódia, o complexo conventual foi constituído sobre o determinado sítio “assim por razão da Igreja de Nosso Padre São Francisco, que já estava feita, como da conveniência da agoa” (JABOATÃO, 1859, p. 55). Além do riacho, no livro ainda consta informações sobre a presença de uma fonte dentro dos limites da cerca, provida de toda uma estrutura voltada a captação e distribuição.

Fica a **fonte** da outra parte do Brejo, pelo qual se passa para ella por hum aterrado de cento e sincoenta passos de comprido, e algûs nove de largo, com suas guardas, ou parapeitos de tijolo demais de huã braça de alto⁶⁷, com seu **aqueducto ou cano de abobeda** no meyo, pelo qual passaõ as agoas que vem de sima para baixo (JABOATÃO, 1980, p. 55 – 56, grifo nosso).

Os muros da cerca também resguardavam uma pequena capela que, pelo fato das outras cercas da Província não a possuir, Jaboatão julga que os religiosos queriam “conservar com a erecção e culto desta capellinha a memoria da outra que acharaõ no lugar do convento, e lhes servia de Igreja para elle”. Por este mesmo motivo, a pequena capela presente na cerca foi intitulada com o nome do santo patriarca, “conservando a casa que de novo fundavaõ o tilulo que para ella lhe deu a Igreja que alli acharaõ” (JABOATÃO, 1980, p. 56).

he vemos ainda hoje **dentro dos muros** e cerca do convento huã **capellinha com seu copiar**, ou alpendre sobre assentos e columnas de pedra, e taõ antiga que nem por tradição ou memoria alguã pudemos descobrir quando tivesse o seo principio, consagrada ao Serafico Patriarcha com a sua Imagem em hum só altar, que tem, e na qual em a Dominga que cahe entre o oitavario do Santo desce a comunidade a cantar-lhe a missa, e ha Sermaõ. Está sita esta capella no fim da quebrada abayxo do convento e sobre a margem do Brejo, fazendo frente a casa da fonte, fabricada na mesma forma do copiar da capella (JABOATÃO, 1980, p. 55 – 56, grifo nosso).

Finalmente, encontrou-se a confirmação, em fontes primárias, do uso da cerca para rituais religiosos. O cronista, inclusive, faz referência a uma procissão interna, quando os religiosos desciam a cerca em direção à capela, para lá celebrarem missa. Será que ao mencionar “comunidade”, ele se referia, ainda, ao acesso dos cidadãos? Ou este era restrito a comunidade seráfica? A localização apontada na citação, que situa a pequena capela nos fundos do complexo seráfico, torna possível esta conjectura, pela maior proximidade com o meio urbano. No mais,

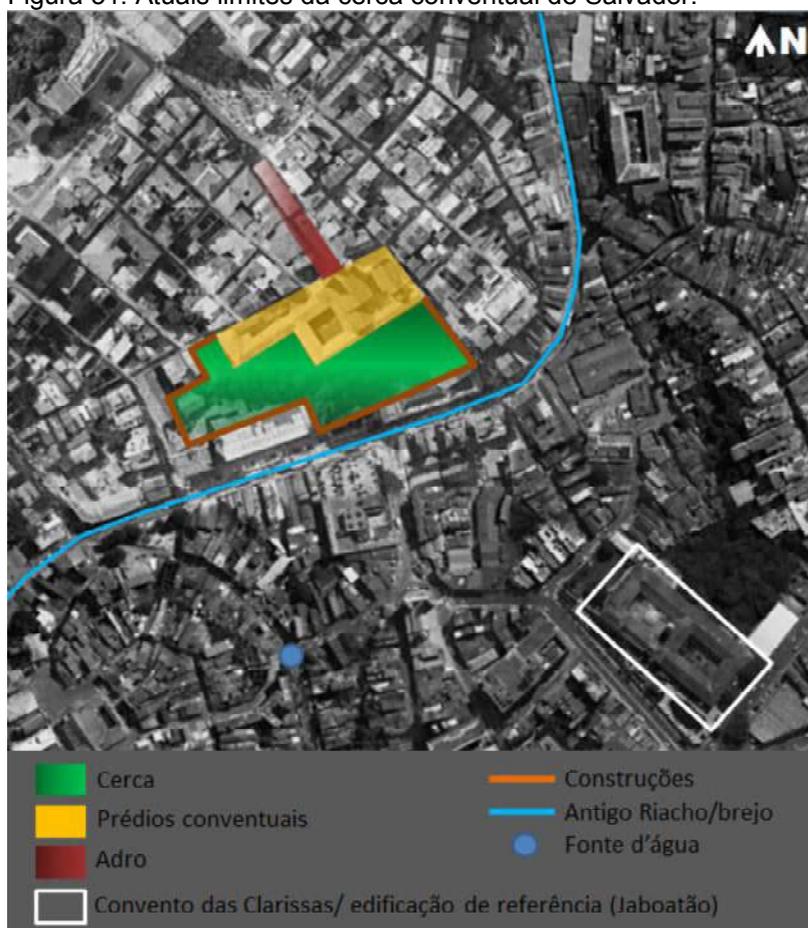
⁶⁷ O que equivale a mais de 2,2 m.

será que este tipo de apropriação se repetia nos demais conventos? Ou era algo particular desta casa devido à presença da capela?

Em 1675, com o crescente número de vocações, passou-se a discutir a ampliação da casa. Então, em 1686, deu-se início às obras. No que tange à cerca, em 1689, edificou-se a casa da fonte “na perfeição em que está”, e o muro “sobre a agoa do alagadiço, sobre grade de páo, couza de muito custo, para o que deu grande ajuda o dito Dezembargador” (JABOATÃO, 1859, v. I, p. 64-65).

Atualmente, a cerca seráfica foi silenciada: nela não consta mais a capelinha, nem o riacho, nem a fonte, nem os antigos muros. De acordo com estudos desenvolvidos na área, o curso d’água deu lugar a Avenida José Joaquim Seabra, e a fonte, ainda existente, encontra-se externa aos atuais limites da cerca (SILVA; ALBUQUERQUE, 2011, p. 8). Sobre a capelinha, nada foi encontrado. Características tão interessantes foram apagadas à medida que o terreno foi sendo apropriado em virtude das demandas urbanas.

Figura 51. Atuais limites da cerca conventual de Salvador.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Ocupando terreno acidentado, a cerca restante se divide em duas áreas: na parte alta, ligada a porção edificada do convento, encontra-se um jardim; enquanto na parte baixa, que se localiza nos fundos da rede de varejo Casas Bahia (pois esta foi edificada em terreno anteriormente pertencente à cerca conventual), tem-se acesso à cidade. Entre a parte alta e a parte baixa, conectados por uma escada, há uma porção de terra difícil de ser ocupada, por ser demasiada íngreme. Logo, parece ter sido este o motivo de sua “sobrevivência” (a dificuldade de ocupá-la), ou, como disse Frei Leônidas⁶⁸, “foi São Francisco quem protegeu”.

A cerca e o estabelecimento comercial compartilham um mesmo portão. Da Avenida José Joaquim Seabra, via na qual a Casas Bahia faz margem, há uma entrada por onde se acessa o estacionamento privado da loja. Esta mesma abertura leva a outro portão que dá acesso à área conventual a partir da cerca, ou seja, trata-se de um espaço em comum. Há ainda outros estabelecimentos comerciais que vão recortando a área da cerca, mas, nestes outros casos, os limites são mais bem definidos.

Figura 52. Escada que conecta parte alta e parte baixa da cerca do convento de Salvador.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

⁶⁸ Frei Leônidas Inácio Félix é atualmente frade estudante. Até dezembro de 2016 residia no convento de Salvador, onde e quando foi possível entrevistá-lo.

Figura 53. À esquerda, Casas Bahia; à direita, área compartilhada entre convento e estabelecimento comercial.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

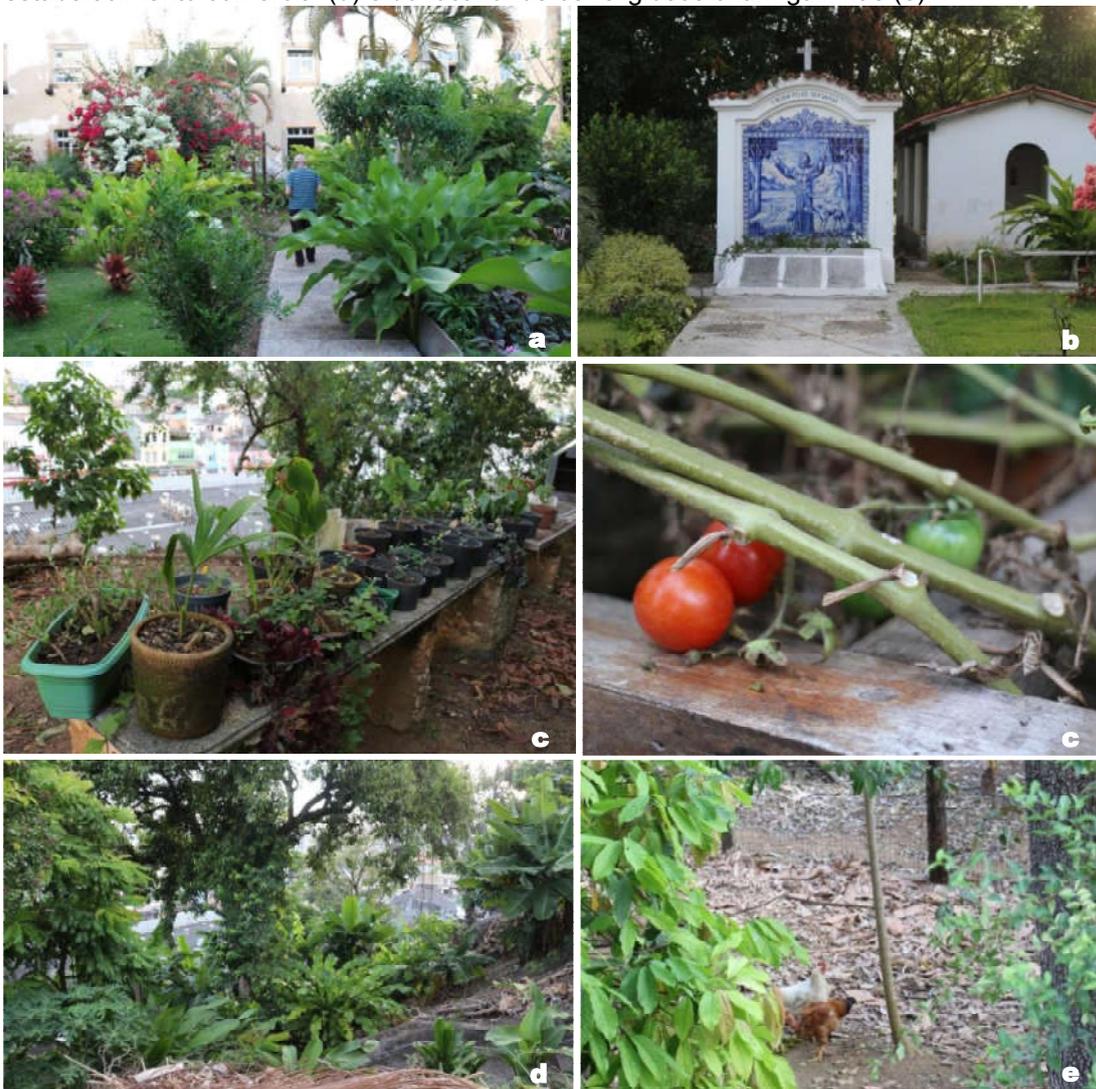
Na área do pequeno jardim, colorido e perfumado por flores, onde também se cultivam hortaliças, situa-se um memorial construído para abrigar os restos mortais de importantes frades, como o do Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, cujas crônicas são aqui tão utilizadas. Assim, apesar do desaparecimento da antiga capelinha outrora presente na cerca, o espaço ainda guarda motivos sacros. Na porção íngreme do terreno, há árvores frutíferas, das quais se colhem alguns poucos frutos que são consumidos tanto pelos religiosos quanto pelos hóspedes durante as refeições, já que a casa seráfica também funciona como pousada. Mais afastada, encontra-se ainda uma área onde se criam galinhas. A alimentação não vem exclusivamente da cerca, mas é complementada por ela.

Neste convento em especial, há um frade jardineiro responsável pelos cuidados com a área verde, trata-se de Frei Cristóvão. Este se dedicava ao campo desde criança, ou seja, antes mesmo de caminhar para a vida franciscana. Como frade irmão⁶⁹, aplicou-se desde cedo à lida com a terra, mas também realizou outras tarefas, a depender das necessidades das casas nas quais residiu. Hoje, seu dia-a-dia se faz na cerca, dedicando-se a mesma logo nos primeiros raios de sol. Aos seus cuidados, o pequeno jardim, agradável e perfumado, é local de caminhada para os frades mais velhos, bem como de deleite para os visitantes. Segundo o religioso, não há, atualmente, quem se interesse em zelar pela área, já que os

⁶⁹ De maneira geral, o frade é aquele que fez os votos de pobreza, castidade e obediência e tem uma vida ativa de pregação. O termo “frade” significa originalmente “irmão”. No entanto, utiliza-se hoje a expressão “frade irmão” para aqueles que não se tornaram sacerdotes. Diferentemente do primeiro caso, estes recebem o sacramento da Ordem Sacerdotal e, por isto, podem realizar as tarefas próprias do ministério pastoral, como a celebração de missas.

frades mais jovens costumam voltar-se aos estudos de filosofia e teologia. Quem dará, então, continuidade ao seu trabalho? Como essa área, já tão reduzida, se preservará no futuro?

Figura 54. Fotos do jardim (a); do memorial (b); das plantações (c); da porção entre o jardim e o estabelecimento comercial (d) e do local onde os religiosos criam galinhas (e).



Fonte: Fotos da autora, 2016.

2.2.2. A cerca do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem

Charmoso aos nossos olhos, o hospício ou pequeno convento de Nossa Senhora da Boa Viagem apresenta dimensões bem reduzidas. Apesar desta diferenciação, o mesmo é facilmente irmanado aos demais, possuindo todos os espaços e elementos característicos da família.

Situado no Bairro de Boa Viagem, a beira mar, o adro com seu cruzeiro descortina a igreja, apesar de se encontrar, hoje, separado desta por meio de uma rua. Geralmente posicionada em uma das laterais da morada, aqui, entretanto, a igreja se localiza à frente. O claustro, bem reduzido, organiza em sua volta os dois pavimentos. É encantador observá-lo: tão pequeno, mas carregando consigo toda a carga percebida nos demais, ditando ordem e iluminando a casa. A cerca, apesar de praticamente desaparecida, deixa pista da sua existência, devido à presença de algumas poucas árvores. Fundado em 1712, o Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem é o caçula entre os irmãos do Nordeste.

Figura 55. Adro do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Figura 56. Claustro do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Figura 57. Vista aérea do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Segundo as crônicas de Jaboaão, o complexo buscou toda a “formalidade de uma caza Religioza” (JABOATÃO, 1859, p. 297).

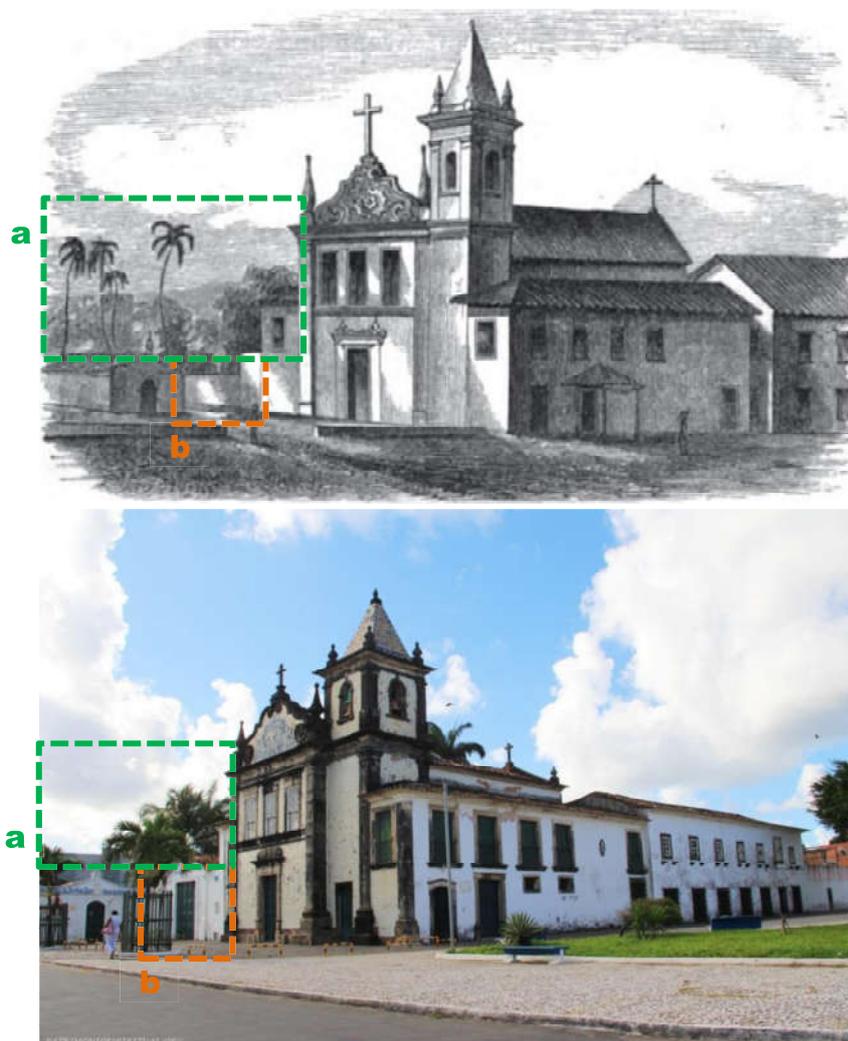
Na congregação de 1712 se ordenou em meza, levantar a caza de pedra, com sobrado, como se fez, com seo oratorio, e pelo tempo adiante Igreja em forma de hospicio, com varandas aos lados do corpo da Igreja, e tres corredores pequenos em modo de claustra, pelas duas bandas, e detras da capella mór, com dez, ou doze cellas pelos sobrados de sima, e alguãs no andar de bayxo, caza de Portaria, Refeitorio, e as mais officinas necessarias para a formalidade de uma caza Religioza, Sachristia com cayxões do páo preto, espaldares de talha do mesmo, e almario de amictos, tabernaculo de talha dourada para o Santo Christo; forro com payneis de molduras douradas, lavatorio de marmore e tudo o mais com perfeição e adorno (JABOATÃO, 1859, p. 297).

O terreno sobre o qual o convento foi fundado foi doado em escritura de 19 de novembro de 1710, por Dona Lourença Maria, “só com a pensaõ de lhe mandarem dizer annualmente sinquo missas, tres por sua alma, e duas pela de sua filha D. Maria Pereyra de Negreiros”. A saber, consta na mesma escritura que lá já havia uma casa, na qual se guardava as ferramentas utilizadas para retirada da pedra para as obras do convento, “que se fazia de novo, especialmente as da Igreja, a que poucos annos antes se havia dado principio” (JABOATÃO, 1859, p. 297).

Sobre a cerca, ao se comparar uma imagem publicada em 1866 com a fotografia atual do complexo, oriunda da investigação realizada na área, percebeu-se na primeira a presença mais densa de vegetação, bem como a exposição de parte do muro, cuja existência já havia sido apontada na crônica de Jaboaão: “Fez data da terra para elle, que he toda a que hoje está cercada de **bom muro de pedra, e cal**” (JABOATÃO, 1859, p. 296, grifo nosso). Mesmo tratando-se de um convento de menor porte, a cerca consistia em um elemento presente, evidenciando a sua necessidade.

Hoje, o trecho do muro visível na primeira imagem ganhou uma porta, por ter sido transformado em uma espécie de galpão, onde se acomoda a galeota que sai em procissão na Festa de Bom Jesus dos Navegantes. O galpão foi edificado em 1892, segundo datação existente na construção. A estrutura perpendicular a esta, presente em ambas as imagens, foi erigida em 1839, ou seja, é posterior a edificação da casa e provavelmente também ocupou parte da cerca do convento. Em campo, identificou-se ainda uma área que hoje corresponde a uma praça e se localiza ao lado esquerdo da igreja. Conjectura-se que esta também pode ter feito parte da cerca conventual.

Figura 58. Esquema evidenciando a redução da vegetação da cerca (a) e a edificação do galpão da galeota aproveitando o muro da mesma (b).



Fonte: Acima, Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem em ilustração publicada em 1866, no livro *Brazil and The Brazilians*, de J.C. Fletcher e D.P. Kidder. Disponível em: <<http://www.bahia-turismo.com/salvador/igrejas/boa-viagem.htm>>. Acesso em: mar. 2017; abaixo, foto de 2009. Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com.br/2009/10/salvador-historia-da-cidade-baixa_19.html>. Acesso em: mar. 2017. Esquema da autora, 2017.

2.2.3. A cerca do convento de São Francisco do Conde

Implantado em local alto, com fundos para o mar, encontra-se o convento de São Francisco do Conde. Sua posição permite contato direto entre cerca e costa litorânea, bem como parece promover maior interação entre complexo seráfico e núcleo urbano, por se voltar para ele (ainda que o convento se situe num extremo da cidade). Duas ruas se direcionam para a edificação, Rua João Florêncio Gomes e Rua Vicente da Porciúncula. A área possibilita uma visão ampla da casa, uma vez que entre as vias não há edificações, mas sim uma praça. A Rua Mario Augusto

Teixeira de Freitas também leva diretamente até a edificação, ainda que de maneira mais discreta. Ao observar o contexto urbano na qual esta se insere, tem-se a impressão de que houve certa pretensão ao crescimento (os ares pacatos não lhe caracterizam), apesar da cidade se apresentar, hoje, relativamente pequena. Da mesma maneira, a casa franciscana que nela se situa promete, em sua fachada, algo de imponente.

Figura 59. Imagem aérea do convento de São Francisco do Conde, com destaque para as ruas que levam até o complexo: Rua João Florêncio Gomes (1), Rua Vicente da Porciúncula (2) e Rua Mario Augusto Teixeira de Freitas (3).



Fonte: Google Maps. Acesso em: mar. 2017. Intervenção da autora, 2017.

Figura 60. Vista do convento de São Francisco do Conde, inserido no contexto urbano, com destaque para a vasta cerca voltada para a costa litorânea.



Fonte: Foto veiculada por Aurelio Schmitt, 2015. Disponível em: <<http://aurelioschmitt.blogspot.com.br/2015/09/sao-francisco-do-conde-bahia-o-terceiro.html>>. Acesso em: abr. 2017.

Com relação à fundação do convento, houve duas tentativas de implantação. A primeira ocorreu em 1618, em um lugar denominado Marapé (distante uma légua⁷⁰ da localização atual). Esta implantação se deu quando o Custódio Frei Paulo de Santa Catharina, para não perder a chance que os devotos moradores ofereciam, enviou religiosos para cumprir este propósito. O primeiro recolhimento, de taipa e madeira, foi construído ao lado da capela de um engenho já existente, “da qual se serviaõ para dizer missa e outras funções regulares”. Lá, os frades ficaram por dois anos, até que o Custódio Frei Manoel de Christo ordenou que os mesmos se retirassem e seguissem ao convento de Salvador. Assim foi feito, para o desconsolo da população (JABOATÃO, 1859, p. 501).

Em 1629, o novo Custódio Frei Antonio dos Anjos, atendendo às “repetidas supplicas” dos moradores, aceitou a nova fundação, que foi estabelecida em local definitivo, onde hoje se encontra o convento. O terreno de 143 braças⁷¹ foi doado por Gaspar Pinto Reys e sua mulher Dona Izabel Fernandes. O local era chamado de sítio, título que se conservou mesmo após a instalação da casa franciscana, ficando conhecido como Sítio de São Francisco. No período da doação, havia na área uma casa acompanhada por coqueiros, assim como outras árvores frutíferas (JABOATÃO, 1859, p. 501).

Iniciaram a edificação do recolhimento com a construção da igreja, da sacristia e de algumas celas, estando o mesmo finalizado em 1633, quando se erigiu boa parte do **muro** do convento. Mais tarde, o mesmo foi concluído e, segundo consta nas crônicas de Jaboatão, também se “reformou parte do que havia cahido” (JABOATÃO, 1859, p. 501-502). Em meados de 1639, o superior Frei Manoel das Neves, com o custódio Frei Manoel de Santa Maria, iniciou a edificação de novo convento. Não há informações precisas sobre o fim das obras, mas, de acordo com Jaboatão, é certo que, em 1649, elas já tinham sido finalizadas. A igreja, no entanto, foi exceção. Por apresentar corpo muito pequeno, a mesma foi destruída, ganhando maiores proporções em sua reconstrução: lançou-se em 15 de fevereiro de 1718 a primeira pedra até que, em 25 de março de 1722, “se cantou a primeyra missa no choro” (JABOATÃO, 1859, p. 502-503).

⁷⁰ Aproximadamente 4,83km.

⁷¹ Aproximadamente 314,6m.

Este pelo Guardiaõ seguinte se lançou mais para fora, formando-se o frontispicio sobre cinco arcos, tres, que corresponde ao corpo da Igreja, sobre os quaes assenta parte do choro, e os dous, hum que dá entrada para as obras dos Terceyros, outro para a nossa portaria, e todos de pedra lavrada. **Tem antiportico bastante, com muro alto, e huã boa portada para a parte da rua** (JABOATÃO, 1859, p. 503, grifo nosso).

As características mencionadas acima se mantêm. Com uma igreja alta, robusta e provida de duas torres (característica restrita a este convento e ao de São Francisco, em Salvador, uma vez que as demais casas apresentam apenas uma), o sobredito convento se impõe. Ao observá-lo de longe, rapidamente se percebe algo de diferente. Hoje, o complexo apresenta adro totalmente fechado, por muros e grades (o que, apesar de um entorno que direciona até a casa, limita o acesso, afastando a população), e o tão costumeiro cruzeiro, ausente. Um estranhamento. Explorando a área, encontrou-se uma estrutura que parece ter sido a base deste cruzeiro. Um achado feliz.

Do adro, já se avista a cerca que, acompanhando o ar majestoso da igreja, mostra-se vasta. Interessante observar também que a área verde ajuda a desenhar o adro, à medida que define seus limites por meio de muros (como se viu nos conventos de Igarassu e Sirinhaém (PE) e como se verá no de João Pessoa (PB)). Ao observar estes muros, que saem perpendicular à igreja, percebe-se neles qualidades antigas: são robustos e apresentam topo chanfrado.

Figura 61. Convento de São Francisco do conde e base do que parece ter sido o cruzeiro do seu adro.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Ao adentrar na casa, uma surpresa: esta não acompanha a imponência aparente da fachada. É graciosa, mas, no que se refere à dimensão, a proporção é

correspondente à maioria dos conventos, com exceção dos soteropolitanos, cujas extensões são bem particulares. O claustro, centralizador como os demais, apresenta-se hoje preenchido por natureza: há no espaço vários vasos com plantas, que o transformam num jardim. Ao contrário da maioria, as arcadas, que limitam as galerias e dão acesso ao espaço aberto, são fechadas, apresentando um pequeno parapeito. Esta presença compele a quem passa a percorrer o perímetro, restringindo o acesso à área descoberta.

Figura 62. Claustro ajardinado do convento de São Francisco do Conde, com destaque para o “parapeito” que acompanha o seu perímetro.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Expressiva, a cerca de fato possui larga dimensão, seguindo até o encontro com o mar. Sua densidade é sua maior qualidade, mas também seu maior problema. A área vem sofrendo incêndios recorrentes, colocando em risco tanto a cerca em si, quanto a edificação que a acompanha. Segundo Dona Jucimar Lima Alves, que trabalha na recepção do convento como secretária, “de tempo em tempo, as pessoas entram, pegam as frutas e ainda ateiam fogo”. Apesar de restrito ao convento, o espaço, por não estar devidamente protegido (a área não apresenta mais muro na porção posterior), facilita o acesso de terceiros, que desleixadamente se apropriam do local: “Eles entram, fumam, jogam a faísca no chão. Já tivemos aqui fogo de precisar de dois carros de bombeiro pra apagar” (Dona Jucimar, convento de São Francisco do Conde, dez. 2016).

Para além deste grande incidente, ocorrido há cerca de oito anos, Dona Jucimar também conta sobre diversos outros casos, nos quais eles mesmos conseguiram conter as chamas ou, quando não, acionaram a prefeitura para fazê-lo

a partir do mar. Mesmo muito densa, foi possível, em campo, acessar a área e constatar os rastros deixados pelo fogo. Explorando-a, testemunhou-se também um fenômeno interessante: nos pés de uma árvore, encontrou-se uma oferenda típica de religiões afrodescendentes, o que, por um lado, fala sobre a diversidade cultural local, e, por outro, desperta para diversas questões: como será que a população compreende esse espaço? Será que o veem como parte do convento?

Figura 63. Oferenda típica de religiões afrodescendentes encontrada na cerca do convento de São Francisco do Conde.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Ainda sobre a atual situação da cerca seráfica, encontrou-se na área: resíduos de construção civil e uma estrutura que exerce papel semelhante a um elevador hidráulico, típico de oficinas mecânicas – elementos que dão indícios de interferências e atividades mais recentes realizadas em sua extensão. Na porção frontal, encontra-se uma residência construída dentro dos seus limites, edificada com a autorização dos franciscanos. Trata-se de uma caridade realizada pelos religiosos, mediante a dificuldade financeira da família, que não tinha onde morar, como conta Dona Jucimar. De acordo com ela, as casas que se seguem ao lado desta também estão assentadas sobre terreno conventual, doado sob a mesma circunstância do primeiro caso mencionado.

Ainda na parte frontal, há um grande poço, de características recentes, utilizado para atividades do convento. Dentro dos limites da cerca, não se identificou nenhuma nascente de água ou estrutura de armazenamento mais antiga. No entanto, ao percorrer as proximidades do convento, encontrou-se um pocinho, localizado na Praça São Gonçalo do Amarante, que, conjecturando-se, pode ter

algum vínculo com a provisão da casa religiosa e da cidade, em tempos mais remotos.

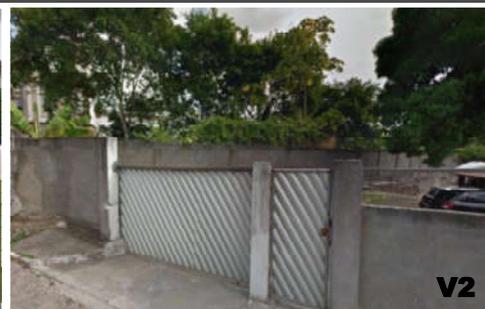
Figura 64. Atual situação da cerca de São Francisco do Conde: os restos construtivos e as marcas de queimadas (a), a estrutura mecânica (b) e a residência na área de cerca (c).



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Com relação às características dos muros da cerca, não foi possível acessar todo o seu limite – internamente por causa da presença de densa vegetação e externamente por causa das edificações implantadas a margem da massa verde e, ainda, devido ao próprio curso d'água localizado por trás do convento. Mas, com esforço, conseguiu-se contatar trechos que falam um pouco da extensão do terreno conventual. Além dos já mencionados muros de características antigas que desenham o adro, encontrou-se uma porção recente que delinea a cerca do lado esquerdo do complexo e que sugere que a mesma se estendia nesta direção (provavelmente ocupando a área onde se assentaram as edificações que se seguem). Por outro lado, próximo ao rio, conseguiu-se acessar mais um trecho, este de característica mais remota, apontando as dimensões de outrora. De toda maneira, parece que a localização do complexo seráfico no extremo da cidade, bem como o crescimento discreto da urbe, ajudou a conservar as suas dimensões, que ainda se apresentam bastante extensas.

Figura 65. Atuais limites da cerca conventual de São Francisco do Conde, com fotografias de seus muros e da fonte de água (ou pocinho) localizada próxima ao convento.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; e fotos da autora, 2016.

Assim como no convento de São Francisco, em Salvador, a cerca da casa de São Francisco do Conde é agraciada com a presença de um frade agricultor, Frei Vicente. Este é conhecido por trabalhar incansavelmente na cerca conventual, todos os dias, podando, cultivando e colhendo. Como o terreno ainda é grande, o religioso costuma sinalizar quando deve voltar à determinada área para colher determinado fruto, calculando o tempo correto de retirá-lo.

“Olha, ele acorda muito cedo, aí pega o facão, tenta cortar aquelas palhas que já estão podres, aí vai fazendo toda aquela coleta, mas é só meio que um paliativo. As frutas que estão boa ele colhe; as que não estão ele bota lá, ele assina... sinaliza mais ou menos quantos dias ele volta lá pra ver se já tá bom. [...] É, hoje a gente tá com um dia tranquilo, pior é quando tá aquele dia de sol escaldante, pra ele é indiferente, pra ele tá bom do mesmo jeito. A gente fica: ‘Ô, Frei Vicente, sobe. Tá quente! Tá muito quente aí, venha!’. Tem vezes que ele vai almoçar 5h da tarde. [...] Tem vezes que a gente passa aqui o dia todo sem ver ele. [...] Às vezes dá o horário do almoço, a gente que tem que buscar ele: ‘Frei Vicente, venha!’ Porque a gente fica preocupado porque ele já de idade fica aí dentro desse matagal todo, aí quando a gente vê que ele tá demorando, é que a gente aciona pele vim. Mas, se deixar, escurece e ele aí nessa horta. Sem...é, sem comer, sem beber, sem nada” (Dona Jucimar, convento de São Francisco do Conde, dez. 2016).

Além de Frei Vicente, o convento conta com apenas mais um frade, que, como pároco, é responsável pelas celebrações das missas e pela paróquia. Assim, com mais de 80 anos, é o frei agricultor que, com esforço, preza pelos cuidados com o complexo, dedicando-se de maneira especial à área da cerca. Os religiosos dividem o espaço com turistas e visitantes, uma vez que o convento também funciona como museu. A cerca, como de costume, não faz parte do circuito, o qual se restringe basicamente ao claustro e a igreja.

2.2.4. A cerca do convento de São Francisco de Paraguaçu

Acessando a Vila de São Francisco de Paraguaçu a partir do rio, é o convento franciscano de Santo Antônio que, namorando a costa próxima à foz, recebe os que lá aportam. O caminho fluvial tem origem em Cachoeira, cidade com um rico acervo arquitetônico colonial. O percurso pelo Rio Paraguaçu, que margeia o município, é verde: as águas, as matas. Aves descansam nas raízes do mangue, mergulham na água, alçam-se ao céu. Paisagem natural que encanta, acalma. Embarcações flutuam, pintando de cor o horizonte e desenhando com sombra a superfície. Ao

longe, a casa franciscana vai despontando na paisagem, espreada e majestosa. Nem se nota, a princípio, que se trata, hoje, de ruínas⁷².

Fica este a margem das águas do Rio Paraguaçu, que na língua do Gentio, que foi o que lhe deu este nome, quer dizer, Rio, ou mar grande, o qual nome deram eles especialmente a esta parte sobre que está o Convento (JABOATÃO, 1859, p. 538).

Ao desembarcar, encontra-se uma pequena vila circundada de verdes ainda predominantes. Os casarios são simples, e foram se estabelecendo principalmente na porção posterior do complexo seráfico, depois da área da cerca, evidenciando a influência que o mesmo exerceu sobre o seu desenvolvimento. Por esta localização e pela escala da edificação religiosa em relação às casas, o convento se destaca na paisagem, sobretudo para aqueles que o vislumbram do rio.

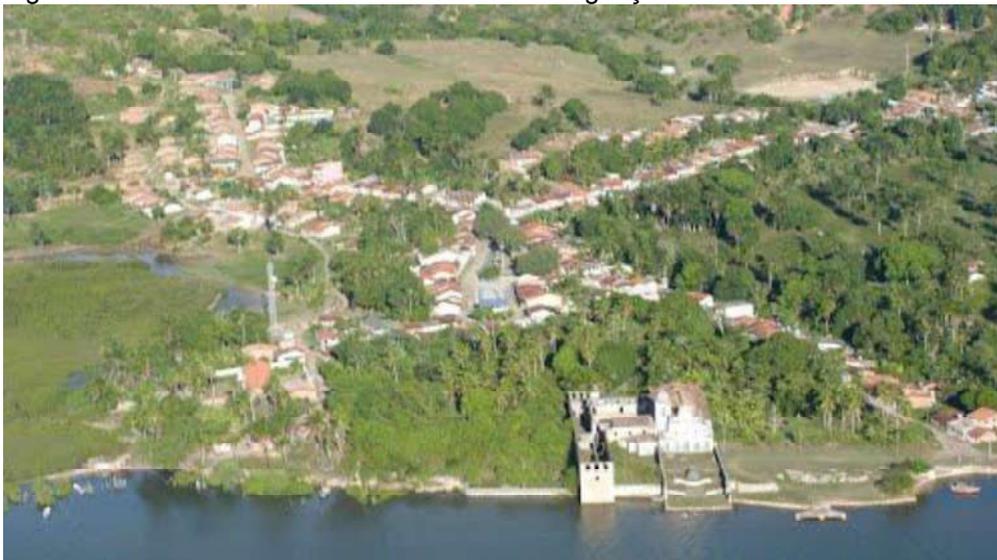
Figura 66. O convento de São Francisco de Paraguaçu, vista do rio.



Fonte: Foto da autora, 2016.

⁷² O antigo convento funcionava como Noviciado, o que de certa maneira explica o seu estado atual de ruínas: a decadência do complexo religioso teve início com as restrições oficiais à admissão de noviço, em 1796, e, mais tarde, teve sequência com o decreto imperial de encerramento obrigatório das casas de Noviciado, em 1855 (JORGE et al., 2009, p. 88).

Figura 67. O convento de São Francisco de Paraguaçu e sua cerca.



Fonte: Foto disponível em: <<http://mapio.net/o/2921283/>>. Acesso em: nov. 2016.

Sobre a fundação da casa franciscana, mediante solicitação dos moradores da freguesia, o pedido foi aceito em 1649. Com este objetivo, Padre Pedro Garcia ofereceu dois terrenos para escolha do “mais eficiente”. Um corresponde à área na qual o convento se encontra implantado ainda hoje e o outro “foi um lugar mais a bayxo, junto ao que chamaõ Pontal”, também às margens do rio. Não há informações suficientes que permitam identificar as particularidades de cada caso, o que se consegue extrair das fontes é que o primeiro recolhimento se fez neste segundo terreno, de maneira que os religiosos só se mudaram para a atual localização quatro anos mais tarde, em 1653, “havendo neste já forma de caza”. Com considerável número de vocações, a construção efetiva do novo convento ocorreu em 1658, quando se iniciou a edificação da igreja e dos dormitórios (JABOATÃO, 1859, p. 537-538).

Não se sabe precisar a data certa da conclusão da construção. O que se sabe é que, uma vez finalizada, tinha-se uma bela composição, beleza que ainda pode ser comprovada hoje. Mesmo em ruínas, o complexo conserva um frontispício rico em detalhes, apresentando um envolvimento particular com a natureza. No adro, encontra-se uma escadaria que liga o rio à igreja. Ela possui força. A área é delimitada por muros que se destacam pela opulência decorativa. Seu cruzeiro também desperta atenção: este apresenta base em pedra, trabalhada com figuras de possível influência indo-portuguesa. A cruz, por sua vez, foi claramente

substituída, encontrando-se, hoje, em madeira, com proporções muito delgadas, que não correspondem ao volume encorpado da base.

Figura 68. À esquerda, cruzeiro do adro conventual de São Francisco de Paraguaçu; à direita, detalhe de sua base.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Particular também é a porção da morada que vai de encontro ao rio. Segundo as fontes, neste volume, encontra-se área de varanda. É enfática a trama entre edificação e natureza, que se comunicam constantemente. Jaboação, ao descrever este convento, fala em perfeição:

He este perfeito, e regular sem demazia. Fóra da quadra commua tem hum corredor bastante, que sobe sobre o Rio, e cellas por huã, e outra parte, com varanda no fim já sobre a agoa. E como para esta faz o terreno alguã descida para bayxo deste corredor, se desce por huã escada para outro, que taõbem ha nelle alguãs cellas, e **a caza necessaria sobre a mesma agoa, ficando sobre esta a varanda de cima, que he o melhor, e todo divertimento, que tem os Religiozos nesta caza** (JABOATÃO, 1859, p. 541, grifo nosso).

Com relação ao sítio de implantação, que nos fala sobre a cerca conventual, Jaboação o caracteriza como uma porção de terra mais amena, em relação aos arredores de relevo saliente e vegetação selvagem. Os relatos também corroboram com o que se vê hoje, uma cerca que mantém contato com a área de mangue.

Tornando ao Convento, está este como já se disse, ás margens das agoas do Paraguaçu, á parte do Nascente, em meyo razo, que alli faz a costa, e he o mais amplo, que se acha por aquella parte desde a sua barra, porque toda a mais costa he de oiteiros empinados, e agrestes. Ao pé de hum naõ muy alto está esta bayxa, cercada por hum e outro lado de seos **mangaes**, que entraõ bastantemente pela terra, e só pelas costas do Convento, e parte do empinado com a terra limpa. Quando alli fomos Noviço pelos annos de 1717 naõ havia no lugar mais que dous ou tres cazebres de Pescadores, e o Hospital, de que logo diremos; hoje haverá huã duzia de cazas de alguns pobres, que vivem á sombra do Convento. **Naõ tem vista alguã para a parte de terra, por ser toda dezerta, e montuozas; a melhor que tem he a do Rio** (JABOATÃO, 1859, p. 540, grifo nosso).

Em campo, explorando a antiga cerca conventual hoje, uma grande surpresa: apesar do complexo se encontrar em ruínas, o mesmo apresenta diversos

elementos que possibilitam pensar o funcionamento de outrora. Um silêncio que diz tanto. Ao percorrer os seus arredores, conseguiu-se identificar resquícios de muro, com características bem antigas, que revelam os limites primitivos da área, tornando possível constatar que o terreno não sofreu grandes alterações no que tange às dimensões. Encontrou-se também uma abertura próxima ao rio, que muito provavelmente correspondia à porta do carro. Sua localização corrobora com a afirmação de Jaboatão, de que: “De lá [do convento] se não sahe por terra, porque alem de não haver povoado pelas costas, e altos dos montes, todo o commercio assim para as esmollas, como para outra qualquer necessidade, he por mar em canôas”⁷³ (JABOATÃO, 1859, p. 541).

Figura 69. Resquícios dos muros do convento de São Francisco de Paraguaçu.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

⁷³ Embora o isolamento caracterize sua implantação hoje, vale lembrar que a região era abastecida por muitos engenhos e que, por tratar-se de um recôncavo, praticamente toda a movimentação se dava pelo rio. Neste sentido, o isolamento deste convento se relativizava, mostrando-se, na verdade, parcial.

Figura 70. Porta do carro da cerca do convento de São Francisco de Paraguaçu.



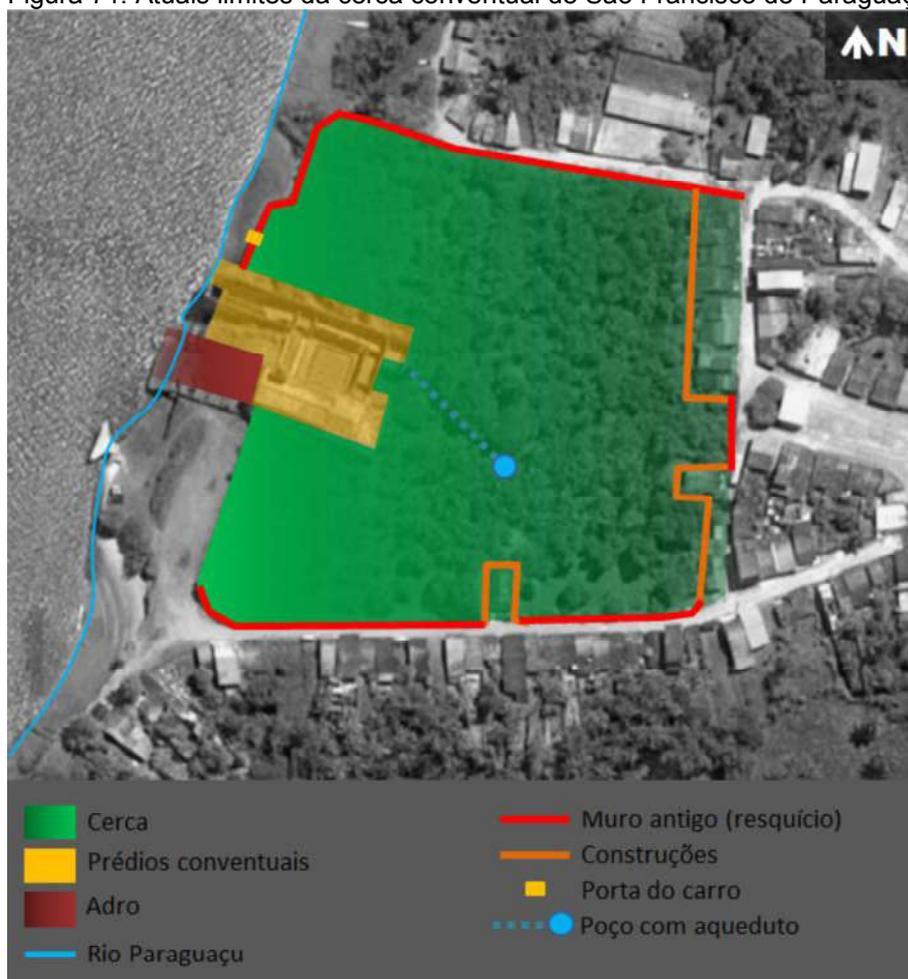
Fonte: Foto da autora, 2016.

Com relação ao interior da área vegetada, houve certa dificuldade em acessá-la. Desta vez, não só por causa do seu volume, mas porque, hoje, toda a área é de propriedade privada. O contato só foi possível mediante auxílio de Seu Antônio⁷⁴, atual responsável pela manutenção do antigo edifício conventual. Ao adentrar, deparou-se com um espaço de grande impacto, totalmente preenchido por vegetação, envolvendo todo o convento. Embora o mesmo se encontre em ruínas, a área da cerca preserva diversos elementos que permitem uma leitura com relação às atividades outrora desempenhadas. No que tange as estruturas construídas, identificou-se, além dos muros e da porta do carro, a presença de um grande poço na porção sudeste do complexo (por trás do convento) e, ligando-o à cozinha, um aqueduto sobre arcada, único exemplar visto dentre os 15 conventos nordestinos⁷⁵. Trata-se de estruturas que, em conjunto com as informações relatadas por Jaboatão, tornam possível vastas conjecturas.

⁷⁴ Este nos conseguiu a permissão e a chave para adentrar a que outrora foi a cerca do convento. Sua companhia também foi fundamental pelo fato do mesmo, de alguma maneira, ter tido acesso aos relatos de Frei Jaboatão sobre o convento de São Francisco de Paraguaçu e por ter bastante familiaridade com o sítio conventual, levantando suas próprias conjecturas sobre as informações lidas, possibilitando trocas e, conseqüentemente, uma exploração mais intensa da área.

⁷⁵ Jaboatão menciona a presença de aqueduto na cerca do Convento de São Francisco, em Salvador (1980, p. 55 – 56), no entanto, esta não existe mais.

Figura 71. Atuais limites da cerca conventual de São Francisco de Paraguaçu.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Figura 72. Poço e aqueduto presentes na cerca conventual de São Francisco de Paraguaçu.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Sobre a existência de poço, o cronista expõe: “Não tem agoa dentro do **muro**, mais que a grossa, e saloba de hum **poço** no mais bayxo do mesmo muro, e junto ao Rio, e **Cais da Praya**, entre o Convento, e **porto do desembarque**” (JABOATÃO, 1859, p. 541). Então, além do poço vinculado ao aqueduto, havia outro próximo ao qual estava/está um porto. Sobre a localização, por razões práticas, o

porto deveria situar-se próximo a uma porta que desse acesso ao convento. Percorrendo a área, seu Antônio chamou a atenção para uma estrutura que poderia referir-se a um cais natural, localizado justamente defronte da “porta do carro”, corroborando com as afirmativas de Jaboação. Em campo, não foi possível visualizar o segundo poço mencionado, possivelmente pelo mesmo se encontrar encoberto por vegetação.

Figura 73. Possível cais natural.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Com relação à água potável, o cronista faz referência a uma fonte próxima ao convento, porém externa ao seu muro, que, por vezes, era transportada para o complexo franciscano por meio de “bicas de páos”. E acrescenta que a água do poço, que não servia para o consumo, era utilizada para os afazeres da casa, sendo carregada “às costas”. Tal informação sugere que, até o momento, o aqueduto atualmente presente no sítio ainda não existia, fazendo menção apenas ao aqueduto primitivo supracitado, do qual não se achou vestígio durante reconhecimento de campo. Sobre as estruturas de transporte, o cronista ainda cita a presença de um “rêgo”, que alimentava a horta, informação que também reafirma a realização de plantação na cerca seráfica.

A que se hade beber, se vai buscar fóra, a huã pequena **fonte**, mas boa, e clara, que brota entre pedras, e arêas ao pé do monte em pouca distancia do **muro do Convento**, e **porta, que chamaõ do carro**. Já alguã vez se trouxe esta agoa a caza, e tanque da cozinha por bicas de páos, sem muito trabalho; e grande conveniencia pela curiosidade, e zelo de certo Prelado; o que se devia fazer perpetuo sem custo excessivo por arcos de tijolo, e canos do mesmo, pois a distancia naõ he muita, e a altura pouca. Hoje apenas vem alguã, e pouco limpa por hum rêgo, que se fez pela terra, e só serve para o **cultivo da horta** por onde passa, e sahe fóra outra vez; que antes disto era necessario carrega-la às costas do poço bayxo, como a carregaõ todos os dias para a cozinha, e gasto da caza; e muitas vezes a vaõ buscar taõbem para beber á fonte de fóra os Irmaõs Noviços (JABOATÃO, 1859, p. 541-542, grifo nosso).

Sobre a fonte de água potável, seu Antônio, em conjectura, apresentou-nos uma nascente próxima ao convento, que ele acredita e que pode, de fato, ser a mencionada pelo cronista. Segundo o zelador, a água que dela corre é limpa e já foi

responsável por saciar a sede dele e de sua família, quando o mesmo ainda era criança e residia em local próximo. Jorge et al. mencionam a chamada “fonte dos frades”, localizada a cerca de 200m do convento, como a provável fonte de água potável que provia a casa religiosa (2009, p. 90). É possível que a nascente apresentada por seu Antônio e a mencionada pelos autores correspondam ao mesmo manadeiro, isto mediante a proximidade em relação ao complexo franciscano e a limpidez da água.

Figura 74. Nascente próxima ao convento de São Francisco de Paraguaçu.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

A cerca conventual de São Francisco de Paraguaçu é muito paradigmática. As informações obtidas em campo, em associação àquelas descobertas com a exploração das crônicas, expõem uma cerca que sumariza várias características encontradas nas demais. Dentre estas, a presença de expressiva vegetação, diversas estruturas vinculadas ao sistema hidráulico, elementos estruturais (muro e porta do carro) e porto. Estas qualidades se refletem na configuração do complexo, caracterizado por uma arquitetura que reúne soluções para quesitos práticos do cotidiano, mas também que promove o envolvimento do construído com o ambiente natural (evidenciado pela presença da varanda voltada para o rio⁷⁶, por exemplo), alimentando, assim, aspectos também contemplativos.

⁷⁶ Além da contemplação da paisagem mencionada por Jaboatão, a localização desse volume na beira do rio também estava relacionada a questões utilitárias. De acordo com Jorge et al., era neste bloco onde se situava a latrina coletiva, sendo o rio o responsável pela limpeza dos dejetos. Utilizando as palavras dos autores: “Um dos aspectos mais inovadores do sistema hidráulico do convento franciscano de Santo Antônio do Paraguaçu refere-se ao modo como o saneamento das latrinas colectivas tirou partido das condições hidrográficas do local. A ‘caza necessária’, instalada na extremidade noroeste das águas que, na maré-cheia, inundavam o piso térreo do bloco, permitindo a sua limpeza regular” (2009, p. 93).

2.2.5. A cerca do convento de Cairu

Em Cairu, município localizado na hoje denominada Costa do Dendê, conhecida pelas terras férteis e águas abundantes (ARGOLO, 2010, p.17), encontra-se o convento franciscano de Santo Antônio, cujo processo de fundação teve início em 1650.

Fr. Sebastião do Espírito Santo no mez de Janeyro de 1650, entre as primeyras disposições do seo governo, foi huã mandar á Villa do Cayrú a Fr. Gaspar da Conceição, Diffinidor actual, com Fr. Francisco de Lisboa, Pregador, e Fr. João da Conceição, Leygo, por companheiros a fazer acceitação de fundar taõbém ali Convento, como pediaõ os Moradores da terra (JABOATÃO, 1859, p. 564-565).

Apesar do interesse pela implantação do convento, a mesma só viria a se concretizar mais tarde, com o Custódio Frei Daniel de São Francisco⁷⁷, com quem se deu início ao recolhimento. Isto, após passada a escritura da terra doada pelo casal Bento Salvador e Izabel Gomes, em 25 de dezembro de 1654. Para os “officios Divinos”, os frades fizeram uso, antes e depois da finalização do abrigo, de uma pequena igreja dedicada a Santo Antônio, “junto a qual se levantou o Recolhimento, e se servirão della, em quanto se não fez a outra nova” (JABOATÃO, 1859, p. 565).

A esta [igreja nova], diz o Cartorio da Provincia, e hum assento da mesma caza, deo principio o Guardiaõ Fr. Miguel da Conceição, fazendo-a de pedra e cal, expressaõ que mostra ser a primeyra de taipa, e que a primeyra pedra a lançou Fr. Daniel de S. Francisco, Mestre na Sagrada Theologa, e Custodio Provincial, que entaõ era em vinte e cinco de Agosto de 1654 (JABOATÃO, 1859, p. 565).

Segundo um “livrinho de mão”, escrito por “Pessoa natural daquele Paiz” e citado pelo cronista, a pequena capela mencionada teria sido doada por Antonia de Padua de Goes:

– Lá haveis achar ainda (no Paiz do Cayrú.) muitos da descendência, e doutrina daquela grande Matrona, e maior serva do Senhor, Antonia de Padua de Goes, symbolo da Charidade, e amor do próximo, e logo à entrada encontrareis com os Fradinhos do glorioso Serafico São Francisco, que andaõ à esmolla, e elles vos encaminharaõ, e informaraõ desta verdade, e de que estando já muy diminutos seos cabedaes, (isto he do Povo da terra, de quem aqui fala o Authoer,) pelas razões, que atraz ficaõ dittas; ainda os animou sua notavel piedade e devoção, a chama-los e agasalha-los na era do Senhor de 1649, em a sua Villa, dando-lhes a Igreja do glorioso Santo Antonio para hospicio, e morada de seo espiritual Pay, ficando ambos aposentados em o mesmo altar, que na conformidade e obediência, se vê o primor dos bons filhos (JABOATÃO, 1859, p. 566, grifo do autor).

A irregularidade topográfica da região onde o convento foi estabelecido torna compreensível a definição dada por Frei Jaboatão: “terreno áspero, e fragoso” (1980, p. 567). Mas, hoje, ao se vislumbrar a cidade de Cairu, que de fato apresenta relevo bem acidentado, tem-se divergente percepção, muito mais amena. O

⁷⁷ Frade que, de acordo com Jaboatão, também foi responsável pelas obras do convento de Paraguaçu.

percurso até ela vai apresentando uma atmosfera leve. O caminho trilhado é realizado, em parte, por terra, em outra, por rio. Pequenas lanchas levam os transeuntes até a cidade. Da água, avista-se o convento que, junto com a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, destaca-se na paisagem. Ambas as construções, dispostas próximas uma da outra, localizam-se em pontos altos da antiga vila. O convento se encontra voltado para o rio, como que atento a quem chega à cidade; a igreja, em posição menos vigilante, encontra-se de lado, voltada mais para o convento que para a água.

Figura 75. Convento franciscano (A) e Igreja Matriz (B) de Cairu, vista a partir do rio.



Fonte: Foto da autora, 2016.

Ao desembarcar na Praça do Cais, a principal rua que direciona até a casa franciscana é a Barão Homem de Melo. O percurso, de vias estreitas e em paralelepípedo, apresenta casarios antigos, alguns bastante modificados, mas que trazem uma atmosfera particular. O convento recebe os visitantes com um largo abraço: o vasto adro é generoso anfitrião. De lá, o contato visual com a Igreja Matriz se conserva, há diálogo permanente entre as edificações.

Figura 76. Ruas que fazem parte do percurso até o convento de Cairu.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Figura 77. Acima, convento franciscano de Cairu; abaixo, comunicação do mesmo com a Igreja Matriz.



. Fonte: Fotos da autora, 2016.

Algumas características da casa chamam atenção. Enquanto a luxuosa igreja do convento de São Francisco, de Salvador, embriaga com um dourado efervescente, a de Cairu anima com suas cores. No pequeno claustro, os pássaros

peregrinam atraídos pela vegetação que o complexo ainda preserva. A natureza adentra a porção edificada.

Figura 78. Pintura do forro da igreja conventual de Cairu.



Fonte: Fotos da autora 2016.

Figura 79. Claustro do convento de Cairu e a presença de pássaros.



Fonte: Fotos da autora, 2016.

Com relação à cerca, esta é hoje compreendida como sítio arqueológico, por ter sido encontrada em sua extensão uma quantidade significativa de material, que, segundo informação cedida por Frei Hilton Freitas da Cruz Botelho, guardião do convento, consiste em ossos humanos. Por esta razão, os frades estão proibidos de vender ou interferir de qualquer maneira no terreno seráfico. Dotada de vegetação, é difícil acessá-la. A casa conta atualmente com apenas dois frades, ambos idosos, o que inviabiliza o cuidado com a área, já que o trabalho exige demasiado esforço do corpo. Afinal, trata-se de lidar com a terra.

Mais uma questão surge: será que a cerca era utilizada para enterros? Faz-se importante colocar que, no caso deste convento, houve uma iniciativa de

restauração⁷⁸, mas e aqueles que não passaram por este processo? Ou que passaram, mas apenas na porção construída. Quantos indícios já não foram apagados, diante dos recortes sofridos pelos complexos franciscanos?

Ainda sobre a cerca, ao circundar a área conventual cairuense, percebeu-se claramente uma porção pertencente ao convento, a que preserva, bem ou mal, muros que a delimita; e outra que, aberta à cidade, levanta dúvidas sobre este pertencimento, mas possibilita conjecturas. No muro perpendicular à igreja, encontra-se uma imponente porta do carro. Este segue pela lateral esquerda do complexo, com características construtivas variadas, até encontrar residências que foram se estabelecendo às margens da área vegetada. Do lado direito da igreja, as construções logo interrompem a pequena extensão de muro.

Figura 80. Porta do carro e as distintas porções do muro que se seguem depois dela.



Fonte: Fotos da autora 2016.

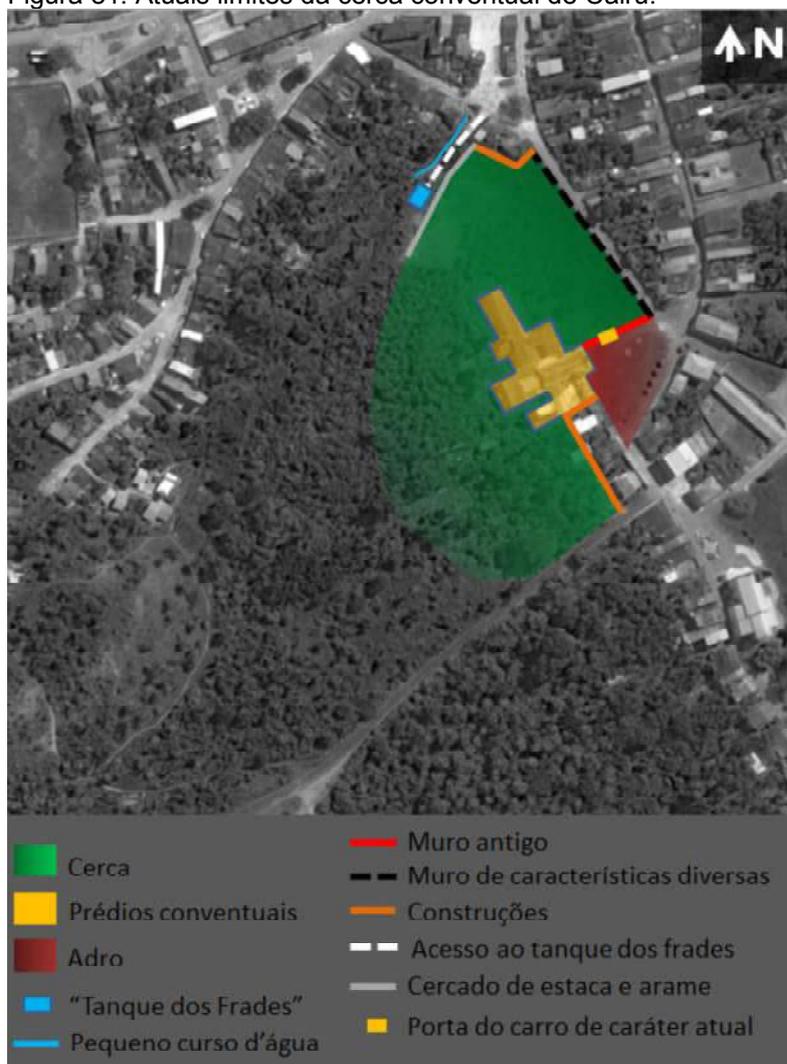
Seguindo o lado esquerdo, acessou-se uma pequena estrutura em meio à vegetação, em área que parece ser continuidade da cerca seráfica. Na estrutura, de características claramente atuais, há um poço em pedra, que, por sua vez, aparenta ser de tempos mais remotos. Para acessá-la, a partir da cidade, há uma ruela

⁷⁸ Com patrocínio da Petrobrás, através da Lei Rouanet, o projeto de restauro foi iniciado em 2005. As obras, no entanto, nunca foram concluídas.

construída em paralelepípedo. Segundo Frei Hilton, trata-se do “tanque dos frades”, de onde os religiosos retiravam água para a limpeza da casa e para onde se dirigiam, no período da tarde, para o banho. Hoje o poço é mais de ordem pública, sendo largamente utilizado pela população, inclusive para banho: “A gente não sabe como foi. A cerca diminuiu [...] mais de 100 metros descendo” (Frei Hilton, convento de Cairu/BA, dezembro de 2016). No local, encontra-se ainda um córrego que passa por trás do abrigo edificado para o tanque. Para demarcar o novo limite da cerca, nesta porção, construiu-se um cercado feito de estacas de madeira e arame farpado.

Quando você chegar no fim do convento, na última casinha, você vai ver uma nascente na rua, um riozinho que tá escorrendo assim. Então você parando ali, você desce e vai em frente, então cuidado que o banho é lá na frente. Pode ser que tenha gente. Você grite: “Tem gente?”, aí você passa (Frei Hilton, convento de Cairu/BA, dezembro de 2016).

Figura 81. Atuais limites da cerca conventual de Cairu.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Figura 82. Córrego localizado na porção posterior do complexo (a); abrigo do “tanque dos frades”, com destaque para o cercado que o separa do atual terreno franciscano (b); convento visto a partir do abrigo do tanque (c); tanque dos frades (d).



Fonte: Fotos da autora, 2016.

De acordo com Frei Hilton, além desses dois pontos de água (do tanque e do córrego) que alimentavam o convento, há uma nascente dentro da cerca, mais próxima da porção edificada, que ainda hoje colabora com a manutenção do complexo: os frades se beneficiam da água para o banho e para a limpeza da casa. No entanto, diante da mata que cresceu em demasia, não foi possível chegar até ela e, pelo mesmo motivo, esta se encontra temporariamente desabilitada ⁷⁹. Frei Hilton também mencionou a antiga presença de mais uma fonte, que desapareceu por causa das mudanças ocorridas na cerca: “devido os cortes-cortes de árvores, só ficou uma e mal agora” (Frei Hilton, convento de Cairu, dez. 2016).

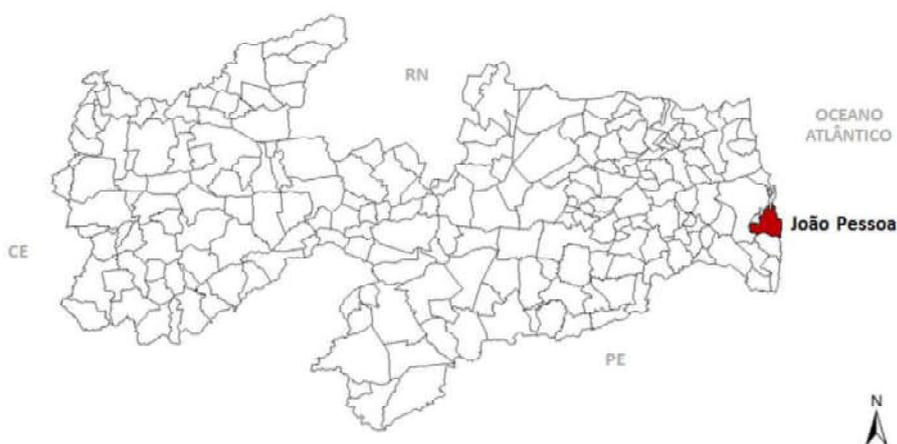
⁷⁹ Com a recente morte de Frei Lucas, que residia no convento e estava responsável por uma plantação de cacau próxima a fonte, a mata tomou conta da área, prejudicando o acesso ao curso d’água. Frei Hilton, ainda abatido devido à morte do irmão, disse não ter conseguido organizar o local até o momento (no caso, dezembro de 2016).

Diante do exposto, percebe-se que a cerca de Cairu corresponde a uma área que foi bastante irrigada, o que tornou possível o desenvolvimento de uma cerca fértil. Nela, até hoje se cultivam alimentos, tais como cacau, banana, macaxeira, assim como se criam animais. Frei Hilton é o responsável pelas aves e pelos cuidados com os cães. Além de prover o convento, a criação também possibilita trocas com a cidade, uma vez que o religioso abate e vende as galinhas e os ovos no próprio complexo. Segundo ele, a população vai até a porta do convento para buscar os produtos. Há também as grandes encomendas para colégios. Nestes casos, o frei providencia a entrega de 150 a 170 dúzias de ovos para a Secretaria de Educação.

A cerca do convento de Cairu, apesar das dificuldades enfrentadas pelos frades, ainda corresponde a uma área produtiva (mesmo que em uma escala muito pequena). Uma cerca viva. Esta energia, entretanto, está vinculada à animação de um único frade, ávido e cheio de alegria. Apesar de muito interessante, o sítio não faz parte do circuito de visitação do complexo, o qual também tem as portas abertas para o turismo como meio de arrecadar contribuições para o sustento da casa.

2.3. A cerca conventual do estado da Paraíba

Figura 83. Mapa do estado da Paraíba, localizando a cidade onde se encontra convento franciscano do período colonial.



Fonte: Intervenc o da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/>>. Acesso em: ago. 2017.

2.3.1. A cerca do convento de João Pessoa

Na Paraíba, há apenas um exemplar dos conventos franciscanos coloniais. Este se localiza na cidade de João Pessoa, foi o quarto a ser construído no Nordeste e o segundo consagrado em nome de Santo Antônio. A Avenida Duque de Caxias leva diretamente ao seu encontro. Em via paralela, situa-se a antiga Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, fundada ainda no século XVI.

Figura 84. Imagem aérea do convento de João Pessoa, com destaque para a Avenida Duque de Caxias (1) e a antiga Catedral (A).



Fonte: Google Maps. Acesso em: mar. 2017. Intervenção da autora, 2017.

Os franciscanos foram enviados para a antiga povoação com o objetivo de doutrinar os índios. Como de costume, a fundação do convento ocorreu a partir de solicitação da câmara, do governador e de outras personalidades, “anciozos todos de verem a sua nova Cidade authorizada taõbem com Convento, e caza de família Religiosa” (JABOATÃO, 1861, p. 353).

com elles, e a sua moradia se incitava o Povo a concorrer com mais vontade para a Povoação, e augmento desta animando-os a assistencia dos Religiozos a lançarem fóra o temor, e receyo, que lhes cauzava a multidaõ do Gentio barbaro, e contrario, que ainda habitava por aquelles arredores, pois a experiencia lhes havia mostrado, que com o zêlo, vigilancia e doutrina dos Religiozos se domesticava melhor ao Rey, e á Igreja esta Gente, se introduzia com mais segurança a paz, cresciaõ com a sua ajuda, e commercio as Povoações, se defendiaõ os Portuguezes, e habitadores das outras Nações contrarias, serviaõ para o cultivo da terra, e bem da Republica, e se propagava a fé em credito da Igreja. E para que tudo isto surtisse melhor effeito, mais que outros, discursavaõ os Politicos, e do governo, lhes podiaõ servir os

Frades Menores; pois sem interesses de fazendas, e possessões, de que o seo Povo se achava ainda naquelle tempo muy diminuto, só tratavaõ, como pobres, e Religiozos do que era de Deos, e do Rey (JABOATÃO, 1861, p. 353-354).

Segundo Jaboação, como era grande o desejo do povo, assim que o governador doou o sítio para implantação, as obras se iniciaram, pois não faltaram esmolas em prol da causa. Então, em pouco tempo se concluiu o recolhimento – “com doze cellas, claustro, e officinas, com seo oratório”. Já habitando o abrigo, os religiosos trataram de erigir a igreja, que, da mesma maneira, foi logo concluída. Nos anos seguintes, o complexo foi edificado e ampliado em alvenaria e pedra (JABOATÃO, 1861, p. 356). Mas tanto igreja quanto claustro precisaram ser mais tarde reconstruídos, como ocorreu com os conventos de uma forma geral, devido, principalmente, à invasão holandesa⁸⁰ (JABOATÃO, 1861, p. 371).

Como em outros conjuntos franciscanos, o de João Pessoa apresenta adro e cerca que compartilham limites em comum. Mas, neste último, os muros criam um cenário, apresentando-se ricamente decorados. Recepcionando aos que chegam, encontra-se na área, como de costume, um cruzeiro. No caso deste convento, trata-se de um exemplar diferenciado, tanto em dimensão quanto em beleza. Com relação as suas características arquitetônicas, Burity descreveu:

necessário se faz observar, logo à entrada, um monumental *cruzeiro*, em calcário, com um imponente e soberbo pedestal, circundado por uma cora de originaes estátuas em forma de pelicano (em número de três) e quatro água [*sic* águias] bicéfalas, representando a supremacia da Igreja Católica. Daí emerge uma gigantesca cruz sulcada de primorasas caneluras, tudo em pedra calcária. No alto do cruzeiro, vê-se um bloco monolítico em forma de livro, onde se acham gravadas, nas faces opostas, as iniciais I.N.R.I., correspondendo a *Jesus Nazarenus Rex Judeorum* (Jesus Nazareno, Rei dos Judeus) (BURITY, 2008, p. 103, grifo da autora).

⁸⁰ Em 1636 o convento da Paraíba foi fortificado pelos holandeses, servindo como quartel general e alojamento para o diretor da Capitania e os soldados em combate (HERCKMAN, 1639, p. 43 apud ALBUQUERQUE, 2012, p. 74). Uma vez desocupado, precisou ser reconstruído para, então, retornar ao uso religioso.

Figura 85. O imponente cruzeiro do convento de João Pessoa e seus detalhes.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

No que tange às características dos muros, estes são revestidos por azulejos portugueses em padronagem azul e branca e estão dispostos de maneira a criar uma área de formato trapezoidal, cujo maior ângulo de abertura se encontra para rua, estreitando-se ligeiramente à medida que vai se aproximando da igreja, como que direcionando os visitantes para entrada. A transição entre espaço urbano e espaço sagrado se faz lentamente: o longo adro se deixa percorrer ao passo em que vai expondo seis nichos com painéis sobre a Paixão de Cristo. Constituído com o mesmo material dos muros, a presença destes nichos acentua a simetria do espaço, uma vez que estão distribuídos ordenadamente, três de um lado e três de outro. Apesar de hoje se encontrarem mal preservados, ainda se vislumbra um verdadeiro espetáculo.

Figura 86. Frontispício do convento de João Pessoa, seu adro trapezoidal e os muros compartilhados entre este e a cerca seráfica.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Figura 87. Os seis nichos presentes nos muros do adro conventual de João Pessoa.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Sobre a área do adro, Burity observa que a mesma, ladrilhada a calcário, “possui a extensão exata da altura da igreja, partindo-se da soleira ao ponto mais elevado da torre” (2008, p. 105), o que pode explicar a simetria tão harmoniosa que o caracteriza. No que tange aos nichos, e às cenas referentes à paixão de Cristo, a autora coloca:

Uns estudiosos procuram a explicação como sendo um indicativo de que não é possível se adentrar à Casa de Deus sem passar pelo sofrimento físico, mesmo sendo um mero espectador. Outros preferem contemplar o martírio de Cristo lembrando que o seu padecimento teve um significado maior: a salvação de pecados. Nota-se que a sua face está íntegra, preservada, sem conotação de agressividade, enquanto as faces dos seus algozes encontram-se danificadas pela ação humana, o que é provável o radicalismo pela não aceitação do sofrimento de Jesus. Alguns denotam prática ritualista (BURITY, 2008, p. 106).

Tais características não passariam despercebidas pelo maior cronista da Ordem Franciscana. Em várias ocasiões, Jaboatão menciona que as feições do complexo “são de melhor, e mais ajustada architectura”. Quando se refere ao frontispício da igreja, não faz diferente: “seo frontispicio he o mais vistoso, não só de todas as nossas Igrejas, mas ainda das que por estas partes se achão” (JABOATÃO, 1861, p. 372). Sobre os muros, o cronista descreve:

Deste cruzeyro, passada a rua travessa, athe a qual chegaõ os **muros do Convento** por ambos os lados, se faz huã espaçozza entrada de mais de sinquoenta passos de largo, começando a subir alguã couza para o frontispicio da Igreja. Deste athe onde começa aquella entrada haverá a longitude de cem passos. Todo este pateo que começando na largura referida vay estreitando athe acabar do frontispicio da Igreja, está cercado do referido muro, bastantemente alto, com suas voltas, e remates por sima, e duas pyramides no fim de huã, e outra parte da sua entrada. [...] O mesmo repartimento de pedra lavrada corre pelos entremeyos de todo o pateo, e seos degrãos, e com a mesma se orla o pé de todo o muro por huã, e outra parte. Pela face deste estaõ abertas nas paredes de cada hum dos seos lados huãs, como capellas, ou altares com seos arcos, e nellas colocadas as Imagens de Christo naquellas formas, que representaõ os devotos passos da sua Sagrada Payxaõ. Com toda esta fabrica e architectura se faz esta entrada da Igreja, e o **seo frontispicio muy vistoza, e divertida** (JABOATÃO, 372-373, grifo nosso).

Com relação à cerca do convento paraibano, as crônicas também descrevem uma área extremamente rica. Pelos recursos naturais que doava, o espaço era muito importante para o complexo seráfico. Dentre estes, Jaboatão aponta à lenha e à matéria-prima para construção, como madeira e distintos tipos de pedra, evidenciando mais um atributo à área vegetada. Assim, tanto o recolhimento, em madeira, quanto o novo convento, em pedra e cal, foram edificados a partir de material retirado de seu terreno:

Nesta da cerca do Convento se tirou, e tira, ainda que ja hoje com algum trabalho de desmontar a terra pelos seos altos, toda a pedra, assim de cantaria, como a mais, que he necessária a qualquer obra, ou edifício. Consta de varios bancos, como explicaõ os mestre da arte. Do primeyro, que se cobria ao principio, e pelas bayxas de pouca terra, e em muitas partes descuberto, se tira a pedra tôsca, e dura de alvenaria, do segundo, outra menos aspera, mas forte, de que se faz perfeita e forte cal, do terceyro cabeços para fortalecer as paredes, e do

quarto a que serve para se lavrarem portaes, e outras semelhantes peças, não tão dura, e aspera, como as primeyras, mas muito mais alva, solida, e liza da qual se fazem perfeitas lavrages. **Toda servio de grande conveniencia, e menos custo para as obras do Convento, que muito depois se levantou de novo, tirando-se de dentro da sua cerca todo o material de pedra, cal, e taõbem o saibro, que serve em lugar da arêa,** e he huã terra algum tanto vermelha, que depois de tirada alguã, se segue esta athe se dar com o primeiro banco da pedreira, e tudo isto se tira dentro do terreno da cerca, sem a moléstia de o pedir, e comprar fóra. **Taõbem he tradicção que dentro desta cerca se tirou toda a madeira para a formatura do primeyro Conventinho, e por muitos anos a lenha para o gasto commum da caza** (JABOATÃO, 1861, p. 357-358, grifo nosso).

De acordo com Jaboatão, tratava-se de uma das cercas mais amplas da província, seguindo até as proximidades do rio: “Pela parte do Oeste, e ja pegado pela bayxa aos Mangáes do rio, corre o **muro**, e **cerca** do Convento” (JABOATÃO, 1861, p. 357, grifo nosso). Tal constatação é reafirmada ao se observar a cartografia antiga, onde de fato se verifica a presença dos muros, bem como sua proximidade com o curso d’água. Nesta também se registrou a presença de volume aquífero dentro do próprio perímetro que demarca a cerca.

Figura 88. “Frederyce Stadt”, com destaque para o complexo franciscano, seus muros e a proximidade com o rio.



Fonte: Detalhe de um original do atlas de J. Vingboons, do Algemeen Rijksarchief, Haia. Ca. 1640 (1660). P. 347 apud FILHO, 2000, p. 119. Intervenção da autora, 2017.

Ao realizar visitas de campo e observar imagens aéreas atuais, verificou-se que o complexo franciscano se encontra mais distante do curso d’água, quando comparado com a sua posição nas antigas representações. Tal aspecto pode estar vinculado à subtração do terreno conventual, mas é mais provável que a acentuada diferença se justifique, sobretudo, pelas mudanças nas características do próprio rio, devido a assoreamentos e/ou aterramentos da área, dentre outras possibilidades. Isto, pois se verificou *in situ* que, apesar da área ter sido bem adensada, de maneira

que a cerca se apresenta hoje margeada por edificações, boa parte dos seus antigos muros de pedra calcária se mantém, o que nos fala que muito dos seus limites originais se preservaram.

Ainda sobre suas primitivas dimensões, constatou-se uma divisão interna que separa a antiga cerca franciscana do terreno que se situa por trás da atual Faculdade de Ciências Médicas. As duas áreas, no entanto, compartilham mesmo muro de pedra calcária, sugerindo que a segunda tenha feito, outrora, parte da cerca. A localização da mesma, ao lado do adro seráfico, corrobora com a afirmação.

Figura 89. Esquema apresentando o terreno vinculado à Faculdade de Ciências Médicas dentro do contexto da cerca do convento de João Pessoa, com fotos dos muros em pedra calcária oriundos do complexo seráfico.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017; e fotos da autora, 2017.

Como já mencionado, além da extensa dimensão, a cerca franciscana da Paraíba também é descrita nas crônicas de Jaboaão como rica em elementos naturais. Dentre estes elementos estava a água oriunda de uma fonte, ainda hoje inserida nos limites da cerca.

Tem dentro huã fonte nativa, de boa, e salutifera agoa, a qual brota das entranhas duras de huã pederueyra, e esta com o tempo se tem averiguado ter principio nas bayxas, e beiras deste Rio da Paraíba, e entranhando-se por a terra dentro corre athe os Arrebaldes de Goayana por alguãs doze legoas, pois em muitas partes nesta grande distancia se tem descuberto a mesma, com as qualidades, e serventia da que se acha na Paraíba (JABOATÃO, 1861, p. 357).

Denominada Fonte de Santo Antônio, o exemplar de características barrocas é datado de 1717, de acordo com inscrição contida no corpo da mesma. Como observa Burity (2008, p. 155), esta se configura a modo de um retábulo de altar, encontrando-se estruturada por duas pilastras que se integra a um muro interno à cerca. A fonte se divide em duas partes: a superior apresenta um nicho, onde provavelmente se situava uma imagem de Santo Antônio, como sugere a inscrição latina situada ao pé do mesmo, que diz: “S. Antoni ora pro nobis”; e a inferior apresenta um golfinho de onde corre a água para um tanque, este último desprovido de ornamentação.

Figura 90. Fonte de Santo Antônio.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Figura 91. Recortes da Fonte de Santo Antônio: nicho e golfinho que a compõem.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

O exemplar apresenta três inscrições: a maior está na cartela do corpo superior; a segunda, já mencionada, ao pé do nicho; e a terceira, cujos dizeres se encontram bipartidos, na parte inferior. Burity solicitou ao professor paraibano Afonso Pereira da Silva a tradução das mesmas, que realizou três versões, uma justalinear e duas de caráter mais livre. Segue-as:

1) *Tradução justalinear:*

POSTERITATI
 Quod cernis, lector,
 quaeris quo munere factum?
 Amor fraternus
 egit hoc opus
 Sumptibus.
 1717

F.M.

T.F.

À PROSPERIDADE.
 O que tu aprecias, ó leitor,
 Indagas com que trabalho foi feito?
 O amor fraterno construiu esta obra com muito custo (despesas)
 1717

F.M.

T.F.

Fontes	Ó Fontes
Dicite	Dizei
Hymnum Domino	Um hino ao Senhor
S. Antoni	Santo Antônio
Ora pro nobis	Ora por nós

2) *Tradução livre:*

À posteridade.
 Estás a indagar porventura
 com que sacrifício se erigiu
 o que ora contempas, ó leitor (amigo)?
 Foi um amor fraterno
 que construiu com despesas enormes
 este monumento.

1717

F.M.

T.F.

Entoai, ó fontes, cânticos ao Senhor.
 Santo Antônio, rogai por nós.

3) *Segunda tradução Livre:*

Transmite, ó leitor, e dize à posteridade com que sacrifício foi construído este monumento que ora contempas e admiras. A comunidade erigiu esta obra com os seus próprios recursos.

1717

F.M.

T.F.

Ó fontes, por que não entoar ao Senhor um hino perene de ação de graças?
 Santo Antônio, roga a Deus por nós!

(BURITY, 2008, p. 161-162).

Com relação às iniciais “F.M.” e “T.F.”, Burity coloca que as mesmas podem significar a origem dos artistas ou dos responsáveis pela decisão da edificação do monumento: “F.M. significando *frades menores*, numa alusão à ordem franciscana, e T.F. *terceiros franciscanos*, isto é, referência à *ordem terceira* dos franciscanos” (2008, p. 162, grifo da autora).

Figura 92. De cima para baixo: primeira, segunda e terceira inscrições localizadas na Fonte de Santo Antônio.



Fonte: BURITY, 2008, p. 156.

Voltando a observar a cartografia antiga, percebe-se, junto ao volume de água interno à cerca, a representação de um quadrilátero que pode se referir à supracitada fonte de água. Vale destacar, no entanto, que há diferença temporal entre a planta seiscentista e a datação da fonte, 1660 e 1717, respectivamente, o que não descarta a possibilidade de ter existido uma estrutura primitiva, artificial ou natural, anterior àquela que ainda hoje se encontra presente na área vegetada.

Também situado no terreno do antigo convento, há, em frente à Fonte de Santo Antônio, um lago de formato hexagonal que, como verificado *in loco*, recebe a água da fonte e a que desce do edifício conventual, provavelmente captada da

chuva. Este lago fez parte de um projeto de urbanização realizado em 2001, que contou também com a execução de caminhos, largos e de ajardinamento. No período, o antigo convento já havia assumido, depois de outros sucessivos usos, a função de Centro Cultural, adotada desde 1990 até os dias de hoje.

Destaca-se aqui que a edificação desse lago corresponde a mais um indício de que a área já recebia um volume generoso de água. Em campo, verificou-se a presença de encanação de características mais recentes, que chega até o lago, e também de características mais antigas, localizada mais afastada do mesmo. Recorrendo à cartografia antiga, é possível mostrar que essa aglomeração hídrica já estava representada no mapa.

Figura 93. Recorte da “Frederyce Stadt”, destacando, em amarelo, o aglomerado de água e o quadrilátero presente na cerca conventual de João Pessoa.



Fonte: Detalhe de um original do atlas de J. Vingboons, do Algemeen Rijksarchief, Haia. Ca. 1640 (1660). P. 347 apud FILHO, 2000, p. 119. Intervenção da autora, 2017.

Figura 94. Acima, lago em frente à Fonte de Santo Antônio; abaixo, a presença de encanação de características recentes desaguando no lago e de encanação mais antiga, situada mais próxima ao prédio conventual.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

De acordo com Adriano Barbosa de Pontes⁸¹, que trabalha na manutenção do complexo há 22 anos, a água da fonte jorra sempre com força, mesmo em períodos de seca. Desta maneira, a água do lago se mantém sempre no mesmo nível. É essa riqueza hídrica que possibilita uma área tão extensa ser totalmente vegetada. A presença de frutos, as sombras das árvores (das mais jovens, mas também das mais antigas) e o perfume do verde caracterizam o que fora a cerca franciscana e tornam o percurso por ela muito prazeroso.

⁸¹ Aproveito para agradecer o auxílio de Seu Adriano que generosamente me acompanhou durante a visita de campo, mesmo com a intensa chuva que se apresentava.

Figura 95. Porções da cerca conventual de João Pessoa.



Fonte: Fotos da autora 2017.

Figura 96. Vista da cerca a partir do prédio conventual, apresentando o Rio Paraíba ao fundo.



Fonte: Google Imagens, 2017.

Identificou-se também na área da antiga cerca, situado mais próximo do prédio conventual, um relógio do sol. Construído em pedra calcária, este é datado de 1781, de acordo com inscrição registrada no mesmo.

Figura 97. Relógio do sol situado na cerca conventual de João Pessoa.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

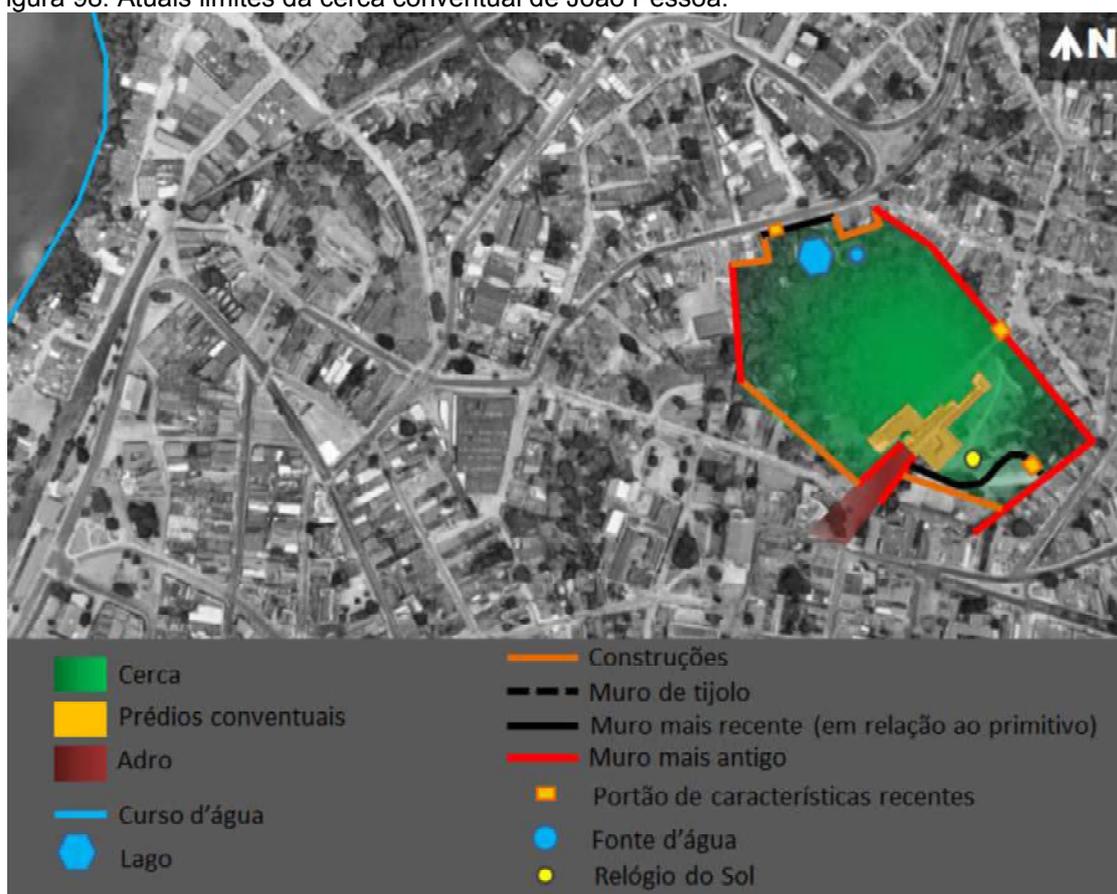
Com relação às distintas funções assumidas pelo complexo, a primeira ocorreu em 10 de outubro de 1885, quando o conjunto estava em posse do Governo e passou a funcionar como hospital militar e escola de aprendizes marinheiros. Isto, por estar desocupado, de maneira que o conjunto ainda pertencia oficialmente aos franciscanos, que podiam reavê-lo logo que viessem restaurar a Ordem (BURITY, 2008, p. 167). Em 26 de abril de 1894, o convento passou a exercer a função de Seminário Arquidiocesano, também abrigando o Colégio Diocesano Pio X, mesmo a contragosto dos frades. A iniciativa partiu do primeiro Bispo da Diocese da Paraíba, nomeadamente D. Aduato Aurélio de Miranda Henriques. A ocupação deveria durar oito anos, mas, em 1895, o Bispo solicitou o convento *in perpetuum*. O pedido foi inicialmente negado, mas aceito após nova solicitação (MANUSCRITO n. 44 apud BURITY, 2008, p. 170). O seminário lá permaneceu até 1965, quando foi transferido para novo edifício, no bairro Miramar, capital paraibana (BURITY, 2008, p. 171).

Em 1968, após restauração superficial de alguns ambientes, a casa seráfica tornou-se Museu Escola e Sacro da Paraíba. Mais tarde, nos idos de 1979/1989, este passou por completa restauração, realizada em dois momentos: o primeiro através da Fundação Cultural do Estado da Paraíba (FUNCEP), atualmente extinta, e o segundo quando as obras foram assumidas pelo IPHAN, através da Fundação PRÓ-MEMÓRIA. Em 6 de março de 1990, o conjunto passa por mais um restauro, ainda mais profundo, quando, então, assume a função de Centro Cultural (BURITY, 2008, p. 172-173), uso este que se perpetua até os dias de hoje, como já fora

apontado. Em 2008, o IPHAN iniciou novas obras de restauração em alguns ambientes do complexo franciscano. No que tange à antiga cerca, os projetos de recuperação brindaram a área com a reparação do antigo muro de pedra, datado de 1612, assim como com a já mencionada urbanização do acesso a Fonte de Santo Antônio. De acordo com os registros de atividades do Centro Cultural, também foi instalada no espaço, em 1990, uma horta de plantas medicinais, que não existe mais. No documento, que compreende o período de 1990 a 2005, identificou-se apontamentos de manutenção da mesma até 2004.

Como se viu, mesmo diante dos novos usos e do adensamento urbano onde o complexo se situa, encontra-se ainda uma área de cerca que parece não ter sofrido grandes parcelamentos, quando comparada a tantas outras do conjunto estudado, conservando elementos importantes que falam sobre seu passado.

Figura 98. Atuais limites da cerca conventual de João Pessoa.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

2.4. A cerca conventual do estado de Sergipe

Figura 99. Mapa do estado de Sergipe, localizando a cidade onde se encontra convento franciscano do período colonial.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/>>. Acesso em: ago. 2017.

2.4.1. A cerca do convento de São Cristóvão

Assim como na Paraíba, há apenas um exemplar dos conventos franciscanos coloniais no estado de Sergipe. Reconhecida como a quarta cidade mais antiga do Brasil, São Cristóvão apresenta um acervo arquitetônico de destaque. Ao adentrá-la, logo se avista as torres da majestosa Igreja Matriz, que desponta na paisagem. Dedicado a Nossa Senhora da Vitória, o monumento foi edificado no início do século XVII. Estima-se que o início da obra se deu entre os anos 1608 e 1616, tendo passado por reformas posteriores⁸².

⁸² A Igreja Matriz de São Cristóvão foi tombada pelo Governo Federal em 20 de março de 1943.

Figura 100. Igreja Matriz despontando na paisagem. Acima, vista a partir do centro da cidade; e, abaixo, a partir do Rio Paramopama.



Fonte: Foto da autora, 2017; e foto, s/d, in PROPOSIÇÃO..., 2007, p. 18.

Figura 101. Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Próximo a Igreja Matriz, encontra-se o complexo franciscano edificado em nome de Bom Jesus, também conhecido como de Santa Cruz ou de São Francisco. O espaço urbano onde o mesmo se localiza é considerado o mais importante da cidade. Isto, por causa do supracitado cenóbio e por causa das edificações de destaque que foram implantadas voltadas para o seu vasto adro. Trata-se da Santa Casa da Misericórdia e sua Igreja, dedicada a Santa Izabel (o conjunto funciona hoje como Lar da Ordem Imaculada Conceição); do antigo Palácio Provincial (atualmente

Museu Histórico do Estado); e do antigo casario (onde, em uma das casas, funciona a biblioteca municipal). Tal composição destaca o conjunto franciscano, ao passo em que cria uma ambiência muito particular⁸³. É interessante observar que, no caso deste exemplar, o adro não descortina apenas a igreja, mas toda a casa seráfica, enfatizando-a.

Figura 102. Acima, fachada principal do convento franciscano e o seu vasto adro com cruzeiro; abaixo, o adro visto a partir do convento, com destaque para a Santa Casa de Misericórdia e sua Igreja (A), o antigo Palácio Provincial (B); e o antigo casario (C).



Fonte: Foto da autora, 2017; e foto, s/d, in PROPOSIÇÃO, 2007, p. 18, respectivamente.

Outra característica interessante do convento sergipano surge quando este é visto internamente: o claustro, hoje ajardinado, chama atenção, não apenas pelo

⁸³ Diante do seu valor histórico, paisagístico, urbanístico e sociocultural, o adro, conhecido como Praça São Francisco, bem como o acervo arquitetônico que o cerca, foi protegido em nível estadual e nacional, assim como passou a compor, desde o dia 1º de agosto de 2010, a lista do Patrimônio da Humanidade. Sobre a solicitação para inclusão, ver a “Proposição de Inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do Patrimônio Mundial”, disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declara%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%A7a%20S%C3%A3o%20Francisco.pdf>>.

colorido da vegetação, mas por suas qualidades edificadas. Bazin o descreve como uma obra que ressalta o classicismo almejado dos demais claustros (1956), notadamente a partir da distribuição dos pilares quadrados de ângulos chanfrados⁸⁴.

Figura 103. Claustro do convento de São Cristóvão.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Fundado em 1657, sobre terreno doado pelo sargento mor Bernardo Correia Leitão e sua esposa Victoria de Souza, o complexo franciscano iniciou-se, como de costume, por um pequeno recolhimento, onde os religiosos residiram até a construção do convento.

No Capitulo de vinte e seis de Agosto de 1657, em que entrou o ultimo Custodio Fr. Pantaleaõ Baptista, se determinou acceitassem tres fundações, que de novo se offereciaõ, sendo huã dellas a da Cidade de Seregipe Del Rey, a que se deo o titulo do Bom Jesus. Foraõ mandados logo a dar-lhe principio Fr. Luiz do Rozario Diffinidor actual, e hum Irmaõ Leygo, de quem nos não dizem o nome. Deraõ principio a hum Recolhimento com sua Igrejinha no lugar escolhido, do qual fez depois a doaçaõ o Sargento mor Bernardo Corrêa Leytaõ, e sua mulher Victoria de Souza, por escriptura de 29 de Janeyro de 1659 (JABOATÃO, 1861, p. 585).

Mais tarde, outras construções foram empreendidas. De acordo com Jaboação, a primeira pedra do novo convento foi lançada em 12 de setembro de 1693. A edificação foi lenta, de tal maneira que, à época da escrita da crônica, a igreja não estava ainda acabada “pela indigência, e pobreza da terra” (JABOATÃO, 1861, p. 585).

No sobredito anno [de 1659] a sinco de Novembro, se fez o Capitulo em que separada de todo esta Provincia da de Portugal foi feito por Breve Apostolico Provincial primeyro Fr. Antonio dos Martyres, e para Prelado taõbem primeyro do Recolhimento novo, Fr. Sebastiaõ dos Martyres, e assim se foraõ continuando os

⁸⁴ A maioria dos claustros franciscanos do Nordeste apresentam colunas no lugar de pilares. Além do convento de São Critóvão, estes estão presentes apenas em Marechal Deodoro/AL, Cairu/BA e no pequeno claustro do Hospício de Nossa Senhora da Boa Viagem /BA, cada um com sua particularidade.

mais athe o anno de 1693, em o qual a doze de Septembro sendo Provincial Fr. Estevaõ de S. Maria, se lançou a primeyra pedra para o Convento novo (JABOATÃO, 1861, p. 585).

Sobre a área vegetada, Jaboatão coloca que em 3 de março de 1730 foi feita a escritura de doação de terreno para aumentar a cerca conventual, “da qual havia já muitos anos estava o Convento de posse”, mas o cronista não avança na caracterização do espaço. A doação foi realizada por André Pinto de Souza, “com a pensão só de se mandar dizer huã missa pela alma de Maria de Souza, de quem o tal André Pinto houve a terra” (JABOATÃO, 1861, p. 585).

Mediante os poucos registros alcançados na bibliografia sobre a cerca franciscana de Sergipe e a pequena dimensão que a mesma apresenta atualmente, constatada *a priori* por meio do contato com imagens aéreas atuais, empreendeu-se visita de campo com poucas expectativas sobre a área. Isto, pois sem literatura e sem o próprio monumento/cerca como documento, seria pouco provável encontrar informações sobre a mesma. No entanto, a visita preparava surpresa.

Ao adentrar o espaço, encontrou-se, de fato, uma área pequena, provida de vegetação muito mais rarefeita, quando comparada aos demais complexos franciscanos visitados. Próximo ao prédio, constatou-se uma porção urbanizada, com caminho e ajardinamento; mais afastado, onde geralmente se situa a vegetação mais densa, apenas algumas poucas árvores espaçadas, a maioria coqueiros, e, em alguns pontos difíceis de caminhar, a presença de capim, que havia crescido por causa das intensas chuvas no período da visita. Como de costume, a cerca apresenta declive acentuado.

Figura 104. Porção da cerca mais próxima do conjunto edificado.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

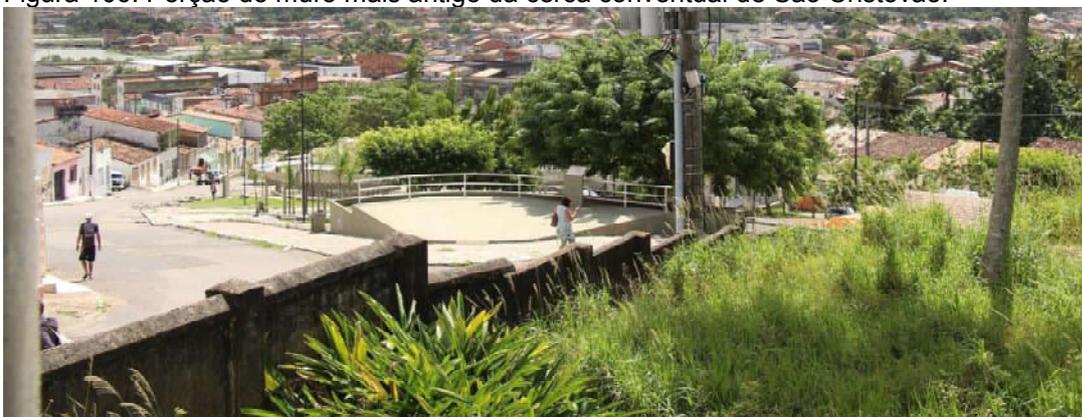
Figura 105. Porção da cerca mais afastada do conjunto edificado.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Ao buscar acessar os muros que constituem o atual limite da porção vegetada, confirmaram-se características recentes em praticamente toda a cinta amuralhada. Considerando a fachada da igreja, o muro lateral direito, que faz margem com a Rua Mamede F. Dantas, é o que apresenta atributos mais remotos: é mais espesso e apresenta o acabamento do topo chanfrado, isto na porção mais próxima do edifício, a qual se conseguiu acessar.

Figura 106. Porção do muro mais antigo da cerca conventual de São Cristóvão.



Fonte: Foto da autora, 2017.

Já o muro lateral esquerdo foi construído bem recentemente, e se encontra separando a cerca das residências que foram estabelecidas com o passar do tempo. Como são edificações novas, é bem provável que elas tenham sido construídas sobre antiga área de cerca. Com relação às dimensões primitivas do terreno na porção posterior, fica mais claro que houve redução. Além do muro também apresentar características bastante recentes (pois é constituído por tijolo de seis furos), o poço que ainda hoje alimenta o convento fica em terreno disposto por trás da atual cerca, hoje separado desta pela Rua Vinte e Quatro de Outubro.

Figura 107. À esquerda, muros de características recentes da cerca conventual de São Cristóvão; à direita, poço localizado em terreno disposto por trás do complexo franciscano.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Outro fator que reforça a ideia de que a cerca avançava nesta direção corresponde à informação, de senso comum aos moradores próximos, de que a denominada Fonte dos Padres fazia parte do complexo conventual. Ao buscar, *in loco*, por esta fonte, testemunhou-se a utilização da água por vários moradores, uma vez que a mesma é própria para consumo, como comprova documento anexo à estrutura recentemente construída para abrigá-la.

Figura 108. Fonte dos Padres.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

A Fonte dos Padres se localiza na Rua Nossa Senhora das Fontes e, como mencionado, encontra-se protegida por uma edificação, cuja chave fica de posse de Dona Maria Luiza Evangelista Santos, conhecida como Isa. Durante a visita de campo, conseguiu-se contatá-la, de maneira que foi possível adentrar a casa e observar o interior desta fonte. Verificou-se, então, tratar-se de um poço tradicional, cuja planta tem um desenho de perímetro circulado. A superfície interna, mais

profunda, apresenta-se em pedra; enquanto a parede terminal se encontra em alvenaria de tijolos maciços, que, possivelmente, correspondia à boca de captação.

De acordo com Dona Isa, o minadouro que abastece o poço fica em frente à casa que abriga a Fonte dos Padres, mas foi coberta pela construção da rua. Como foi possível constatar, a água que dela brota é muito valorizada pelos moradores da região, por ser potável, enquanto a água encanada apresenta características barrentas e não é própria para o consumo. Sobre a água, Dona Isa é enfática: “A sorte da gente é essa fonte, porque a da torneira... presta de jeito nenhum! É barrenta, é suja!” (Dona Isa, julho de 2017).

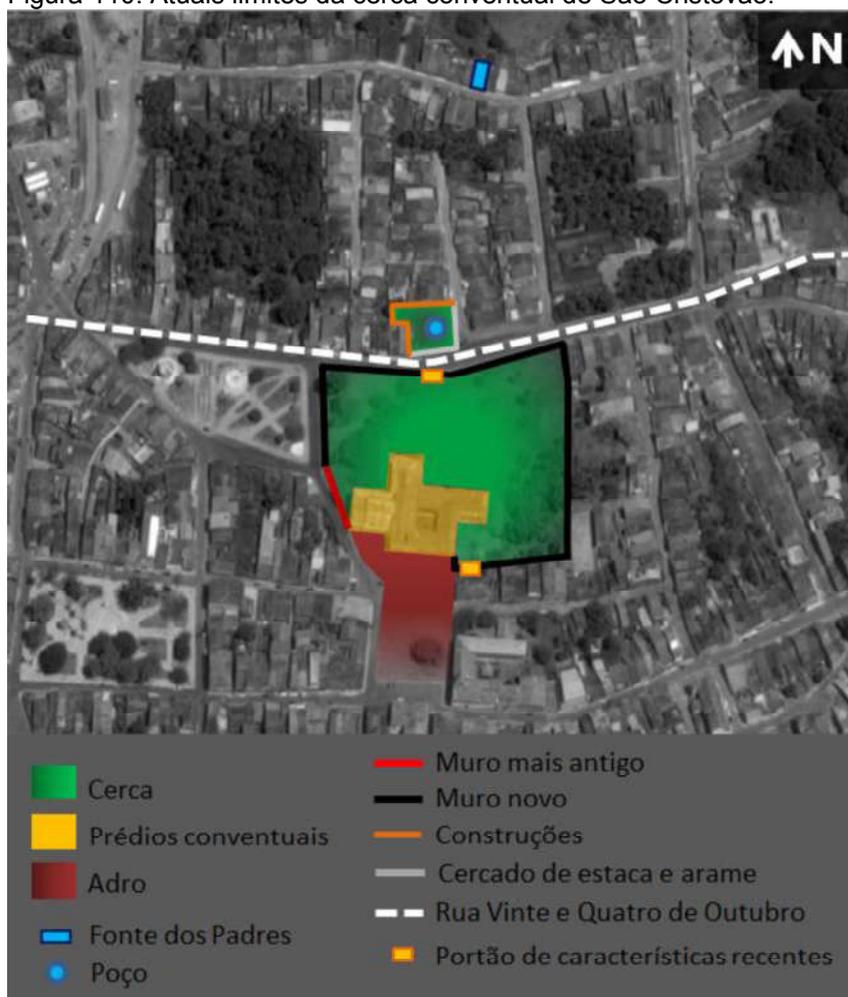
Figura 109. Poço referente à Fonte dos Padres.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Além de constatar a presença de água, as pesquisas *in situ* permitiram observar que, como na maioria das cercas franciscanas estudadas, a sergipana muito provavelmente sofreu grandes amputações em seu terreno. Esta, inclusive, apresenta-se seccionada (como se viu, a área do primeiro poço mencionado, ainda vinculado à casa religiosa, encontra-se separado da área conventual). A investigação permitiu constatar também que a cerca, caracterizada, sobretudo, pela presença de vegetação, quase não apresenta mais plantações. Por outro lado, ao se encontrar elementos que se mostram recorrentes, como o poço e a fonte, algumas características das cercas conventuais analisadas vão se consolidando.

Figura 110. Atuais limites da cerca conventual de São Cristóvão.

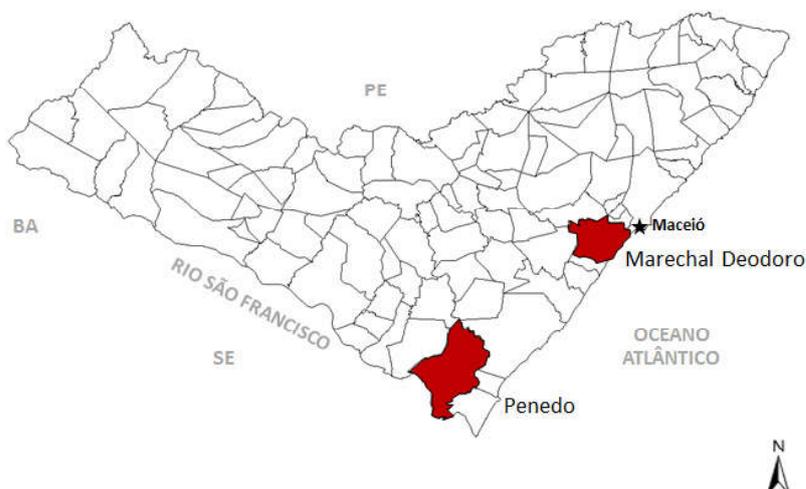


Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

O antigo complexo franciscano assume atualmente duas funções: a Ordem Terceira abriga o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e a antiga morada franciscana é hoje casa das irmãs Carmelitas.

2.5. As cercas conventuais do estado de Alagoas

Figura 111. Mapa do estado de Alagoas, localizando as cidades onde se encontram conventos franciscanos do período colonial.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre mapa disponível em: <<http://www.mapasparacolorir.com.br/>>. Acesso em: ago. 2017.

Em Alagoas estão situados os dois últimos conventos franciscanos do período colonial, implantados no Nordeste do Brasil. Tratam-se das casas de Marechal Deodoro (antiga capital) e de Penedo, ambas na porção sul do estado.

2.5.1. A cerca do convento de Marechal Deodoro

O centro histórico da primeira capital do estado de Alagoas é berço do convento franciscano erigido em homenagem a Santa Maria Madalena. O complexo se apresenta forte e aglutinador. Ao contrário da maioria, a casa deodoroense não se situa em ponto alto da cidade, mas se destaca pela proximidade com a Lagoa Manguaba, muito importante na região, e pelos arruados que convergem em sua direção. O adro é o grande recepcionista. Este apresenta à cidade a igreja seráfica e a igreja de Ordem Terceira que, separada da primeira, apresenta frontispício próprio; bem como dele já se vê a cerca conventual que desce em direção ao curso d'água.

Figura 112. Arruados que convergem em direção ao convento de Marechal Deodoro (A).



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2012.

Figura 113. Entorno do convento de Marechal Deodoro.



Fonte: Foto disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/117845660>>. Acesso em: mar. 2017; e foto disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/117845666>>. Acesso em: mar. 2017, respectivamente.

Sobre a sua fundação, consta que, muito antes da petição do povo e da Câmara, o respeitado custódio Frei Cosme de São Damião⁸⁵ havia dado princípio a um recolhimento com oratório, em agosto de 1635, para ali residir com mais alguns religiosos, refugiando-se da invasão holandesa pernambucana (JABOATÃO, 1861, p. 605-606).

A dous de Agosto deste mesmo anno de 1635 começou a entrar na Povoação da Alagôa do Sul o desterrado povo, e com elle os Religiosos, e o seo Custodio. Não tinhaõ ainda os nossos habitações; e **deraõ ordem a hum Recolhimento de palha e ramagem** donde assistiraõ alguns mezes, naõ todos, os que se haviaõ retirado;

⁸⁵ Jaboatão dedicou mais de 100 páginas do seu primeiro livro para tratar especificamente sobre a vida religiosa de Frei Cosme de São Damião, bem como dos fatos históricos a ele vinculados. Dentre outras atividades, o frade foi custódio no Brasil, peregrinou do Maranhão ao Sul do Rio de Janeiro, e assumiu por cinco vezes o lugar de guardião de distintos conventos. A ele são atribuídos diversos milagres, tais como a de curar enfermos e conhecer o interior das pessoas. Sobre Frei Cosme de São Damião, ver Jaboatão, 1859, p. 127-242.

porque os mais deles passaraõ logo para os Conventos das partes da Bahya, ficando só alli o Padre Custodio com o seo Secretario Fr. Joaõ Bautista, que depois foy taõbem Custodio, e alguns mais, que muitos naõ era possível accommodarem-se no lugar, tanto por falta de agasalhos, como pela do sustento, e o mais que dizia respeito á vida religioza. Naõ deixavaõ com tudo os poucos, que ficaraõ, como escolhidos por hum Prelado, de o fazer muito exemplarmente no modo que lhes era possível, dizendo missa, confessando, e assistindo a tanta multidaõ de gente, em particular aos pobres, que eraõ os mais, assim em numero, como em as necessidades (JABOATÃO, 1859, p. 179 – 180).

Em janeiro do ano seguinte, o custódio partiu para Pernambuco, quando foi preso pelos invasores⁸⁶. Sem notícias deste, os franciscanos que ali ficaram se retiraram de Alagoas para a Bahia, deixando o povo frustrado por não ter sido fundado convento na recentemente intitulada vila⁸⁷. Mas, perseverantes no objetivo, assim que se concluiu a restauração pernambucana, os devotos realizaram nova petição, despachada em 26 de agosto de 1657, que resultaria na fundação da casa seráfica (JABOATÃO, 1861, p. 605-606). Abaixo, o documento transladado pelo cronista:

– Os Moradores desta Villa de S. Maria Magdalena da Alagõa do Sul, e Norte, que elles estaõ em posse ha muitos annos dos Conventos de S. Francisco, e S. Antonio da Villa de Marim, lhes fazerem charidade mandar dous Religiozos assistir ás quaresmas, e mais dias dos Oragos nesta Villa, pelas esmollas que lhes hiaõ em cada barco para o sustento dos Religiosos delle; e quando se tomou a Villa de Marim se retiráraõ os Religiozos para esta Alagõa, aonde situaraõ hum Recolhimento, no qual estiveraõ, em quanto se naõ rompeo a campanha, com tençaõ de se naõ tirar mais da Alagõa, e Sitio donde o tinhaõ; e como a campanha se rompeo, e o Inimigo a senhorou se retiraraõ para a Bahya; e o Provincial, que entaõ era será fallecido, com que ficaõ frustradas suas esperanças da promessa, que lhes tinha feito: **Pelo que pede esta Camara, e Povo lhes faça Charidade de os restituir a sua posse antiga, e dar cumprimento á palavra dada de seo Antecessor de mandar levantar Mosteiro no lugar donde esteve, ou onde melhor lhe parecer para sua consolaçaõ.** – O vigario Antonio Vieira. – O Juiz Gonçalo Ferreira. – O Alcaide mor, Gabriel de Souza. – O Vereador, Antonio da Costa. – O Procurador, Antonio do Couto Caldeyra (JABOATÃO, 1861, 606).

A petição foi concedida em 19 de maio de 1659, quando foram enviados os religiosos fundadores para dar início à edificação do recolhimento. Com pouca comodidade, e sem resolução para construção do novo convento, permaneceram neste abrigo por 16 anos, “por naõ terem data, nem Escriptura alguã do Sitio, e terras delle, pois só o haviaõ fundado por consentimento, e graça da Irmandade da Conceição da Matriz, a quem pertencia” (JABOATÃO, 1861, p. 607). Finalmente, havendo passado o sítio e lugar de implantação da casa seráfica para a Câmara da vila, com consentimento desta se deu início a edificação. Ainda sem a escritura,

⁸⁶ Não há declarações precisas do lugar e tempo nos quais Frei Cosme de São Damião foi preso. De acordo com escritos de Duarte de Albuquerque, a captura ocorreu quando o religioso foi visitar “*tres cazas suyas, que estavan entre los Enimigos, una em la Parahiba y las dos em Pernambuco, Guaraçu y Pojuca*” (JABOATÃO, 1859, p. 183-184, grifo do autor).

⁸⁷ Título doado pelo condecorado donatário Duarte de Albuquerque Coelho, em 1636 (JABOATÃO, 1861, p. 605-606).

lançou-se a pedra fundamental dos corredores em 4 de outubro de 1684, sendo enfim documentado dois meses depois, em 6 de dezembro do mesmo ano (JABOATÃO, 1861, p. 607-608).

Sobre a localização do complexo, trata-se mais uma vez de um convento que, apropriando-se das qualidades naturais do local, foi implantado às margens de importante curso d'água, a já mencionada Lagoa Manguaba. Ao situá-lo, o cronista deixa claro a presença dos elementos estruturais, muro e porta do carro. Este último, como aparece em outros conventos à beira rio/lagoa/mar, se situava junto à lagoa, em local que ficou conhecido como “porto dos frades”.

Está situado no mesmo lugar do Recolhimento no fim das ruas da Villa, á parte do Norte, na bayxa sobre as margens da Alagoa, **com muro de pedra e cal**, ficando-lhe a **porta que chamaõ do carro**, junto á praya, e combro da arêa, que por ella corre (JABOATÃO, 1861, p. 608, grifo nosso).

Havia até pelo menos 2004, no muro que se volta/voltava para a lagoa, uma abertura que sugeria a antiga presença de um portão. No entanto, este se apresentava em tijolo de barro cozido (e não em pedra e cal como cita o cronista) – material antigo, mas não o primeiro a ser utilizado na confecção dos primitivos cercados, os quais eram constituídos de pedra, como grande parte do perímetro do muro do convento deodorense ainda o é. Não se conseguiu, hoje, acessar tal abertura, por causa das apropriações à beira da lagoa e da mata interna à cerca.

Figura 114. Abertura da possível porta do carro mais antiga do convento de Marechal Deodoro.



Fonte: Foto por Pedriane Dantas, 2004. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

É provável que o trecho onde se encontra/encontrava a possível porta corresponda a uma reconstrução, uma vez que “ao longo do tempo, a ação das intempéries, aliada à ausência de cuidados, provocou a queda de partes do muro em pedra” (MAGALHÃES, 2012, p. 188). Os atos de vandalismo no período de

esvaziamento e abandono do complexo (século XIX) também podem ter culminado em desabamentos – “Os próprios habitantes da cidade subtraíram pedras do muro da cerca conventual” (MAGALHÃES, 2012, p. 188).

Ao acessar antigas fotografias, foi possível constatar que parte do muro, que se voltava para a Manguaba, desmoronou. Em campo, verificou-se também que a ligação cerca-lagoa sofreu interferências: foram implantadas às margens lagunar várias edificações que provocaram a desconexão – o que sugere, mais uma vez, a reconstrução de novo limite.

Figura 115. Queda de trecho do muro de pedra da cerca conventual de Marechal Deodoro.



Fonte: Arquivo do Museu de Arte Sacra, 1992. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Intramuros, encontrava-se o necessário para a manutenção da casa seráfica. A área era beneficiada por algumas nascentes “afloradas no baixíssimo lençol freático, basicamente no nível da lagoa”, bem como contava com um córrego transverso ao terreno, que assegurava o abastecimento cotidiano do convento, cujo nascedouro se situa fora dos limites conventuais (FERRARE, 2012, p. 92). Ao acessar o entorno do complexo, ainda é possível visualizar o curso d’água passando pela área vegetada.

A cerca contava ainda com um poço, “que deve ter sido feito logo após a instalação dos frades no local, garantindo, assim, a obtenção da água sem maiores dificuldades” (MAGALHÃES, 2005, p. 50).

O tal poço, ainda hoje existente na área da cerca, era protegido por uma grande tampa de madeira e tem cerca de 2.0m de diâmetro x 6.0m de profundidade. Certamente estava localizado em uma pequena edificação que, no convento da Bahia, era chamada de ‘*casa d’água com frontispício*’ (MAGALHÃES, 2005, p. 50).

Figura 116. Córrego localizado por trás do convento de Marechal Deodoro.



Fonte: Foto da autora, s/d.

Com relação à redução da cerca, sabe-se que, além da extensão ocupada às margens da lagoa, boa parte da área foi sendo gradativamente apropriada. Esta ocupação acompanhou o movimento que foi se desenvolvendo a partir do século XIX, quando foi se estabelecendo novos usos para o complexo conventual como um todo, mediante colapso no número de religiosos⁸⁸.

Em paralelo ao esvaziamento progressivo do convento, a casa franciscana foi utilizada como acampamento para um grupo de soldados do Batalhão de Caçadores de Maceió (de 1821 a 1839); e, em seguida, como refúgio para os flagelados da grande seca que assolou o sertão alagoano. Já desabitada, foi transformada em Seminário Provincial de Alagoas (em 1902), no entanto, apenas dois anos depois, os seminaristas foram enviados para Maceió (capital do estado desde 1839), em busca de melhores acomodações, já que o antigo convento apresentava graves sinais de deterioração. Após longo tempo abandonado, os frades da Província Franciscana de Santo Antônio, reunidos na Bahia em 1914, decidiram doar o prédio à Arquidiocese de Maceió. No ano seguinte, instalou-se no local o Orfanato de São José, dirigido pela Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho, de Marechal Deodoro (MAGALHÃES, 2012, p. 153-154).

Bahia, 19 de dezembro de 1914

Excm^o e Revmo. Sr. Bispo D. Manoel Antônio de Oliveira Lopes

Tenho a honra de comunicar a V. Excia. Revma. que os Padres da nossa Província de Santo Antônio reunidos em capítulo em setembro de 1913 tomaram conhecimento do triste estado de ruínas em que se acha o nosso antigo Convento na cidade de Alagoas. E não dispondo de meios para restaurá-lo nem de pessoal para ocupá-lo resolveram entregá-lo com o respectivo terreno ao Ordinário da

⁸⁸ Vale colocar que esse quadro não se restringiu ao convento franciscano de Marechal Deodoro, mas se estendeu a todo o conjunto de conventos brasileiros. A saber, desde 1764, quando o Marquês de Pombal proibiu a admissão de noviços, desencadeou uma crise cujas consequências foram drásticas para a história da Ordem Franciscana no Brasil (MAGALHÃES, 2012, p. 153).

Diocese. Tendo solicitado e obtido para este fim as necessárias faculdades, como se vê na segunda folha deste documento, tomo a liberdade de pedir a V. Excia. Queira dispor do dito Convento e do terreno a ele pertinente em favor do patrimônio da Mitra. Beijando respeitosamente o anel de V. Excia. Revm. Humilde servo em Jesus Cristo. Frei Eduardo Herberhold – Min. Provincial (Transcrição da carta original obtida nos arquivos do Museu de Arte Sacra do Estado de Alagoas. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, FAU/UFAL).

Assim como a porção edificada do complexo, a cerca conventual passou a assumir novos usos, o que culminaria nos parcelamentos de sua área. Em 1923, edificaram no local o Pavilhão Firmo Lopes, onde se comemoravam as festas do orfanato. Em 1967, somou-se a este o prédio do Educandário São José, mantido até 2007 pela Sociedade Claretiana de Educação e Assistência, de Londrina (PR) (MAGALHÃES, 2012, p. 154).

As novas apropriações não pararam por aí. Com o objetivo de buscar preservar o monumento, houve a iniciativa de interação institucional entre o governo estadual, a Sociedade Nossa Senhora do Bom Conselho e a Arquidiocese de Maceió, que juntos buscaram estabelecer nova função ao complexo, bem como alavancar recursos para sua restauração e manutenção, “o que de fato se deu entre 1975 e 1987, através de parceria entre Sphan⁸⁹ e Governo do Estado de Alagoas”. Em 1984, o convento foi restaurado e inaugurado o Museu de Arte Sacra de Alagoas (MAGALHÃES, 2012, p. 154-155). Atualmente, este se mantém cambaleante, de maneira que neste ano de 2017, esteve fechado por um período, mas foi reaberto.

No que tange à cerca, ainda em 1984, foi aprovada pelo Iphan a transferência de posse de parte da área para a edificação da Escola Técnica de Artes e Ofícios, desde que esta se adequasse ao antigo complexo religioso no que diz respeito “à implantação, relação entre cheios e vazios das fachadas, dimensões, forma, disposição, declividade dos telhados, cor, materiais e, sobretudo, no que diz respeito à cobertura vegetal existente”⁹⁰. Então, em 1990 foi construída a Escola Técnica Federal de Alagoas (ETFAL), atual Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Marechal Deodoro (MAGALHÃES, 2012, p. 155).

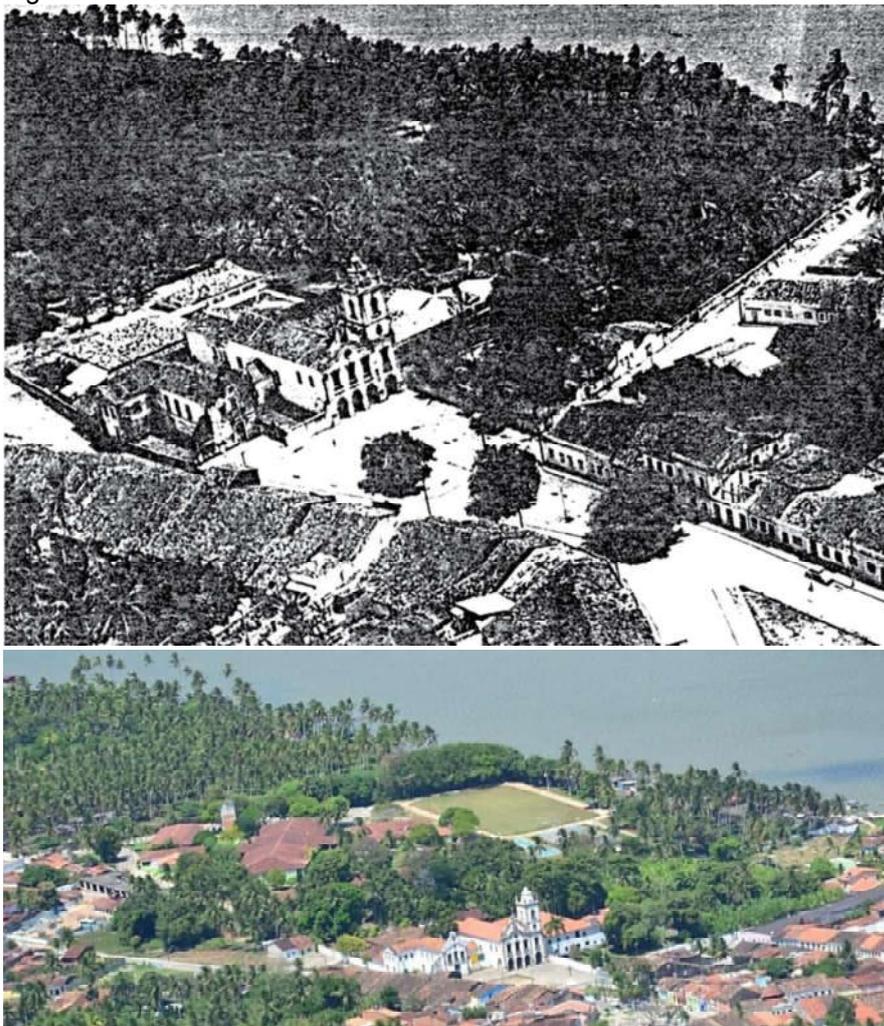
A ocupação de parte da cerca conventual foi justificada, na época, pela necessidade de revitalização da área e pelo perigo iminente de invasões coletivas. Não foi levado em consideração o fato de que o monumento tombado em nível federal incluía as edificações e também o seu sítio de implantação, conforme assumido por Augusto Silva Telles, diretor do DTC/SPHAN em 1983 (MAGALHÃES, 2012, p. 153-154).

⁸⁹ Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN.

⁹⁰ Dados extraídos de documentos do arquivo da Superintendência Regional do Iphan em Alagoas, em março de 2005 (apud MAGALHÃES, 2012, p. 155).

Esse processo de apropriação resultou em uma perda alarmante daquela que outrora correspondia a cerca conventual. Hoje, a área vegetada diminuiu muito, e a que ainda resiste se encontra abandonada. Separada da porção edificada por meio de muros de caráter recente, o local não faz parte do circuito de visitação do convento, que, como mencionado, funciona como museu.

Figura 117. Vistas aéreas da extensão da cerca conventual na década de 70 e em 2012.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Figura 118. Atuais limites da cerca conventual de Marechal Deodoro.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

2.5.2. A cerca do convento de Penedo⁹¹

À margem do importante Rio São Francisco, Penedo conserva um acervo arquitetônico expressivo, dentre os quais estão os antigos sobrados e edificações religiosas presentes no encantador centro histórico da cidade. Neste contexto, situa-se o cenóbio franciscano, erguido sob o padroado de Nossa Senhora dos Anjos.

⁹¹ Conforme já dito, esta parte do trabalho se beneficiou de estudos realizados pela autora enquanto aluna de iniciação científica, entre 2012 e 2014.

Figura 119. Imagem aérea do convento de Penedo e do seu entorno.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2011.

Com relação à fundação do convento, a aceitação relativa à petição do seu estabelecimento foi realizada em 1657, mas só em 1659 a congregação enviou os primeiros religiosos, os quais se acomodaram em “casa simples”, até a definição do novo espaço. Em 1660, os franciscanos escolheram a área onde se estabeleceriam e iniciaram a construção do recolhimento, que, mais tarde, daria origem ao atual cenóbio (JABOATÃO, 1861, p. 603; MERO, 1982, p. 21).

Já no Capitulo do Custodio Fr. Pantaleão Baptista de 26 de Agosto de 1657, se havia determinado fazer aceitação da caza, que pediaõ os Moradores da Villa do Penedo, sobre as margens do Rio de Saõ Francisco da parte de Pernambuco; e na congregação do ditto Custodio de 19 de Março de 1659, por assento consta se mandaraõ Religiozos para esse effeito, sendo hum delles Fr. Luiz da Vizitaçãoõ, nomeado ahi para Prelado do Recolhimento, e Oratorio, que se levantasse. Alli rezidiraõ estes Religiozos, sem dar principio ao tal Recolhimento athe que entrou por Provincial Fr. Antonio dos Martyres em 5 de Novembro do mesmo anno de 1659, o qual sahindo a vizita no seguinte anno de 1660, de Pernambuco chegou ao Penedo, e com a sua prezença se fez por elle a escolha do Sítio, e pela Camera a Escripura da data em 31 de Julho do sobredito anno de 1660, e deixando alli os mesmos Religiozos, que athe entaõ assistiaõ em huãs cazas commuas, se deo principio ao Recolhimento (JABOATÃO, 1861, p. 603).

Assim, “Nas praias do Rio S. Francisco no solo penedense plantou-se a arvore seraphica do Seraphim do Alverne no século XVII”, quando se iniciou a edificação do pequeno recolhimento para os filhos de Francisco, em 17 de setembro de 1660. Em abril de 1661, já estaria pronta sua igreja, onde se rezaria a primeira

missa (Livro das Crônicas de Penedo I⁹², 1903-1930, s/p). Utilizando as palavras de Jaboação:

Começou-se este [recolhimento no] dia das chagas do Serafico Padre, desasete de Setembro do mesmo anno [de 1660], e aos sette para oito mezes no de Abril do seguinte de 1661, estando já concluída huã Igrejinha, a qual se benzeo a dez do dito mez, que foi em Domingo de Ramos, nella se disse nesse dia a primeyra missa, e se fizeraõ todos os mais Officios Divinos da Semana Santa, com a solemnidade devida, e costumada; e na quinta e Sexta feira, esteve o Senhor Exposto, e se pregaraõ os Sermões do Mandato, e Descendimento, sendo Prelado primeyro deste Oratorio, Fr. Angelo do Nascimento, que se nomeou para elle na congregaçãõ de quatro de Dezembro de 1660 do sobredito Provincial primeyro Fr. Antonio dos Martyres. No seguinte anno de 1661, estando de todo acabado o Recolhimento se passaraõ da caza, que assistiaõ para elle os Religiozos a 29 de Novembro, véspera do Apostolo Santo André, e no dia de Paschoa do outro anno de 1662, estando já preparado na Igrejinha hum Sacrario, se collocou nelle o Santissimo (JABOATÃO, 1861, p. 603 – 604).

Depois de 20 anos, deu-se início ao novo convento, lançando-se a primeira pedra em 4 de outubro de 1682. Em 2 de fevereiro de 1689, finalizou-se as obras da capela mor, rezando-se nela a primeira missa, e em março de 1694 os religiosos passaram para os novos dormitórios. Mais tarde, “querendo-se formar no frontispicio da Igreja hum alpendre para melhor entrada”, o capitão mor Antonio Teixeira Barbosa e sua mulher Catharina Camello doaram 25 braças⁹³ de terra por escritura de 12 de novembro de 1716. As obras no complexo não cessaram por aí, de maneira que a época da escrita da crônica de Jaboação, as mesmas ainda não estavam todas prontas (JABOATÃO, 1861, p. 604).

Com relação à cerca conventual, não se encontrou informações nas crônicas de Jaboação, mas os manuscritos do convento de Penedo apontam que os muros do complexo franciscano foram edificados a partir de uma doação realizada em 1717, para este fim e para o aumento da casa seráfica: “O mesmo capitão-mor e sua mulher [Ant^o Teixeira Barbosa e D. Catharina Carmello] deram mais em 1717 vinte e cinco braças de terra buscando o lado do leste para acrescentamento dos muros e largueza da casa” (Livro das Crônicas de Penedo I, 1903-1930, s/p.).

Estes limites, no entanto, foram, cerca de 100 anos mais tarde, alterados: diante das demandas urbanas por espaço, a área da cerca foi sendo paulatinamente

⁹² Como já mencionado neste trabalho, os Livros das Crônicas de Penedo são de posse restrita dos frades. O acesso às mesmas só foi possível mediante longo período de contato do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem com a comunidade religiosa.

⁹³ Ou seja, em torno de 55 m de terreno.

reduzida. De acordo com as exigências legais contidas na resolução nº 2 do Tomo I das Leis Provinciais das Alagoas, de 1836, o poder público determinou:

Artigo 1º - **Fica reconhecida a utilidade do terreno compreendido na cerca dos religiosos franciscanos** da Villa do Penedo, exigido pela Câmara Municipal da mesma Villa e necessário **para a abertura de uma nova rua e edificação de prédios.**

Artigo 2º - Os mesmos religiosos franciscanos obrigados a vender o sobredito terreno, ou a particulares ou à mesma Câmara, na forma das leis existentes, ou conforme o contractado estipulado entre as partes.

Artigo 3º - Ficam revogadas todas as leis e disposições em contrário (MERO, 1982, p.31, grifo nosso).

Os recortes continuaram. O Livro das Crônicas de Penedo II expõe que, com a licença da Santa Sé, solicitada em 11 de agosto de 1894, foi vendida ao poder público uma porção significativa do terreno conventual. Esta, de acordo com o livro, foi cedida em detrimento da demanda por uma área de mercado (Livro das Crônicas de Penedo II, 1907-1920).

Essas informações possibilitaram pensar o desenho inicial do complexo e, conseqüentemente, de sua cerca. Ao observar o entorno do convento, identificou-se duas edificações voltadas à atividade: o Mercado Municipal de Penedo e o Mercado Municipal de Farinha (ou Pavilhão da Farinha). Então, atentando-se para a data de fundação dos prédios, 1895 e 1929, respectivamente, percebeu-se que, pela proximidade temporal, os documentos se referiam ao primeiro, uma vez que a solicitação feita à Santa Sé aconteceu em 1894.

Em campo, ao realizar o acompanhamento minucioso de todo o perímetro que delimita a atual área verde do complexo, observando-o internamente e externamente, encontrou-se marcas que confirmaram as proposições encontradas na literatura, bem como apresentaram novas informações.

Em síntese, o muro frontal e o muro lateral direito, que faz margem com a Avenida Nilo Peçanha, apresentam características antigas: ambos, bem encorpados, são constituídos por pedra e possuem acabamento chanfrado no topo. O que os distingue é que, o frontal exhibe, externamente, soco contínuo (elemento saliente na parte inferior do muro), e o lateral, internamente, contrafortes de sustentação. O trecho perpendicular à igreja apresenta a abertura que dá acesso direto à cerca.

Segundo o professor Virgolino Jorge, assíduo estudioso da arquitetura monástica, estas correspondem às porções mais antigas do perímetro⁹⁴.

Figura 120. Muro frontal e muro lateral direito, os mais antigos da cinta amuralhada.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

Já o muro lateral esquerdo, que margeia a Rua Sabino Romariz, apresenta características mais recentes, quando comparado aos anteriores: foi construído em tijolo batido, não apresenta o soco contínuo e o acabamento do topo se deu de maneira escalonada, fazendo-se uso de formas retas e de frisos. Trata-se claramente de distinta fase construtiva. No caso do muro posterior, a pedra aparece na porção inferior, enquanto que a porção superior apresenta-se em tijolo, o que provavelmente foi fruto da necessidade de acréscimos em resposta aos aterros realizados na cerca, no decorrer do tempo. Devido à carga suportada, por causa da altura da área em relação à cota de nível da rua, o muro cedeu em alguns trechos, o que também justifica os diferentes materiais encontrados no mesmo.

Figura 121. Muro lateral esquerdo, em tijolo batido; e muro posterior, em pedra e tijolo.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

⁹⁴ A investigação, realizada pela autora em conjunto com a orientadora e com outros integrantes do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, também contou com o olhar apurado do professor Virgolino Jorge. Este foi ao convento de Penedo em 2014 para analisar, junto com o Grupo, os achados arqueológicos lá encontrados, sobretudo porque áreas relativas à hidráulica do convento estavam à mostra.

No que tange ao rebatimento destas averiguações em relação às dimensões originais do terreno do cenóbio, constatou-se que: como o Mercado Municipal encontra-se na porção posterior, e posicionado à esquerda da atual área da cerca, é justificável que o muro lateral esquerdo tenha sido reconstruído (devido à redução do terreno). Com relação ao muro posterior, apesar deste se caracterizar como antigo, o mesmo não poderia corresponder ao limite original da área do convento, devido à localização do Mercado Municipal, que, como dito, fica mais ao fundo. Assim, conjectura-se que a presença deste muro estivesse vinculada à divisões/setorizações internas, relativas às atividades desenvolvidas na área.

Figura 122. Esquema apresentando os muros conventuais e a localização do Mercado Municipal.



Fonte: Interação da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

De 2014 para 2016, testemunhou-se mais uma grande perda da cerca de Penedo. Tratou-se de uma intervenção prevista no contexto de um projeto de restauração, autorizado pelo Iphan, que submeteu parte do terreno à implantação de um estacionamento com aproximadamente 35 vagas, voltado a atender o público externo e gerar renda para o convento. Com o estacionamento, estabeleceu-se também elementos suportes, tais como caminhos impermeabilizados, um novo muro

separando esta área daquela restrita aos frades, e um portão acessado a partir da Rua Sabino Romariz, para entrada e saída dos veículos. Na área privativa do convento, também construíram uma lavanderia, em estrutura solta do prédio, e, margeando a porção edificada, acrescentaram elementos de concreto destinados ao escoamento da água da chuva.

Figura 123. Implantação do estacionamento na área da cerca conventual de Penedo.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014.

Figura 124. Foto destacando o muro que divide a área do estacionamento da área restrita ao convento (A) e o elemento em concreto voltado ao escoamento da água da chuva (B); e foto da lavanderia em construção.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2014. Esquema da autora, 2017.

Antes da implantação do estacionamento, encetaram-se escavações arqueológicas na cerca conventual, trabalho que evidenciou importantes registros, sobretudo na área onde o mesmo se assentaria. Assim como na campanha de restauro do convento de Cairu /PE, encontrou-se ossos no atual perímetro da cerca. No caso de Penedo, não se tratavam de ossos humanos, mas de animais. Identificou-se também, dentre os achados da cerca penedense, a presença de piteiras e fragmentos de faiança.

Os elementos encontrados comunicam sobre possíveis atividades desempenhadas no ambiente: as piteiras, por exemplo, podem se referir a momentos de descontração vivenciados na área; os vestígios de animais confirmam a presença dos mesmos no complexo seráfico, seja enquanto bichos de estimação, enquanto protetores do convento, ou enquanto criação para a subsistência dos frades. Também há a possibilidade dos vestígios terem sido levados para lá junto com os aterros. Apesar de necessário, as investigações não tiveram continuidade, foram interrompidas para respeitar o cronograma e o orçamento da obra.

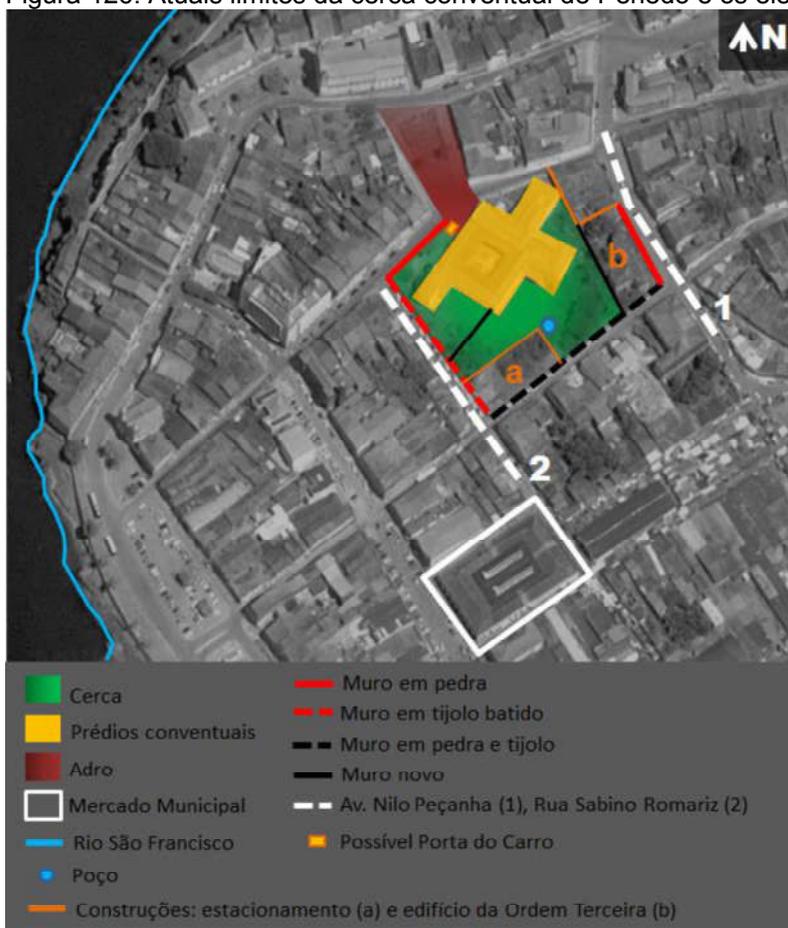
Figura 125. Escavações arqueológicas na cerca conventual de Penedo e amostras dos materiais encontrados.



Fonte: Fotos da autora, 2014; e fotos cedidas pela equipe de arqueologia, 2014.

Considerando que o terreno do Mercado Municipal fez, outrora, parte da cerca, constatou-se, ao final do estudo, uma alarmante perda de área, que não para de se intensificar. Agora, ao olhar para os demais conventos da Família Franciscana, percebe-se que se trata de uma realidade comum a muitas das cercas conventuais apresentadas, as quais vêm sendo, progressivamente, despojadas de sua porção verde.

Figura 126. Atuais limites da cerca conventual de Penedo e os elementos que a caracterizam.



Fonte: Intervenção da autora, 2017, sobre imagem aérea do Google Maps. Acesso em: mar. 2017.

Por causa dos recortes sofridos e das várias intervenções na cerca penedense, quase não se encontra mais os recursos naturais que a mesma doava. Em campo, no entanto, ainda foi possível constatar a presença de um poço tradicional. Sobre sua existência, Jorge e Silva observam:

Até à data em que a cidade de Penedo passou a dispor de uma rede pública de águas, a comunidade franciscana local era abastecida por água subterrânea, explorada directamente num poço tradicional escavado na cerca do convento, à distância de meia centena de metros, aproveitando as características do lençol freático a sudeste, no sopé das traseiras do casario. A profundidade do olho é de 6,80m, relativamente à altimetria actual do terreno, e a sua planta tem um desenho de perímetro circular, com 1,90 x 1,80m de lado. A superfície interna do poço está revestida, até à altura de 5,50 m, com uma pasta argilosa hidrófuga que a protege de fissuras e fracturas e evita a absorção da água. A parede terminal, que se eleva 1,30m e é formada por uma alvenaria de tijolos maciços, correspondia à boca da captação; hoje, tem o exterior soterrado (JORGE; SILVA, 2015, p. 417).

Com relação à vegetação, principal elemento caracterizador das cercas, quase não há mais plantação. No entanto, de acordo com os manuscritos, o espaço apresentava, outrora, uma massa verde generosa: “No nosso jardim levantou muitas árvores fructeiras”, “no jardim plantaram 5 mangueiras” (Livro das Crônicas do Penedo I, 1903-1930, s/p), “por sua iniciativa foram plantadas muitas fruteiras no

quintal que agora já estão produzindo frutas” (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p), “foram plantadas no quintal do convento mais de vinte pés de videiras e construiu nova [I.T.] de madeira dura para sustentar os ramos e uvas” (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).

Faz-se importante enfatizar aqui a preocupação dos frades em também registrar no Livro das Crônicas, ao lado dos relatos sobre as doações de terra, as atividades pastorais e as reformas realizadas na casa, as mudanças ocorridas na cerca (ora denominada jardim, ora quintal). Além dos relatos sobre a plantação das fruteiras, a obra também evidencia o desagrado do cronista quando, em 1917, os funcionários do Telégrafo Nacional cortaram algumas delas da cerca seráfica:

Durante o mesmo [novembro de 1917] sem previo aviso foram cortadas umas fruteiras no nosso jardim pelos empregados do Telegrapho Nacional, nem dando a mais ligeira satisfação disto ao superior, entrando no convento no jardim, collocando escadas no muro, devido às circunstâncias actuais não aconselho [I.T.] perante a repartição pública, visto os empregados responderem ser esta a ordem dada, quando o Rev. Pe. Superior pediu aos encarregados uma explicação informante. Collocaram-se diversos postes telegráficos. (Livro das Crônicas do Penedo II, 1907-1920, s/p).

Claro que esses relatos se referem a um recorte temporal, que compreende o período de 1903 a 1930, época na qual os livros foram escritos pelos frades então residentes⁹⁵. No entanto, se considerarmos que eram os próprios franciscanos que escolhiam o local onde o convento seria edificado, percebe-se a preocupação dos mesmos com a presença da natureza nas envolvências e ambiências dos cenóbios antes mesmo da implantação.

2.6. Características gerais das 15 cercas franciscanas do Nordeste

Ao recuperar mais uma vez as afirmativas de Bazin, de que há uma verdadeira escola de construtores da Ordem Franciscana e que as edificações nordestinas do Brasil apresentam similitudes que podem agrupá-las em uma família (1983, p. 137), imergiu-se na ideia de que as cercas destas casas também poderiam apresentar uma coerência conformativa e uma mesma lógica de apropriação. Esta possibilidade instigou a intensa investigação empreendida em campo e em fontes documentais e imagéticas explicitadas no capítulo anterior. Estas permitiram, agora,

⁹⁵ “O livro de crônicas, também chamado Livro dos Guardiões, era escrito em geral pelos frades residentes no convento. Como na época em questão o convento penedense era habitado por religiosos alemães, eles são os responsáveis pelo registro de boa parte da história da casa conventual alagoana” (SANTIAGO, 2012, p. 23).

retomando as informações alcançadas, buscar um desenho conjectural dessas cercas originalmente; bem como, a partir destes produtos, levantar conclusões sobre as mesmas. Trata-se de 15 cercas franciscanas, das quais se conseguiu dados que admitem pensar as primitivas conformações de 13 delas (com exceção do convento de Paudalho/PE e do hospício de Salvador/BA).

Os infográficos produzidos, e alocados no fim deste capítulo, evidenciam que as cercas conventuais estudadas correspondiam a **terrenos muito extensos**, apresentando-se bem maiores que aqueles ocupados pelos prédios edificadas (100% dos 13 casos que se conseguiu dimensionar/conjecturar) (ver figuras 128, 129 e 130).

Quanto ao **formato**, não se identificou um desenho geográfico exato, mas sim uma lógica conformativa. Os longos terrenos seguiam apossando-se das características topográficas de cada sítio, aproveitando os seus recursos naturais, tão sabiamente utilizados. Assim, estes terrenos geralmente seguiam, em declive, até o encontro com algum curso d'água (rio/lagoa/mar) (69%) ou avizinhavam-se deles (31%) (ver Tabela 2). Em detrimento desta organicidade, as imagens produzidas expõem que as cercas apresentavam uma coerência espacial. Elas ocupavam, como em um abraço, a porção posterior e as duas laterais dos prédios conventuais (61%); ou a porção posterior e pelo menos uma de suas laterais (31%). Somente o convento de Recife apresentou vegetação apenas na porção posterior. Vale colocar, no entanto, que, neste caso, o local onde a casa seráfica foi implantada correspondia a importante área de porto, bastante visada e logo cedo ocupada.

Tal disposição permite elucubrar um papel desempenhado pelas cercas: a de proteção. Recuperando, aqui, a percepção obtida a partir das janelas conventuais, onde algumas delas se situam altas, parecendo mesmo pontos de observação do exterior, caso das aberturas das torres sineiras⁹⁶; outras, vale-se colocar que a grande maioria, parecem receptáculos da natureza presente na cerca. Muitas aberturas são tomadas pelo verde completamente. Diante desta característica, pode-se levantar dois pontos: a área verde do convento se inter-relaciona com sua

⁹⁶ As torres sineiras, “a exemplo das torres de vigia das antigas fortificações medievais, é constituída de aberturas pelas quais se vê todo o entorno” (MAGALHÃES, 2005, p. 27).

porção construída, como já explicitado anteriormente; bem como pode resguardar a casa conventual, já que a parte residencial edificada apresenta-se/apresentava-se rodeada por natureza – “proteção” que pode ser compreendida enquanto indispensável, diante da proximidade destes conventos com os núcleos urbanos.

Sabe-se que os franciscanos, por um lado, necessitavam da clausura, do momento de recolhimento, tanto que edificaram conventos; mas, por outro, almejavam também a proximidade com as vilas e cidades nas quais se estabeleceram, “característica própria dos religiosos franciscanos, condicionada pela sua proposta de não se isolar do povo e, permanentemente, desenvolver um trabalho missionário junto a ele” (MAGALHÃES, 2005, p. 28).

Também responsável por esta proteção e pela definição do desenho que as cercas tomavam, estavam os encorpados **muros** de pedra e cal. As fontes primárias mencionam a sua presença ao tratar de 10 dos conventos estudados, inclusive ao falar do hospício de Salvador, o que destaca a importância do elemento estrutural, bem como da cerca de uma maneira geral. Isto, compreendendo que o hospício corresponde a um pequeno convento, que poderia, por este motivo, apresentar menos elementos quando comparados aos demais.

As fontes omitiram apenas os muros dos conventos de Recife, Sirinhaém, Cairu e São Cristóvão, no entanto, em campo, encontrou-se os mesmos murados, apresentando, inclusive, trechos de características antigas (ainda que em uma porção reduzida, como no caso de São Cristóvão). Dentre estes, apenas o convento de Recife não traz esta delimitação, já que não possui mais a área de cerca. Desta maneira, comprovadamente, pelo menos 92% dos complexos franciscanos apresentavam-se demarcados por muros. Apesar de não ter sido encontrado vestígio material que confirme a existência da cinta amuralhada na casa recifense, cujos arredores se encontram totalmente adensados, identificou-se na cartografia holandesa os limites bem definidos de sua área, os quais, muito provavelmente, deveriam ser também amuralhados.

Sobre a porta do carro, além de aferir a sua existência, foi possível comprovar seus vários usos. Ao abordar a casa de Igarassu, Jaboatão deixa bem claro as distintas funções que cada uma delas desempenhava. Havia a porta frontal, que

conduzia as esmolas dos arredores; a porta presente no muro que descia para o rio, que recebia as lenhas oriundas dos mangues para serem utilizadas na cozinha, como uma porta de serviço; e a porta do carro que ficava às margens do curso d'água, dando acesso ao porto. Ao tratar da casa de Marechal Deodoro, o cronista também fala da porta do carro junto à praia (Lagoa Manguaba), associando-a ao porto dos frades. Neste sentido, a disposição do elemento estava, de fato, agregada à organização espacial das cercas (setorização, estabelecimento de caminhos, dentre outros), que, por sua vez, vinculava-se a lógica espacial do edifício religioso (como fica claro quando o cronista cita a cozinha), e às características físicas e naturais do local de implantação.

In situ, constatou-se recorrentemente a presença de aberturas no perímetro da cerca, no entanto, nem sempre foi possível identificar se as mesmas correspondiam às primitivas portas do carro. Mas, pode-se falar com mais segurança da antiguidade das que foram localizadas em Sirinhaém, São Francisco de Paraguaçu, Cairu e Penedo, o que já garante a presença das mesmas em quase metade dos casos (46%). Cabe colocar, entretanto, que esta porcentagem certamente era muito maior, uma vez que as aberturas estabeleciam relações com as atividades realizadas na casa religiosa, mas foram desaparecendo junto com os antigos muros, principalmente por causa dos recortes sofridos pelas cercas.

Ainda sobre as portas do carro, faz-se interessante refletir sobre seus significados. Ao mesmo tempo em que os muros fecham, resguardam o convento em clausura, reforçando a individualidade e a intimidade do espaço, as portas são meios que flexibilizam, que ditam a possibilidade de entrada e saída, de trocas com a cidade. Recordando Xavier, “É na Porta do Carro, porta de serviço principal, que se manifesta a importância da transição do que é exterior para o que é interior, do domínio do profano pro domínio do sagrado” (2004, p. 54). Como se viu em Jaboação, as portas possibilitavam a passagem de carros de boi e bestas, das esmolas e de materiais diversos, de fora para dentro. Estas, provavelmente, também deveriam permitir o movimento contrário, como a saída dos excedentes produzidos na cerca, a partir das plantações e criações nelas estabelecidas.

A partir das crônicas de Jaboação também foi possível comprovar a importante função das cercas conventuais enquanto provedoras **do sustento**. Neste

sentido, a cerca é **alimento**. Ao tratar deste espaço, Jaboatão menciona claramente a existência de horta, como se vê nos relatos sobre o convento de Ipojuca e o convento de São Francisco de Paraguaçu. Relembremos:

[Ipojuca/PE:] pela parte de cima corre por huã **levada**, que se abrio, **outra agoa** encaminhada e trazida da parte de fora de huã pouca, que nasce ao pé do monte da Povoação da parte do Poente, com a qual se **rega a horta** (JABOATÃO, 1861, p. 481, grifo nosso).

[São Francisco de Paraguaçu/BA:] Hoje apenas vem alguã [água], e pouco limpa por hum **rêgo**, que se fez pela terra, e só serve para o **cultivo da horta** (JABOATÃO, 1859, p. 541-542, grifo nosso).

Acompanhando as supracitadas menções, encontra-se também o apontamento a respeito da imprescindível presença de **água**, de maneira que a organização espacial da cerca, como a definição do local de plantação, por exemplo, estava vinculada às características hídricas do espaço, já que, onde há plantação, há rega. Além dos fins agrícolas, as crônicas reafirmaram que os mananciais eram essenciais por diversos motivos. Nos seus relatos, Jaboatão se preocupa em distinguir a função de cada fonte por ele assinalada, a que era própria para os afazeres da casa, para a ingestão e para o banho.

Dentre as estruturas relacionadas à água, o cronista expõe a presença de **poço, casa do poço, cisterna, fonte de água e lavatório**. Os poços foram apontados nas cercas dos conventos de Olinda e São Francisco de Paraguaçu, e a casa do poço, no convento de Ipojuca, esclarecendo a serventia dos mesmos para os diversos afazeres domésticos. Em campo, conseguiu-se constatar mais seis poços de características antigas, um destes também no convento de São Francisco de Paraguaçu, contabilizando, no total, oito recorrências (62%). As fontes de água foram sinalizadas nas cercas do convento de Salvador, provida de aqueduto, e na do convento de João Pessoa, esta última ainda presente nos limites da cerca. *In situ*, encontrou-se ainda um exemplar no convento de Olinda (que pode corresponder ao poço mencionado por Jaboatão), contabilizando três exemplares (23%).

Como fonte de água potável, o cronista cita a implantação de uma cisterna ainda existente no convento de Olinda e uma fonte em São Francisco de Paraguaçu, localizada extramuros, mas próxima ao complexo, que também permanece no sítio. *In loco*, encontrou-se uma fonte de água potável em São Cristóvão, atualmente fora do limite da cerca. Para banho, Jaboatão menciona as boas águas do Rio Ipojuca e

a existência de um lavatório, em Igarassu. Com esta mesma finalidade, presenciou-se, no convento de Cairu, o “tanque dos frades” (hoje voltado para o uso público).

Vale pontuar também a importância dos cursos d’água navegáveis, uma vez que estes se configuravam como a principal forma de locomoção. Neste sentido, as cercas que iam ao encontro deles eram providas de **cais** e/ou **porto**, como expõe o cronista ao tratar dos conventos de Igarassu, São Francisco de Paraguaçu e Marechal Deodoro (100% dos conventos apresentam curso d’água navegável vinculado à cerca ou próximo ao complexo).

Além da vegetação e da água, a cerca provia o convento de outros **elementos naturais**. Ao tratar do cenóbio paraibano, por exemplo, o cronista deixa claro que o espaço era rico em madeira e em diversos tipos de pedra, fornecendo lenha e material de construção. Tais necessidades são extremamente condizentes com o caráter de despojamento da Ordem, que certamente almejava a suficiência de uma vida simples, suprida pela natureza. Diante de todos esses elementos, não é de se estranhar que as cercas conventuais tivessem as grandes dimensões constatadas.

Vinculada à mística envolta na figura de São Francisco e no seu apego ao mundo natural, é certo afirmar que a área traz, de fato, a presença do verde para o interior do convento. No entanto, as fontes primárias não tratam do tema, afirmando aspectos bem práticos vinculados à vida religiosa. Porém, no que tange ao caráter sacro do espaço, Jaboação acaba por confirmar este uso, ao tratar da cerca do convento de Salvador, quando menciona a antiga existência de uma capelinha localizada dentro da cerca seráfica, para onde os religiosos seguiam em procissão para nela rezarem missa.

Hoje, a capela não existe mais, no entanto, em campo, constatou-se a presença de um memorial aos mortos, ou seja, o espaço ainda guarda características sacras. Foi possível identificar inclusive, em vários outros conventos, porções da cerca que se voltam ao recolhimento espiritual e ao contato mais íntimo do frade com a natureza, a partir de áreas de permanência criadas entre a vegetação. Estas se apresentam geralmente ajardinadas e mais próximas do edifício, como se viu no convento de Olinda e Salvador.

Por outro lado, encontrou-se, durante pesquisas no Arquivo da Província de Santo Antônio, uma fotografia retratando religiosos jogando vôlei na cerca conventual. E também se descobriu traves de futebol na área vegetada do convento de Olinda (assim como se viu no convento franciscano do Varatojo, em Portugal), comprovando a realização de jogos na mesma, o que nos permite estabelecer algumas associações. Tais achados aceitam pensar na área de natureza como local de “divertimento”. Claro que os registros correspondem a um recorte temporal mais recente, provocando o questionamento a respeito da prática em tempos mais remotos. Porém, este possível uso pode avançar pelo menos até os anos de 1950 ou 1960, data provável da imagem encontrada no arquivo acima citado.

Figura 127. Frades franciscanos jogando voleibol em área de cerca de convento não identificado (século XX).



Fonte: Acervo do Departamento de Patrimônio Histórico da Província de Santo Antônio.

Figura 128. Trave de futebol presente na cerca conventual de Olinda.



Fonte: Foto da autora, 2016.

A palavra “divertimento” comparece várias vezes no texto de Jaboatão – utilizada para descrever, por exemplo, as belas paisagens vislumbradas das janelas

do convento de Recife; a vista para o rio a partir da varanda do convento de São Francisco de Paraguaçu; ou quando o mesmo menciona o deleite de um banho de rio em Ipojuca, dentre outras. Para buscar o sentido do termo mais próximo ao contexto contemporâneo do cronista, consultou-se o Vocabulário de Rafael Bluteau (1712-1728), o qual define a expressão “divertir” como a “desaplicação do pensamento, nas matérias que nos houveram de ocupar”. Vale acrescentar que, como afirma Dias, que além de estudioso das instituições religiosas, é monge da Ordem de São Bento, como já se mencionou, os momentos de distração dentro de um mosteiro ou convento tem caráter necessário. Este autor chega a falar em “compensação psicológica” (s/d, p. 2):

É claro que o religioso não vive só de mística, tal como o homem não vive só de pão. Seres compostos de alma e corpo, de matéria e de espírito, os religiosos tinham e têm necessidade de articular, na simbiose do seu viver, o humano e o divino, o material e o espiritual. Daí a preocupação de criar, quase em sistema de **compensação psicológica**, adentro dos muros da clausura, nas cercas das casas onde vivem, espaços de cultivo, de recreação, de devoção, onde os monges se sintam resguardados e realizados. O desejo de um **espaço de lazer** não é exclusivo dos monges e religiosos, pois tal ideia é comum a famílias nas suas casas particulares, a vilas e cidades em logradouros públicos (DIAS, s/d, p. 2).

Por outro ângulo, a presença desses espaços de jogos também traz distinta perspectiva. De acordo com depoimentos de frades idosos, residentes nos conventos estudados, era de fato comum e obrigatório realizar atividades esportivas, como futebol e voleibol, na área da cerca – não só no convento de Olinda, mas nas casas seráficas como um todo. No entanto, o objetivo não era o divertimento em si, tratando-se também de um momento de avaliação.

“Bom, geralmente era nas quintas-feiras à tarde, era feriado e era obrigação” (Frei Cassimiro, Convento de Salvador/BA, dez. 2016).

“Tinha, tinha campo de futebol. A gente era obrigado a jogar... Era obrigado os noviços, os postulantes, e os frades, depois de ordenação ser um dia na semana, a gente tinha nas quintas-feira para jo... nas sextas-feira para jogar futebol e era obrigado a todos participar, que era uma maneira da gente ver as reações! [...] Era pra você tirar tudo que você tinha pra fora. [...] Então era uma maneira também de você poder explodir! Que você tá estudando filosofia e teologia. Você só tá concentrado, concentrado, concentrado. [...] Quem é você na verdade lá fora?” (Frei Hilton, Convento de Cairu/BA, dez. 2016).

Com relação à organização do espaço, o estudo de campo revelou que, quanto mais próxima do prédio, menos densa ou, em outras palavras, mais domesticada é a natureza (100% dos casos) e, quanto mais distante, mais selvagem. Realidade constatada hoje, mas possivelmente característica de outrora. Nas duas vezes em que se presenciou o relógio de sol na cerca conventual, casos de Olinda e João Pessoa, ele estava nos arredores do prédio (embora não se saiba

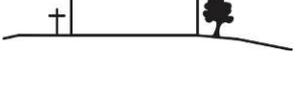
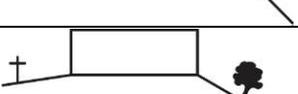
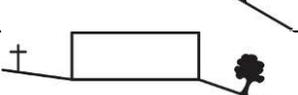
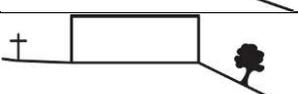
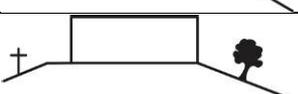
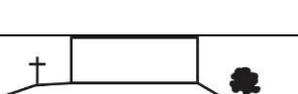
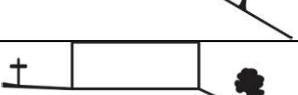
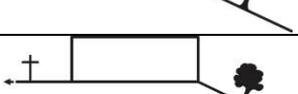
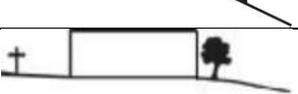
se era esta a sua localização inicial), o que sugere que a área era livre de sombreamento, ou seja, desprovida de árvores. Isto, pois estes relógios são formados por uma superfície plana, onde consta uma espécie de pino, cuja sombra projetada sobre o mostrador funciona como um ponteiro de horas, precisando, por isto, estar em contato com a luz solar.

Não se encontrou menção sobre essa característica nos documentos escritos, mas é plausível que os arredores da edificação fossem constituídos pensando na facilidade de locomoção, por motivos práticos. Sobre os descampados para jogos, estes parecem ocupar área intermediária, entre o jardim e a mata, como observado na disposição da trave de futebol encontrada no estudo de campo em Olinda, tal como no convento de Varatojo, Torres Vedras, Portugal.

Diante dessa tentativa de juntar as peças, buscando alcançar aspectos que caracterizem o espaço de cerca, conseguiu-se ver na terra e na água, vinculadas à mesma, a possibilidade de vida nos complexos. Ambas estão diretamente relacionadas com a provisão do alimento físico e espiritual, bem como com aspectos práticos ligados a funcionalidade da casa seráfica.

Apesar de toda a importância aqui discutida, constatou-se, a partir do estudo realizado e das imagens produzidas, que as cercas vêm sofrendo progressivas e drásticas subtrações. A grande maioria perdeu mais da metade do seu terreno (70%). Algumas delas, no entanto, ainda conseguiram manter dimensões consideráveis – isto, pois se tratavam de áreas originalmente muito extensas (30%). Por outro lado, no caso de algumas delas, pode-se mesmo falar em uma verdadeira tendência ao desaparecimento (30%), como já ocorreu com a cerca de Recife e do hospício de Salvador, praticamente desaparecida. Trata-se, nomeadamente, das cercas dos conventos de Salvador, São Cristóvão, Penedo e Marechal Deodoro (ver figuras 131, 132 e 133).

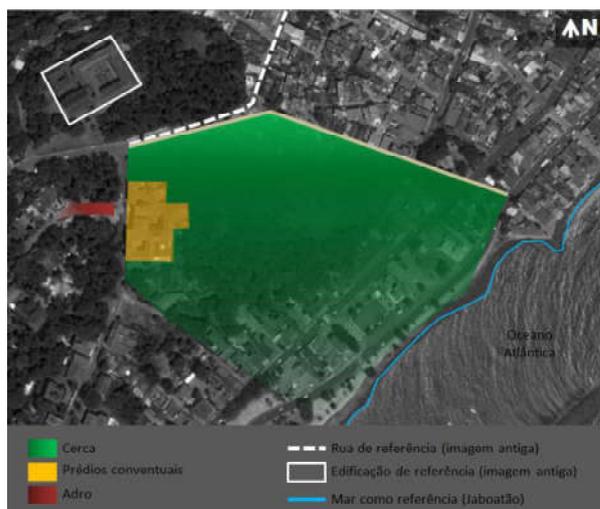
Tabela 2. Síntese dos cursos d'água e implantação topográfica dos conventos franciscanos do Nordeste.

	Cidades	Denominação convento	Cursos d'água próximos	Implantação topográfica	Terreno
Pernambuco	Olinda	Nossa Senhora das Neves	Oceano Atlântico		Em declive
	Igarassu	Santo Antônio	Rio Igarassu		Em declive
	Recife	Santo Antônio	Oceano Atlântico e Rio Capibaribe		Em leve declive
	Ipojuca	Santo Antônio	Rio Ipojuca		Em declive
	Sirinhaém	São Francisco	Rio Sirinhaém		Em declive
	Paudalho	São Francisco	Riacho não identificado		Em declive
Bahia	Salvador	Santo Antônio	Oceano Atlântico		Em declive
	São Francisco do Conde	Santo Antônio	Baía de todos os Santos		Em declive
	São Franciscano de Paraguaçu	Santo Antônio	Baía do Iguape, no Rio Paraguaçu		Em declive
	Cairu	Santo Antônio	Canais e braços do mar		Em declive
Paraíba	João Pessoa	Santo Antônio	Rio Paraíba do Norte		Em declive
Sergipe	São Cristóvão	Bom Jesus	Rio Paramopama		Em declive
Alagoas	Marechal Deodoro	Santa Maria Madalena	Lagoa Manguaba		Em leve declive
	Penedo	Nossa Senhora dos Anjos	Rio São Francisco		Em declive

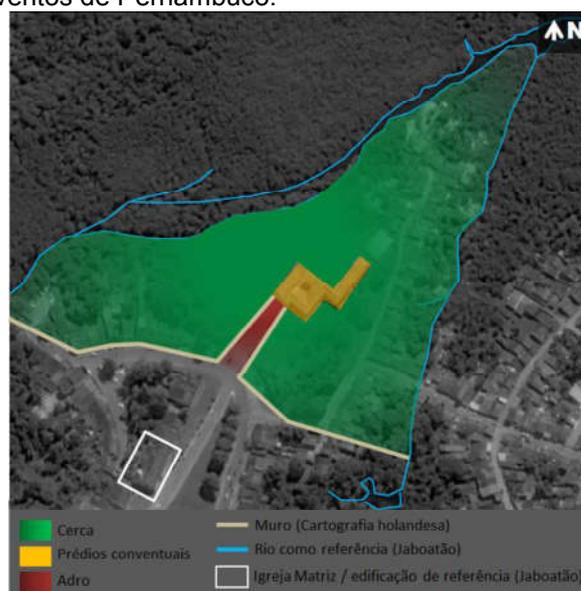
Fonte: Croquis por Érica Aprígio, 2012*. Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem. Tabela produzida pela autora, 2016.

*Com exceção do croqui referente à Marechal Deodoro, que foi adaptado pela autora deste trabalho, mediante novas observações em campo.

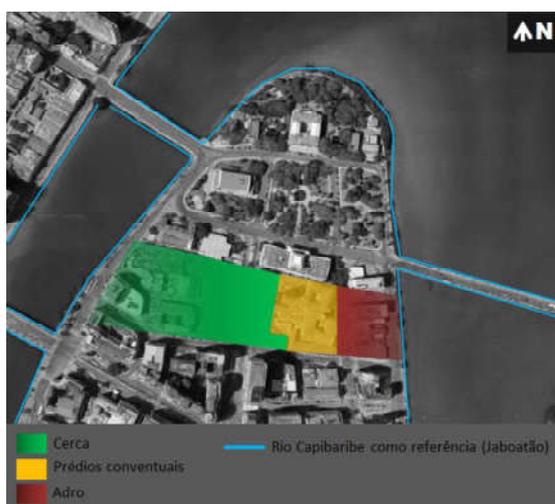
Figura 129. Esquema das primitivas cercas dos conventos de Pernambuco.



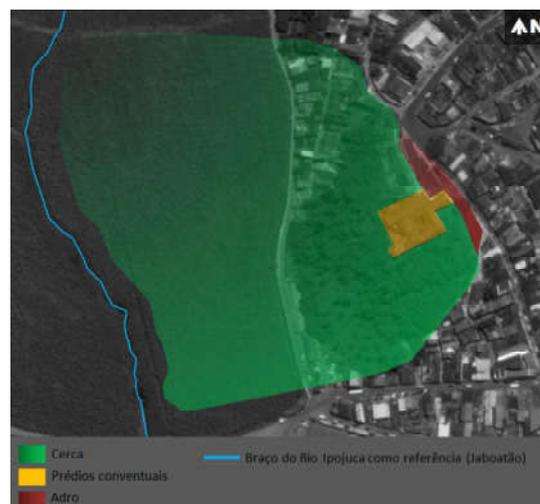
Convento de Nossa Senhora das Neves – Olinda



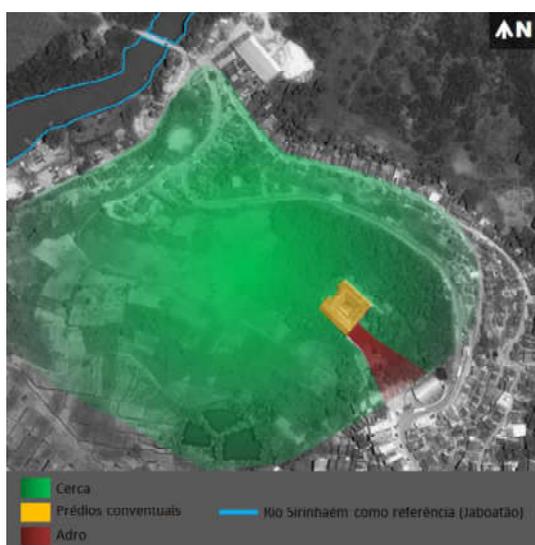
Convento de Santo Antônio - Igarassu



Convento de Santo Antônio - Recife

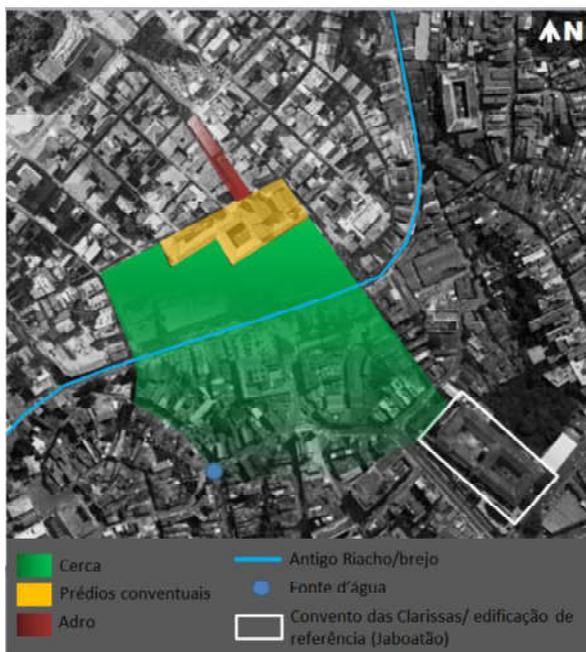


Convento de Santo Antônio - Ipojuca



Convento de Santo Antônio - Sirinhaém

Figura 130. Esquema das primitivas cercas dos conventos da Bahia.



Convento de São Francisco – Salvador



Convento de Santo Antônio – São Francisco do Conde



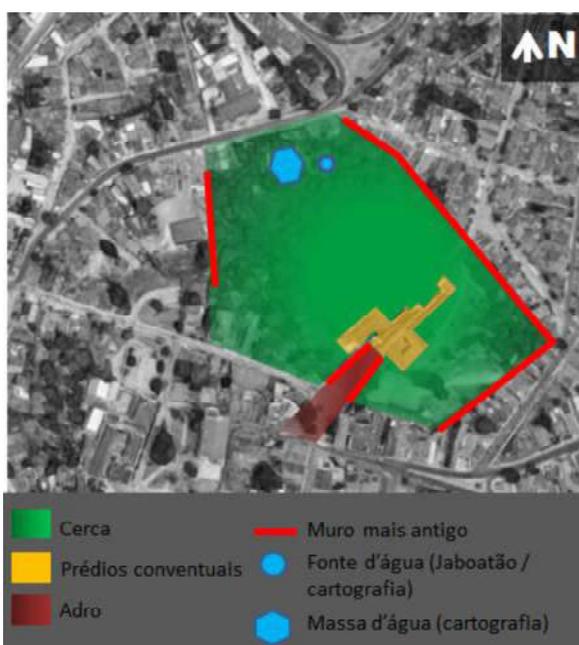
Convento de Santo Antônio – São Francisco de Paraguaçu



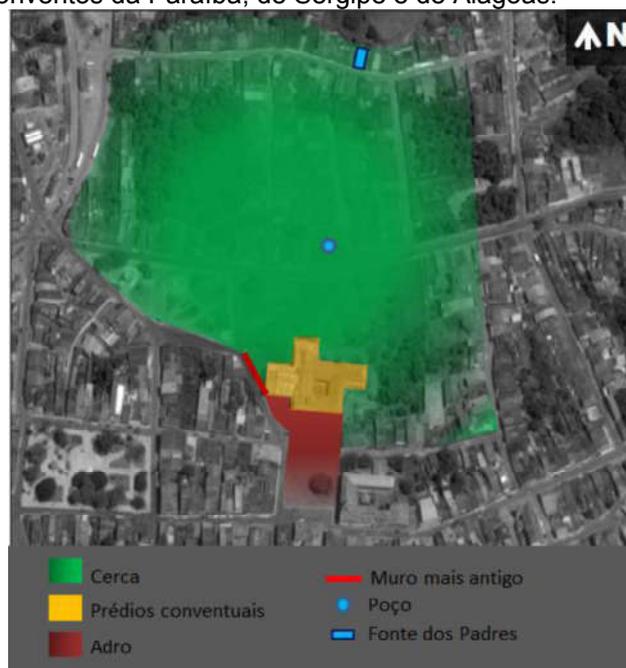
Convento de Santo Antônio - Cairu

Fonte: Produzido pela autora, 2017.

Figura 131. Esquema das primitivas cercas dos conventos da Paraíba, de Sergipe e de Alagoas.



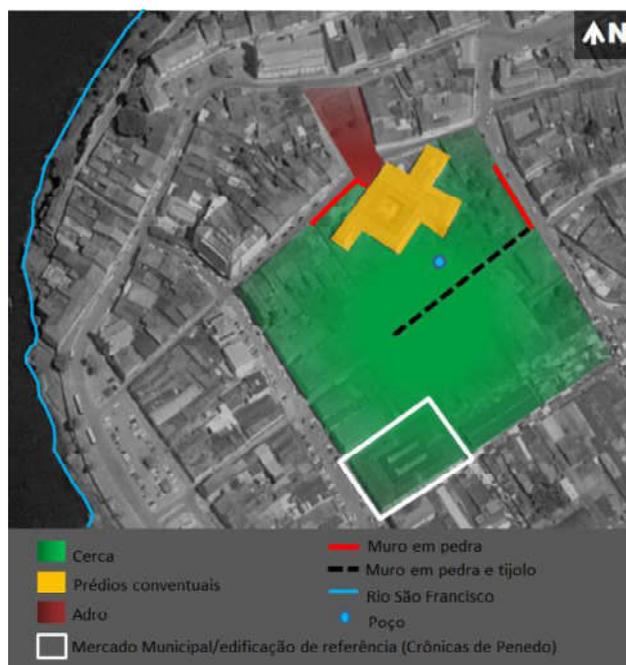
Convento de Santo Antônio – João Pessoa/PA



Convento de Bom Jesus – São Cristóvão/SE



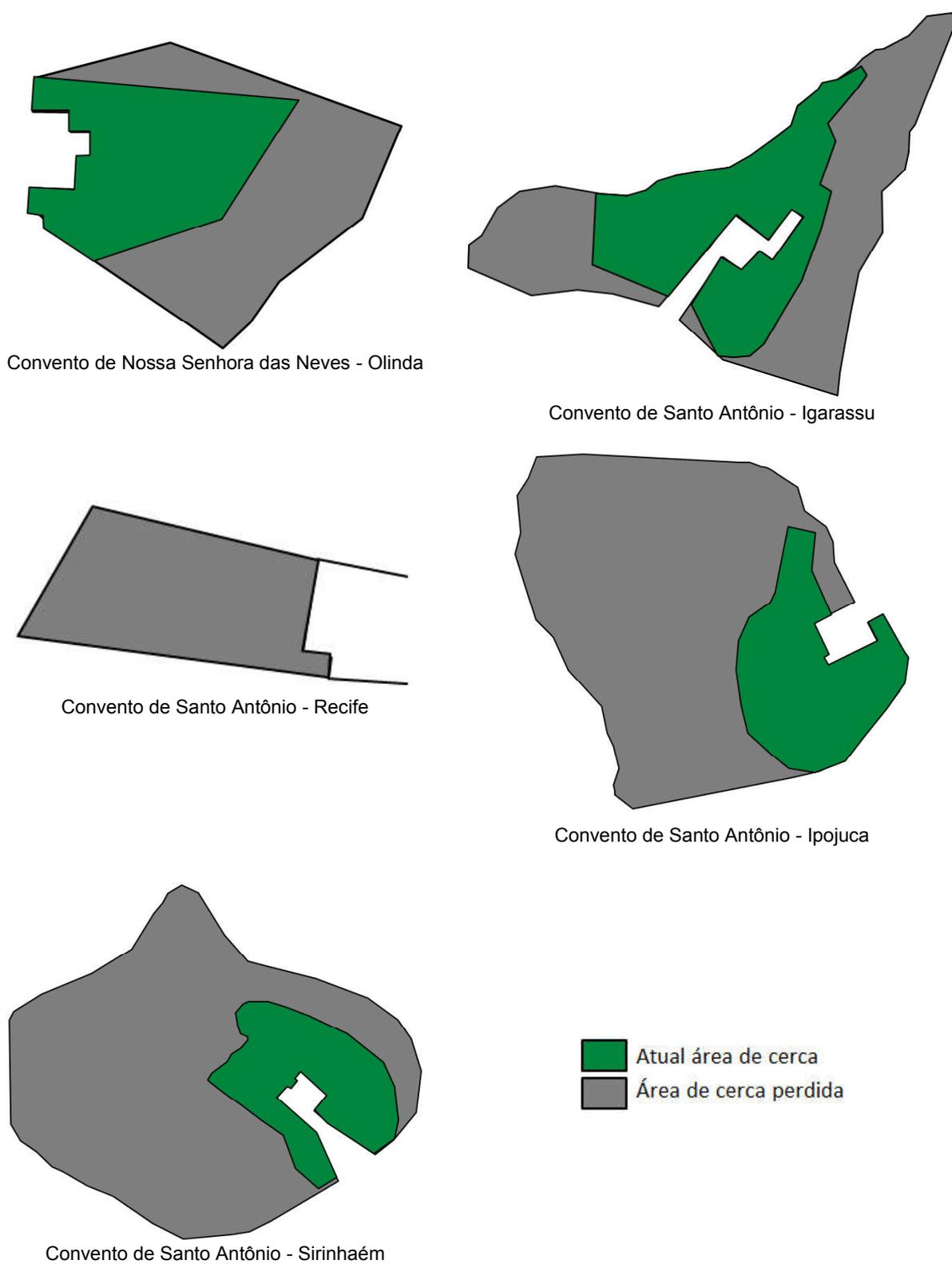
Convento de Santa Maria Madalena – Marechal Deodoro/AL



Convento de Nossa Senhora dos Anjos – Penedo/AL

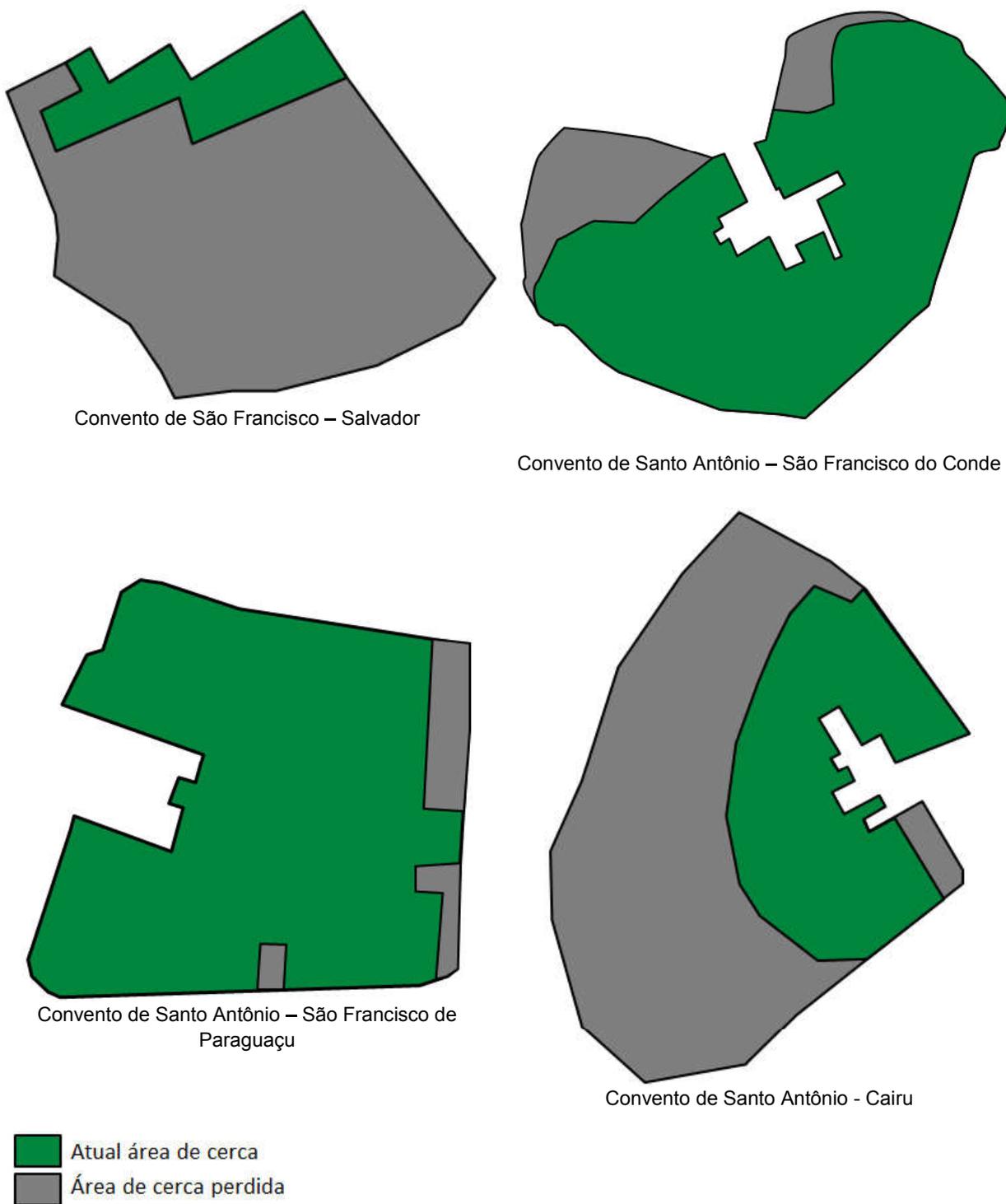
Fonte: Produzido pela autora, 2017.

Figura 132. Estudo de massa das cercas dos conventos de Pernambuco.



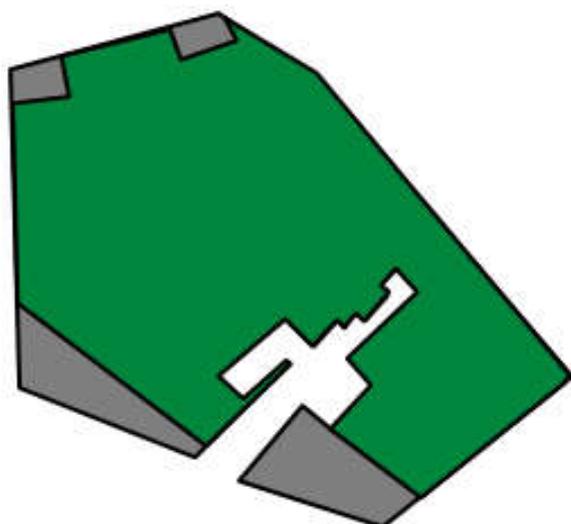
Fonte: Produzido pela autora, 2017.

Figura 133. Estudo de massa das cercas dos conventos da Bahia.

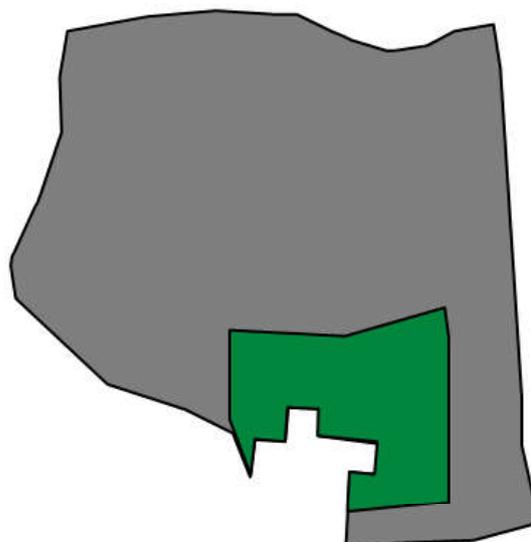


Fonte: Produzido pela autora, 2017.

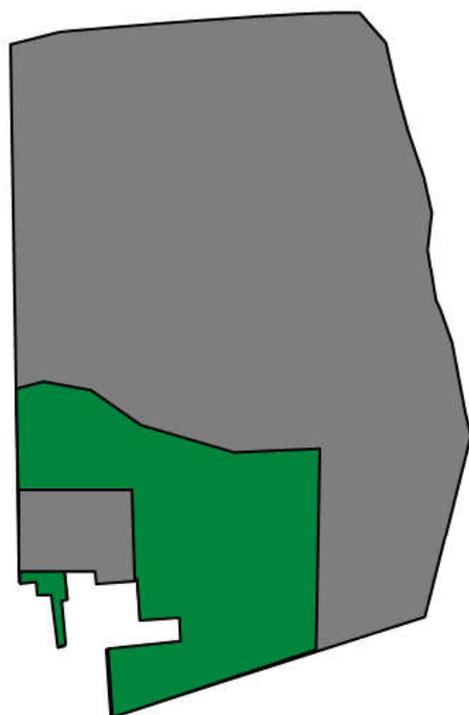
Figura 134. Estudo de massa das cercas dos conventos da Paraíba, de Sergipe e de Alagoas.



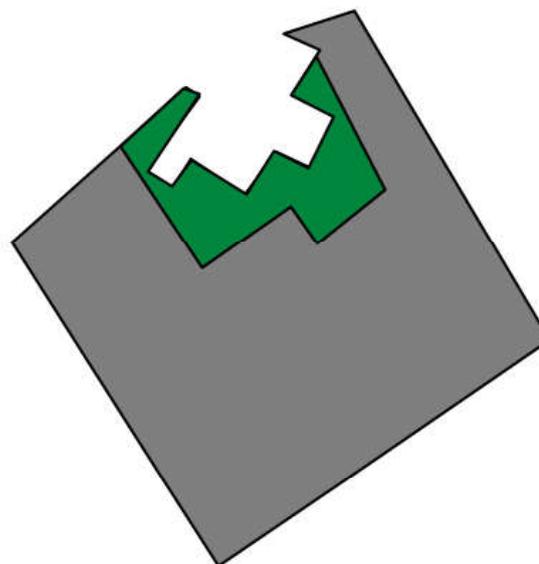
Convento de Santo Antônio – João Pessoa/PA



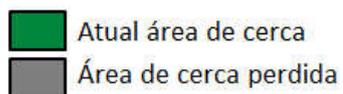
Convento de Bom Jesus – São Cristóvão/SE



Convento de Santa Maria Madalena – Marechal
Deodoro/AL



Convento de Nossa Senhora dos Anjos –
Penedo/AL



Fonte: Produzido pela autora, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo este trabalho se debruçou em buscar caracterizar as cercas dos conventos da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. Vários aspectos foram levantados e explicitados no decorrer deste estudo, expondo o caráter imprescindível da área para o estabelecimento da vida conventual, tanto no sentido mais prático, quanto no mais elevado espiritualmente.

No entanto, em detrimento da sua importância, faz-se necessário grande esforço para acessar cada uma dessas características, mediante a generalizada situação de abandono desses espaços. Enfatiza-se aqui a importância da metodologia utilizada. Constatou-se novamente a validade de trabalhar com as **fontes primárias**, as quais trouxeram contribuições valiosas para o estudo, apresentando elementos de cerca hoje inexistentes; com o **imagético**, através de iconografias antigas e atuais, bem como com a produção de infográficos, que ajudaram a tornar palpáveis aspectos, por vezes, encobertos; e, por fim, com as **averiguações *in loco***, a partir das quais se descobriu diversos dados omitidos pela bibliografia. Sair em itinerância também nos levou até as pessoas, fez-nos refletir a partir do que elas diziam, aprender com elas e com suas vivências. O campo proporciona estes diversos encontros, que alimentam o trabalho e alma.

Voltando as cercas, a mencionada circunstância de abandono na qual estas se encontram vem apagando importantes elementos que falavam sobre os significados do espaço, sobre suas particularidades, sobre sua essência. É por este ângulo que usamos a expressão “patrimônio invisível” no título desta dissertação. As cercas não estão sendo vistas enquanto área significativa, muito embora fossem essenciais para o estabelecimento dos conventos. Este silenciamento vem ocorrendo, sobretudo, com a redução de suas áreas – subtrações certamente vinculadas ao fato de a grande maioria das cercas nordestinas se localizarem no centro de suas cidades, em áreas urbanas já bastante adensadas. Nestes casos, a especulação imobiliária ganha maior força, uma vez que as cercas encontram-se sem uso. Hoje, quase não há mais frades e, nas casas onde ainda o há, o número é bastante reduzido, o que inviabiliza a tarefa árdua de plantio e manutenção. O sustento não advém mais da cerca conventual – algumas vezes, é apenas complementada por ela. Os rituais ascéticos, pelo que se constatou, também não se

estendem mais à área vegetada. Abandonada, a cerca é negligenciada, em muitos casos, pelos próprios religiosos, assim como pelos órgãos de proteção ao patrimônio – ou seja, pelos seus principais responsáveis.

Buscando compreender melhor a desvalorização da área de natureza, arriscou-se uma analogia. Ao conceber o diálogo entre os espaços edificados e não edificados dos conventos como um discurso, é possível, talvez, compará-los com a linguagem. Nesta, “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer”. Analogamente, podemos pensar os espaços edificados como o dito e os não edificados como o não dito. Este, para Orlandi (2007), também pode ser denominado de “silêncio” (p. 12). Então, pensemos nos espaços não edificados enquanto o silêncio conformativo dos complexos.

Essa comparação parece mais plausível quando constatamos que a postura diante do não dito é semelhante à postura diante dos espaços abertos do convento: o “silêncio foi relegado a uma posição secundária, como excrescência, como o ‘resto’ da linguagem” (Orlandi, 2007, p.12).

No entanto, “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história”, mas sim “o vazio significante” (Orlandi, 2007, p. 23). Neste sentido, assim como no discurso linguístico, os vazios ou espaços não edificados não são meros complementos da porção construída, eles têm significância própria. A autora fala ainda do silêncio enquanto “fundante”:

E quando dizemos fundador estamos afirmando esse caráter necessário e próprio. Fundador não significa aqui “originário”, nem o lugar do sentido absoluto. Nem tão pouco que haveria no silêncio um sentido independente, auto-suficiente, preexistente. Significa que o silêncio é garantia do movimento de sentidos. Sempre se diz a partir do silêncio. O silêncio não é pois, em nossa perspectiva, o ‘tudo’ da linguagem. Nem o ideal do lugar “outro”, como não é tão pouco o abismo dos sentidos. Ele é, sim, a possibilidade para o sujeito de trabalhar sua contradição constitutiva, a que o situa na relação do ‘um’ com o ‘múltiplo’, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que nos deixam ver que todo o discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa (Orlandi, 2007, p. 23 - 24).

A questão com a qual nos deparamos consiste em como comunicar a partir do silêncio, como tornar o invisível visível? Um caso em particular, dentre as 15 cercas nordestinas do Brasil, onde atualmente vem se buscando uma postura diferente em relação à área, é a cerca pernambucana de Olinda. Em 2014, os frades estudantes e residentes do convento tiveram a ideia de abrir as portas da cerca para visitação. Desta iniciativa surgiu um projeto de integração do espaço ao patrimônio

histórico-religioso do cenóbio através de uma proposta ecoturista. Trata-se de uma intenção interessante, visto que, se as casas religiosas, hoje, configuram-se enquanto museu ou apresentam uso misto, por que não compartilhar sua história e a da Ordem franciscana também pelo viés da natureza?

De acordo com conversa estabelecida com Frei Bruno e com documento preparado pelo mesmo em conjunto com Rafael Campbell e Wallison Bezerra, o projeto prevê um zoneamento da área da cerca para melhor aproveitamento do espaço, conjugando a visitação com a conservação do meio ambiente. Segue zoneamento proposto:

Z-1 área de pomar e pequena horta. A maior densidade de fruteiras estará nesta área, assim como a composteira e a horta que atenderá a necessidade dos frades moradores do convento.

Z-2 área com finalidade educativa, recreativa e esportiva. Nesta área já se encontra um pequeno campo de futebol, que também será utilizado para momentos recreativos e educativos, como apresentações de teatro e gincanas ecológicas. Ainda serão dispostos acentos ao redor desta área, que poderão servir de arquibancada para as atividades esportivas e educativas.

Z-3 área com vegetação própria de mata atlântica com a finalidade de proteger o recurso hídrico que abastece a bica [já existente no local];

Z-4 área com vegetação mais densa, não será visitada pelo público. Tem como finalidade a conservação da fauna e flora⁹⁷.

Diante do estudo realizado sobre a cerca olindense, percebeu-se que o projeto aproveita ao máximo as características de setorização já estabelecidas, mas perdidas com o passar do tempo e com o atual estado de conservação da mesma. Ou seja, verificou-se uma preocupação em interferir minimamente nas qualidades originais da área, trazendo-as, na verdade, ao conhecimento do público. Valorizando-as. Além da importância cultural, em termos ecológicos, estes espaços ainda denotam grande importância, sobretudo para as cidades, à medida que podem ser compreendidas como uma respiração dentro dos núcleos urbanos já tão adensados.

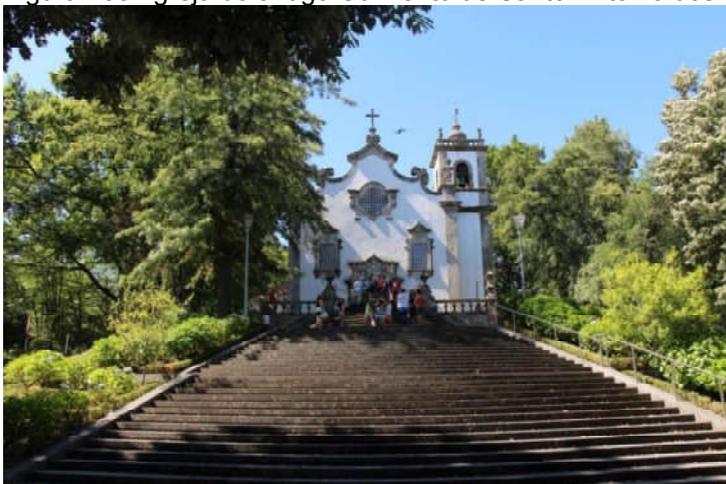
Voltando a viagem realizada a Portugal, visitou-se, na cidade de Viseu, o Parque Aquilino Ribeiro, que consiste em uma parcela da antiga cerca do Convento de Santo Antônio dos Capuchos. Lá, a população usufrui da riqueza natural proporcionada pela área, que guarda muitos dos elementos de outrora. Há o respeito pela manutenção das antigas árvores, os carvalhos, que foram testemunhas

⁹⁷ Projeto preparado por Frei Bruno Fábio Santana, em conjunto com Rafael Campbell e Wallison Bezerra, enquanto alunos do Departamento Acadêmico de Ambiente, Saúde e Segurança (DASS) do Instituto Federal de Pernambuco – campus Recife.

de tantos ritos, de tanta história. Foi comprovado por estudo que um deles apresenta mais de 200 anos – inclusive, já se pensa em classificá-lo como exemplar de interesse municipal.

Sobre o local, uma observação: apesar da beleza e dos ares, de fato, particulares, não há nenhuma informação sobre seu antigo uso. Como hoje também não há mais convento (apenas a capela), esta referência se perde completamente. Acreditamos que, aliado ao reuso, poderiam ser dadas, ao menos, pistas que fizessem alusão sobre os seus significados, que incitassem a curiosidade.

Figura 135. Igreja do antigo Convento de Santo Antônio dos Capuchos – Viseu/Portugal.



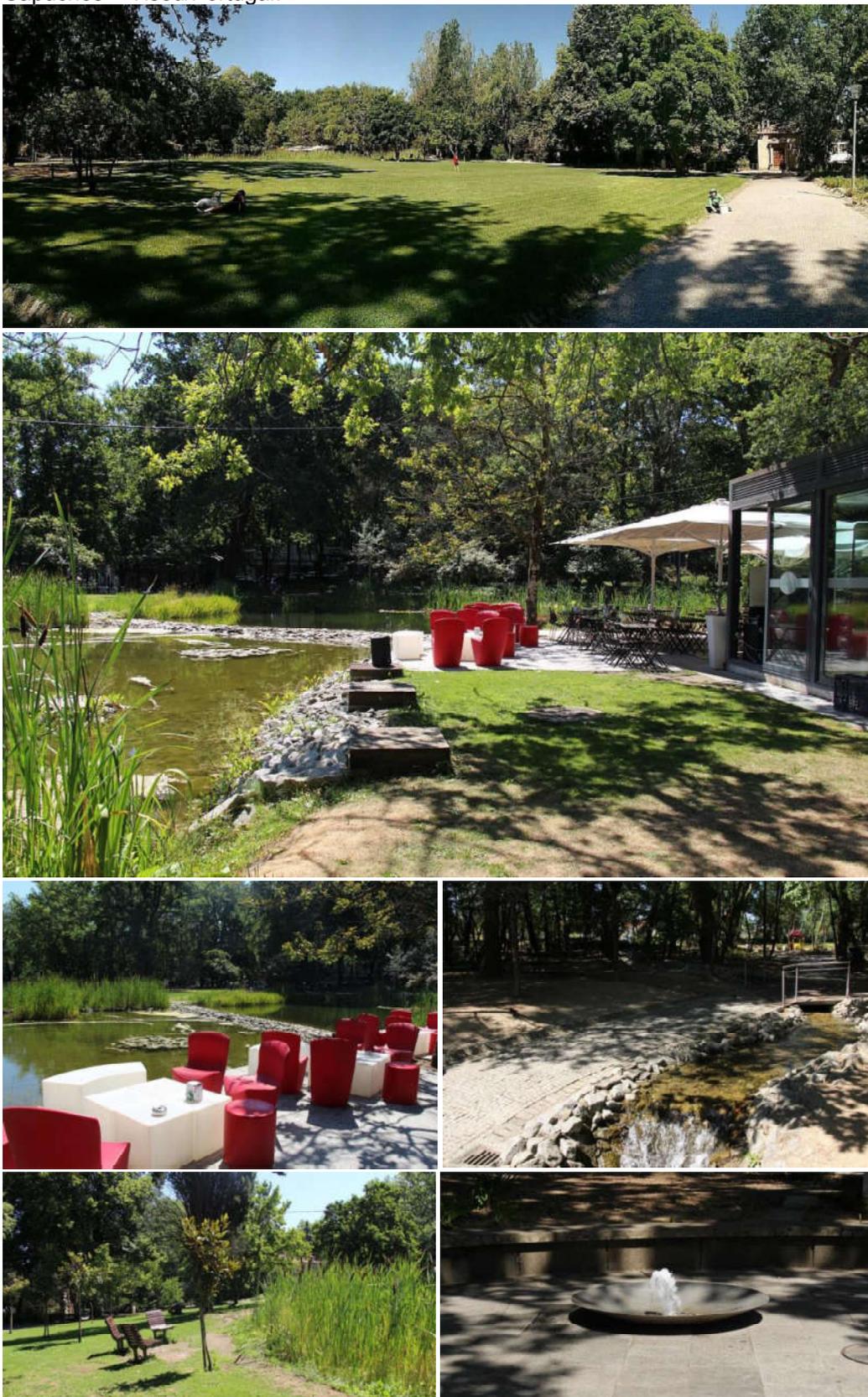
Fonte: Foto da autora, 2017.

Figura 136. Carvalho com mais de 200 anos que passou por estudos recentes e que se encontra guarnido de uma estrutura artificial para mantê-lo.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Figura 137. Parque Aquilino Ribeiro localizado na antiga cerca do Convento de Santo Antônio dos Capuchos – Viseu/Portugal.



Fonte: Fotos da autora, 2017.

Vários são os casos de ambientes naturais que podem inspirar reflexões sobre os possíveis usos das cercas conventuais, atentando, claro, para as particularidades de cada um. Não precisamos ir tão longe para encontrar exemplos inspiradores. No Brasil, temos a casa carioca de Rui Barbosa, que aliado ao edifício, mas funcionando além dele, está o jardim, cuja beleza encanta a quem visita.

Figura 138. Jardim da Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro/Brasil.



Fonte: Fotos disponíveis em <<https://peregrinacultural.wordpress.com/2008/07/02/o-grande-caramanchao-da-casa-de-rui-barbosa/>>. Acesso em: ago. 2017.

As cercas conventuais também se enquadram no que se entende por “jardim histórico”, ou seja, “uma composição arquitectónica e vegetal que apresenta interesse público dos pontos de vista histórico e artístico” e que, neste sentido, deve ser compreendido enquanto “monumento” (ICOMOS, 1981, Artigo 1º). Trata-se de uma composição arquitetônica, “cujo material é essencialmente vegetal e portanto vivo, precíval e renovável” (ICOMOS, 1981, Artigo 2º). Sua composição é determinada pelo seu traçado e topografia; sua vegetação (espécies, volumes, jogos de cores, distâncias e respectivas alturas); seus elementos estruturais e decorativos; e sua água, “em movimento ou parada, refletindo o céu” (ICOMOS, 1981, Artigo 4º).

Expressão da estreita relação entre a civilização e a natureza, lugar de deleite, propício à meditação ou à recriação, o jardim adquire assim o sentido cósmico de uma imagem idealizada do mundo, um ‘paraíso’ no sentido etimológico do termo, mas que é o testemunho de uma cultura, de um estilo, de uma época, e eventualmente da originalidade de um criador artístico (ICOMOS, 1981, Artigo 5º).

Os casos aqui reportados e o breve enquadramento referente aos jardins históricos são exemplos que deixamos, ao fim do trabalho, para nos fazer pensar no futuro desses espaços, na sua salvaguarda⁹⁸ e no compartilhamento de uma história

⁹⁸ Com relação à salvaguarda, a Carta de Florença coloca que os jardins históricos devem ser identificados e inventariados, bem como exige intervenções diversas, de manutenção, de conservação e de recuperação. E, eventualmente, recomenda-se a reconstrução. “A autenticidade de

tão rica, mas silenciada; bem como nos inspirar sobre possíveis reusos, que valorizem áreas tão especiais como as nossas cercas franciscanas, que podem ser compreendidas como a natureza dos conventos – enquanto verde e enquanto essência. Estar nestes espaços é desfrutar de uma vegetação típica e de uma conformação própria que facilmente nos permite viajar no tempo. Com um pouco de informação, seria possível vislumbrar, ao sentar em um banco próximo a uma fonte de água ou em meio à vegetação, as íntimas atividades ali desempenhadas.

um jardim histórico está relacionada quer com o desenho e as proporções das suas várias componentes, quer com os elementos ornamentais e a escolha dos elementos vegetais ou inorgânicos que o constituem” (ICOMOS, 1981, Artigo 9º).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Érica Aprígio de. **Do adro à praça: desenhos e significados da presença franciscana nas cidades de Marechal Deodoro e do Penedo** – AL. 2012. 181f. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

ALVES, Cleide. Bosque franciscano aberto ao público em Olinda. **Jornal do Comércio**, Recife, 19 out. 2014. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2014/10/19/bosque-franciscano-aberto-ao-publico-em-olinda-151561.php>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ALVES, Náiaide. **Paisagens enquadradas: a cidade de Penedo, Alagoas, a partir das janelas conventuais**. UFAL, 2014. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2014.

ARGOLO, José Dirson. **O convento Franciscano de Cairu**. Brasília: Iphan/Minc, 2010.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Volumes I e II. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino, áulico, anatômico & architectonico** (...). Coimbra: Colégio da Companhia de Jesus, 1712-1728.

BOLLE, Willi. **Fiogonomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin**. São Paulo: Edusp, 1994.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BORGES, Nelson Correia. **Arquitetura de Cister na Época Moderna. O claustro: força centrípeta nos espaços da vida comunitária**. In: **As Beiras e a presença de Cister**. MARQUES, Maria Alegria Fernandes (org). Lafões: Sociedade do Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, 2006.

BRANDÃO, Moreno. **História de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1990.

BRAUNFELS, Wolfgang. **Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders**. Londres: Thames and Hudson, 1993.

BUENO, Beatriz Piccalatto Siqueira. **Desenho e Desígnio: O Brasil dos engenheiros militares (1500 - 1822)**. Tese (Doutorado). São Paulo, 2003.

BURITY, Glauce Maria Navarro. **A Presença dos Franciscanos na Paraíba, através do Convento de Santo Antônio**. 2. ed. João Pessoa: Gráfica JB, 2008.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade: dois estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

CAROATÁ, José Próspero S. **Crônica do Penedo**. Maceió, Ed. Do Departamento Estadual de Cultura, 1962.

CONVENTO de Santo Antônio de Igarassu quer ajuda para fazer muro. **Jornal do Commercio**, Recife, 02 dez. 2016. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2016/12/02/convento-de-santo-antonio-de-igarassu-quer-ajuda-para-refazer-muro-262379.php>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Espelho da Perfeição (maior). In TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FERRARE, Josemary Omena Passos. **A preservação do patrimônio histórico: um repensar, a partir da experiência de Marechal Deodoro**. 1996. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Bahia - UFBA. Salvador.

_____. **A cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do "lugar colonial"**. 2006. 2 v. Tese (Doutorado em Arquitetura/História do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. 2006.

_____. In: SILVA, Maria Angélica da; MAGALHÃES, Ana Cláudia; FERRARE, Josemary Omena Passos. (Org.). **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro: Santa Maria Madalena**. Brasília: Iphan/Minc, 2012.

FILHO, Nestor Goulart Reis. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado: FAPES, 2000. (Usina-Brasil 500 anos).

FREYRE, G. **A Propósito de Frades**. Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, 1959.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ICOMOS (1981). **Carta de Florença**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Florenc%CC%A7a%201981.pdf>>. Acesso em: ago. 2017.

JABOATÃO OFM, Frei Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil**, vls. I, II e III, Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980 (fac-simile da Ed. De 1859-1861-1862).

JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JORGE, Virgolino Ferreira. Organização espaço-funcional da Abadia Cisterciense Medieval. In: **As Beiras e a presença de Cister. Actas do I Encontro Cultural de São Cristovão de Lafões**. MARQUES, Maria Alegria F. (coord), 2006.

_____. O sistema hidráulico do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu. In: **Actas III Congreso Internacional sobre el franciscanismo em la Península Ibérica**. El viaje de San Francisco por la Península Ibérica y su legado (1214-2014). v. 2. Ciudad Rodrigo (Salamanca), 2009.

JORGE, Virgolino Ferreira; SILVA, Maria Angélica. O antigo sistema hidráulico do convento franciscano de Penedo (Alagoas, Brasil). In: **Congreso Internacional el Franciscanismo: Identidad y Poder Baeza-priego de Córdoba** (2015), 415-426.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
_____. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2009.

LINS, André Gustavo da Silva Bezerra. **Representações de identidades da Cidade Necessária (modelos e configurações urbanas distintas) na iconografia do Recife Colonial: planos de *Phernam-buquo* do *ante-bellum* à restauração**. 2011. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-12092011-105620/pt-br.php>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

Livro das Crônicas do Penedo I: 1903-1930. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

Livro das Crônicas do Penedo II: 1907-1920. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

Livro das Crônicas do Penedo III: 1931-1974. Acervo da Biblioteca do convento de Nossa Senhora dos Anjos.

MACHADO, Roseline Vanessa Oliveira. **Pernambuco no papel: o desenho de seis vilas coloniais no contexto da representação iconográfica de Albernaz, Marcgrave e Post**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2001.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. **Frades, artistas, filósofos: o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza: ontem e hoje**. 2005. 155 p Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2005.

_____. In: SILVA, Maria Angélica da; MAGALHÃES, Ana Cláudia; FERRARE, Josemary Omena Passos. (Org.). **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro: Santa Maria Madalena**. Brasília: Iphan/Minc, 2012.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

_____. **Seis Conventos, Seis Cidades**. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Nosso Chão: do sagrado ao profano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Nobel: Editora da USP, 1991.

_____. **Cidade no Brasil, em que termos?** São Paulo: Nobel: Editora da USP, 1999.

_____. **Cercas Estigmatizadas, Geratrizes Consumadas**. Comunicação apresentada no Colóquio “A Construção do Brasil Urbano”, em Lisboa/Portugal, 2000.

_____. **Ar livre Barroco?** In: Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. Org. Percival Tirapelli. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.26-33.

MASCARENHAS, José Manuel de. et al. A exploração dos recursos hídricos no convento franciscano de Varatojo (Torres Vedras). In: **Boletim cultural da Assembleia Distrital de Lisboa**, 2009. Série IV. N95. 2º tomo. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/279530999_A_Exploracao_dos_Recursos_Hidricos_no_Convento_Franciscano_de_Varatojo_Torres_Vedras>. Acesso em: ago. 2017.

MELO, Taciana Santiago de. “**Stadtluft macht frei**” (o ar da cidade liberta), o ar dos conventos se moderniza: frades alemães no Nordeste do Brasil. UFAL, 2012. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Universidade Federal de Alagoas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

_____. **Confronting images and reality**: the presence of religion in the urban landscape of Igarassu, the oldest town in Northeast Brazil. In: VI Associazione Italiana di Storia Urbana Congress, 2014, Catania, Itália. VI Congresso AISU: Visibile, Invisibile: percepire la città tra descrizioni e omissioni. Catania: Scrimm Edizioni, 2013. v. VII. p. 2229-2237.

_____. **Registros coloniais inscritos nos mapas da antiga Vila de Igarassu, Pernambuco**. In: 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, 2011, Paraty. **Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, 2011. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio/MELO_TACIANA_S.pdf>. Acesso em 27 mar. 2017.

MERO, Ernani Otacílio. **A História do Penedo**. Maceió: [s.n.], 1974.

_____. **A Província Franciscana no Brasil**. Maceió: SERGASA, 1982.

_____. **Os Franciscanos em Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1982.

_____. **A campanologia de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1985.

_____. **Penedo: templos, ordens e confrarias**. Maceió: SERGASA, 1991.

_____. **Santa Maria Madalena**. Maceió: SERGASA, 1994.

_____. **A Evangelização em Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1995

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MUELLER, Bonifácio. **Convento de Santo Antônio do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

MUNIZ, Bianca Machado. **Escavando a história:** Um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura Militar do século XVII. UFAL, 2010. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2010.

NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos. **Olinda:** uma leitura histórica e psicanalítica da memória sobre a cidade. 2008. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

PRADO, Adélia. 1935. **Poesia reunida.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

PROPOSIÇÃO de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007.

ROMÃO, Simone Lopes. A oralidade na trilha dos holandeses. In: SILVA, Maria Angélica (Org.). **O olhar holandês e o novo mundo.** Maceió: EDUFAL, 2011.

SILVA, M. A.; ALBUQUERQUE, E. A.; MELO, Taciana S. **Paradise in the tropics:** the Franciscan convent and the idea of order in the colonial towns and cities of Northeast Brazil. In: 11th International Conference on Urban History - Cities and Societies in Comparative Perspective, 2012, Praga. 11th International Conference on Urban History - Cities and Societies in Comparative Perspective. Praga: European Association for Urban History, 2012.

SILVA, Maria Angélica da. Franciscanismo, cotidiano, espaços e estéticas. In: SILVA, Maria Angélica da; MAGALHÃES, Ana Cláudia; FERRARE, Josemary.. (Org.). **O Convento Franciscano de Marechal Deodoro:** Santa Maria Madalena. Brasília: Iphan/Minc, 2012.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas.** Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Da cidade de Deus à cidade dos homens:** a secularização do uso, da forma e da função. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

VALENTE, Aminadab. **Penedo sua história.** Maceió, s.ed. 1957.

WILLEKE OFM. **Convento de Santo Antônio de Ipojuca.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, v. 13, p.4-79, 1956.

_____. **A Primeira Ordem se Estabelece no Brasil.** In: Anais do Museu Histórico Nacional, Ministério da Educação e Cultura, 1973, vol. XXIV.

_____. **Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1975.

_____. **Franciscanos na História do Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1977.

_____. **Missões Franciscanas no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

XAVIER, António Manuel. **Das cercas dos conventos capuchos**. Évora: Casa do Sul Editora, 2004.